



CABURÉ

Saberes Acadêmicos
Interdisciplinares

V. 1, N. 1 (2018)

DOSSIÊ
SERTÃO

CABURÉ

**Saberes Acadêmicos
Interdisciplinares**

V. 1, N. 1 (2018)

SERTÃO^{DOSSIÊ}

ISMAR INÁCIO DOS SANTOS FILHO

EDITOR-GERENTE

PEDRO ABELARDO DE SANTANA

EDITOR ADJUNTO

Proposta Editorial

A revista “Caburé - Saberes Acadêmicos Interdisciplinares” tem publicação semestral intercalada por um volume especial. O periódico foi criado em 2017-2018 pela Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, juntamente com grupos e núcleos de pesquisa. O objetivo da “Caburé” é o de divulgar estudos acadêmico-científicos concluídos ou em andamento para/para a iniciação científica. Podem ser ou não pertencentes a grupos de pesquisa, pois entendemos que a iniciação científica pode acontecer nos espaços da sala de aula, dentro de atividades promovidas no ensino, na graduação. Desse modo, esse periódico recebe produções de alunas e alunos de graduação. Tem caráter interdisciplinar, ou mesmo indisciplinar, visto a necessidade de diálogos entre as diversas áreas de saber na produção do conhecimento.

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4 2209

R454 Revista caburé – saberes acadêmicos interdisciplinares / Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, Coordenação de Pesquisa . – v. 1, n. 1 (jan./jun. 2018) -. – Delmiro Gouveia: Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação, 2019.
v. 1 : il., color. ; 30 cm.

Semestral

Modo de Acesso: <http://www.seer.ufal.br/index.php/cabure/index>

1. Pesquisa acadêmica – Periódico científico. I. Universidade Federal de Alagoas – UFAL. II. Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação. III. Título.

CDD: 001

CDU: 001.891

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

Reitora: Maria Valéria Costa Correia

Vice-Reitor: José Vieira da Cruz

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – CAMPUS DO SERTÃO

Diretor Geral: Agnaldo José dos Santos

Diretor Acadêmico: Thiago Trindade Matias

COORDENAÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Coordenador: Ismar Inácio dos Santos Filho

EDITOR-GERENTE

Ismar Inácio dos Santos Filho

EDITOR ADJUNTO

Pedro Abelardo de Santana

COMISSÃO CIENTÍFICA

Flávia Jorge de Lima – UFAL – Campus do Sertão

Fábia Pereira da Silva – UFAL-Campus do Sertão

José Ivamilson Silva Barbalho – UFAL – Campus do Sertão

Agnaldo José dos Santos – UFAL – Campus do Sertão

PARECERISTAS *AD HOC* DESTA EDIÇÃO

Pedro Abelardo de Santana - UFAL

Thiago Trindade Matias - UFAL

Erivânia Virtuoso – IFAL-Marechal Deodoro

Ana Cecília dos Santos – IFMT

Agnaldo José dos Santos – UFAL

APOIO TÉCNICO

Larissa Leobino

BIBLIOTECÁRIA

Renata Oliveira de Souza

REVISOR DE LÍNGUA INGLESA

Josenildo Farias Neto – IFAL-Santana do Ipanema

PROJETO GRÁFICO

Ismar Inácio dos Santos Filho

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Gabriel Batista Oliveira (Mugi)

EDITORIAL

V. 1, N. 1 (2018)

V. 1, N. 1 (2018)

É com grande satisfação que lançamos a primeira edição da *Revista Caburé – Saberes Acadêmicos Interdisciplinares*, periódico científico vinculado à Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação, da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, aos cursos de graduação em Letras, História, Geografia, Pedagogia, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Ciências Econômicas, Ciências Contábeis, núcleos e grupos de pesquisa.

A revista já nasce plural ao contemplar os vários cursos existentes no campus e manterá essa marca da diversidade intelectual nos números futuros, lançados semestralmente, também porque receberá as produções científicas submetidas por estudantes de graduação de outras instituições de ensino e pesquisa da região e de fora dela. Assim, buscará divulgar as nossas pesquisas científicas e manter o intercâmbio com as produções de outras instituições e regiões.

Idealizado pela Coordenação de Pesquisa e Pós-Graduação do Campus do Sertão, o periódico *Caburé* teve seu nome escolhido por meio de votação após consulta por correio eletrônico a professores e estudantes. Caburé é uma pequena coruja que pode simbolizar o sertão. Assim, a revista busca valorizar a beleza da ave e do local onde está sediado nosso campus.

O primeiro número da revista traz o *Dossiê Sertão*, com artigos relacionados ao conceito de sertão, ao território, à cultura, aos aspectos físicos e a políticas públicas voltadas para a área. Os oito artigos aprovados são interdisciplinares.

O artigo intitulado *Evolução histórica da perícia contábil na Justiça Federal de Santana do Ipanema-AL* discute sobre o surgimento da perícia contábil no mundo e no Brasil, além de especular, para os estudantes da área contábil, sobre as potencialidades da região estudada, no sertão de nosso Estado.

O trabalho *Geração de energia elétrica a partir do aproveitamento do biogás gerado por Resíduos Sólidos Urbanos (RSU) no sertão de Alagoas* apresenta os resultados parciais de uma pesquisa em andamento em oito municípios próximos a Delmiro Gouveia sobre o aproveitamento do biogás no sertão alagoano.

Outra contribuição, *A sustentabilidade como proposta de gerenciamento de resíduos sólidos orgânicos aplicadas em um município de médio porte*, também apresenta resultados de uma pesquisa realizada nas escolas do município de Delmiro Gouveia, no alto sertão de Alagoas, a respeito do aproveitamento dos resíduos sólidos orgânicos gerados por elas.

O artigo que recebe o título *A voz, o canto, o coro universitário do Campus do Sertão: Um projeto extensionista e artístico-sociocultural da UFAL* relata as ações do coral do campus ao levar música erudita, popular e regional para a comunidade acadêmica e a sociedade geral.

Em seguida, o artigo *A seca em Alagoas noticiada*, analisa os discursos em notícias sobre a seca veiculados por jornais alagoanos.

O artigo nomeado *No sertão, a chuva: A alegria do(a) sertanejo(a) postada em vídeos pessoais* toma como fonte de pesquisa vídeos sobre a chuva e a seca veiculados no *Youtube* e reflete a respeito da felicidade de sertanejos/sertanejas felizes com a chuva.

O artigo *A construção discursiva da seca em Alagoas em reportagens* traz resultados de uma pesquisa de iniciação científica que toma como *corpus* reportagem para realizar uma análise acerca da construção discursiva do sertão/da seca, analisando recursos linguísticos e semióticos de modo geral.

Em *(Re)visões sobre a surdez: do ENEM à disciplina de Libras na UFAL, Campus do Sertão*, há relatos de dados de uma investigação a respeito das visões no sertão sobre a surdez entre os estudantes aprovados no ENEM do ano 2017 e que depois cursaram a disciplina Libras na universidade.

Desse modo, temos três artigos que refletem **sobre** a noção de “sertão”, a partir da construção discursiva dessa territorialidade em notícias, reportagem e vídeos pessoais, e cinco artigos que abordam estudos desenvolvidos **no** sertão, de modo a problematizar aspectos de atividades (e seus processos) realizadas no âmbito dessa espacialidade.

ISMAR INÁCIO DOS SANTOS FILHO

EDITOR-GERENTE

PEDRO ABELARDO DE SANTANA

EDITOR ADJUNTO

SUMÁRIO

<i>A construção discursiva da seca em Alagoas em reportagens</i>	
	Maria Nadine Batalha Dantas 10
<i>A seca em Alagoas noticiada</i>	
	Maria da Saúde Barros Nascimento 20
<i>No sertão, a chuva: a alegria do(a) sertanejo(a) alagoano(a) postada em vídeos pessoais</i>	
	Rakel Teodoro dos Santos 34
<i>(Re)Visões sobre a surdez: do ENEM à disciplina de LIBRAS na UFAL Campus do Sertão</i>	
	Gabriel Henrique Siqueira Monteiro 49
	Jaqueline Ribeiro Santos
	Cristiano das Neves Vilela
<i>A voz, o canto, o coro universitário do Campus do Sertão: um projeto extensionista e artístico-sociocultural da UFAL</i>	
	Marcel Silva Garrido 61
	Márcio Ferreira da Silva
<i>A sustentabilidade como proposta de gerenciamento de resíduos sólidos orgânicos aplicados em um município de médio porte</i>	
	James Monteiro Dias 71
	Joana Fortes Silva
	Damazio Alencar Siqueira de Farias
	Bárbara Magalhães Simionatto

Rafaela Faciola Coelho de Souza

Geração de energia elétrica a partir do aproveitamento do biogás gerado por resíduos sólidos urbanos (RSU) no Sertão de Alagoas 81

Karla Juliana Cordeiro Costa

Thauany Alves Pastor

Josilane Pereira Melo da Silva

Sanderson Carlos dos Santos Mendes

Evolução histórica da perícia contábil na justiça federal de Santana do Ipanema-AL 91

Iris Karla Virgulino de Souza Cardial

Hélio Felipe Freitas de Almeida Silva

CABURÉ

**Saberes Acadêmicos
Interdisciplinares**

V. 1, N. 1 (2018)

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA SECA EM ALAGOAS EM REPORTAGENS

THE DISCURSIVE CONSTRUCTION OF THE DRY IN ALAGOAS IN REPORTS

Maria Nadine Batalha Dantas

Graduanda em Letras-Língua Portuguesa, pela Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, e pesquisadora iniciante no Grupo de Estudos em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL).
nadinesdantas@gmail.com

Resumo

A partir do contato com a Linguística Aplicada com minha participação como colaboradora no Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e no Grupo de Estudo em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL), desenvolvi este trabalho, que tem como *corpus* uma reportagem impressa em jornal, Gazeta de Alagoas, publicado nos dias 19 e 20 de agosto de 2017. Sobre essa, questiono-me como a mídia tem poder de construir por meio da língua(gem) significados em prol de sentidos que ela quer alcançar. Por isso, faço uma leitura enunciativo-discursiva da reportagem, analisando a interação entre o “eu” e o “outro”, inferindo que o gênero discursivo analisado se utiliza de determinados recursos semióticos verbais e não verbais para construir determinados sentidos sobre a seca.

Palavras-chave: Reportagem; Discurso; Seca; Linguística Aplicada.

Abstract

From the contact with Applied Linguistics and with my participation as a collaborator in the Program of Institutional Scholarships for Scientific Initiation (PIBIC) and in the Study Group on Applied Linguistics in Questions of Sertão Alagoano. (GELASAL), I developed this work, which has as corpus a newspaper article, Gazeta de Alagoas, published on August 19 and 20, 2017. In this work, I wonder how the media has the power to build through language (gem) meanings for the directions that it wants to achieve. Therefore, I make an enunciative-discursive reading of the article, analyzing the interaction between the "I" and the "other", inferring that the analyzed discursive genre uses certain verbal and non-verbal semiotic resources to construct certain meanings about the drought.

Keywords: Reportage; Speech; Dry; Applied Linguistics.

Introdução

Este trabalho está situado na área epistemológica da Linguística Aplicada (doravante LA), arcabouço que busca fazer pesquisa no modo interpretativista, fazendo uma ciência que visa obter dados de forma qualitativa, sem generalizá-los, ao oposto do modo de se fazer ciência cartesiano-positivista, que tem o objetivo de generalizar os dados e os quantificar. Nesse sentido, considera o enunciado na perspectiva de Bakhtin (2004), conforme Santos Filho (2012), isto é, considera a língua viva, concreta e o contexto social. A LA é trans/indisciplinar, pois permite que outras áreas de conhecimento sejam agregadas ao trabalho, como afirma Moita Lopes (2004). Nessa, há atravessamento de outras áreas de investigação, sendo, assim, preciso ir a outros campos de saber se quisermos estudar sobre língua(gem). Dessa maneira, o objeto da LA é a língua(gem), partir da qual se visa entender os sentidos que foram construídos no enunciado.

Brait (2011), pesquisadora dos estudos bakhtinianos, aborda três concepções de língua e as concepções de sujeito a elas atreladas. Para ela, numa primeira concepção, a linguagem é vista como espelho do mundo, noutra, é representada pelos estudos da linguística moderna, que assumem a visão da língua como código, e, numa terceira, a língua é tratada como lugar de interação, noção que será útil para as reflexões desta pesquisa.

Nesse estudo, a leitura enunciativo-discursiva é realizada identificando o gênero discursivo, pois, confirma afirma Bakhtin (2016), a língua se efetua em forma de enunciados que podem ser orais ou escritos (no caso do *corpus* deste trabalho é um enunciado escrito) que são concretos e únicos, entendendo que há elementos, o conteúdo temático, o estilo e a composição, que são determinados pelo campo de comunicação do discurso.

No que se refere ao *corpus*, sua esfera comunicativa é a jornalística, que busca informar, que, conforme Charaudeau (2006), é essa transmissão de conteúdos que a mídia realiza, sendo necessário compreender a função do gênero discursivo, nesse caso a reportagem impressa. Charaudeau (2006) aborda que as mídias são obstinação de poder que manipulam eles próprios e a si mesmo, não transmitindo o que ocorre na realidade social, mas construindo uma representação que toma o lugar de realidade, pois não existe uma verdade dada, e sim uma construção de sentidos por meio de significados. Nessa perspectiva, a análise neste trabalho é da reportagem impressa, publicada no jornal da Gazeta de Alagoas, nos dias 19 e 20 de agosto de 2017, que é o *corpus* deste artigo. Esse gênero discursivo busca informar aos seus telespectadores, aos leitores do jornal, não representando o mundo, mas construindo uma realidade.

A respeito disso, não se pode tomar essa compreensão apenas entendendo a língua como sistema, mas a interação dos sujeitos que se evidenciam no discurso, sendo, portanto, conforme já dissemos, a realização da leitura enunciativo-discursiva, na qual se entende o enunciado como uma atividade em que há uma interação entre um “eu” e “outro”, onde há propostas de sentidos e tentativas de se produzir sentidos. Foge-se, assim, da ideia de leitura como decifração de códigos (SANTOS FILHO, 2012).

A noção de seca

Neste trabalho, umas das questões a ser estudadas é a noção de seca, entendendo que essa é recorrentemente compreendida como “vilã”, estereotipia que pode ser observada em diversos gêneros discursivos (*outdoor*, artigo acadêmico, vídeo, dentre outros), inclusive pelos gêneros jornalísticos midiáticos, tais como notícia e reportagem. Como aborda Albuquerque Jr. (2011), a discussão sobre a seca passa a ser vista como um problema de um dado espaço, aspecto que generaliza uma região, o Nordeste, por reafirmar um discurso de terra rachada, da fome e da miséria. Essa região é, então, construída discursivamente, numa relação endógena entre Sertão/Semiárido/Nordeste, a partir da seca de 1877-1879, cenário a partir do qual foi inventado o Nordeste. De acordo com esse historiador,

A invenção do Nordeste, a partir da reelaboração das imagens e enunciados que construíram o antigo Norte, feita por um novo discurso regionalista, e como resultado de uma série de práticas regionalistas, só foi possível com a crise do paradigma naturalista e dos padrões tradicionais de sociabilidade que possibilitaram a emergência de um novo olhar em relação ao espaço, uma nova sensibilidade social em relação à nação, trazendo a necessidade de se pensar em questões como a da identidade nacional de se pensar uma cultura nacional, capaz de incorporar os diferentes espaços do país. (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 52).

As relações no Nordeste que conhecemos hoje são diferentes totalmente daquele Nordeste coronelizado do início do século XX, em que se costumava trocar favores por hospedagem e cultivar a relação de apadrinhamento entre o trabalhador da fazenda e o patrão, conhecido também de forma regional como coronel. Essa mudança ocorrida nos hábitos foi devido à modernização (República do Café com Leite), gerando uma reviravolta no que antes era apenas Norte, passando, posteriormente, parte, a ser Nordeste, devido a interesses políticos, ideológicos e financeiros. Segundo o historiador Albuquerque Jr. (2011),

No antigo Norte, vive-se um período de crise acentuada, com mudanças também substanciais que advêm do processo de aprofundamento de sua dependência econômica, de sua submissão política em relação às outras áreas do país, do seu problema de adoção de uma tecnologia mais avançada e de assegurar mão de obra suficiente para atividades. (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 52).

Nesse sentido, conforme argumenta Molion (2016), a expressão “seca no Nordeste” é pleonástica, porque para ele, o Nordeste é semiárido, já que existe uma grande demanda de evaporação. Assim, tanto Albuquerque Jr. (2011) quanto Molion (2016) enfatizam que há uma elaboração pejorativa nessa região pela relação endógena Nordeste/Sertão/Semiárido devido ao fenômeno climático seca. Assim, com Albuquerque Jr. (2014), entendemos que a seca é pensada como agonia do sertão, em que tudo morre, e tudo demonstra uma agonia, envolvendo a natureza e o próprio homem resultando em uma morte lenta.

Albuquerque Jr. (2011) argumenta que foi a partir da seca de 1877-1879 que nasceu o discurso em que foi inventado o Nordeste, pelo fenômeno “seca”, que ganhou relevância construindo uma estereotipia que é mantida até hoje. Contesta que a seca é a “vilã”, a grande causadora da fome, miséria que assola o

Sertão/Nordeste, mas um déficit hídrico para o qual se precisa de políticas públicas de convivência. Desse modo, para esse historiador,

Quando se toma o objeto do Nordeste como tema de um trabalho, seja acadêmico, seja artístico, este não é um objeto neutro. Ele traz em si imagens e enunciados que foram fruto de várias estratégias de poder que se cruzaram; de várias convenções que estão dadas, de uma ordenação consagrada historicamente. São configurações possíveis dentro daquele universo; são tipos e estereótipos construídos como essenciais. (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 217).

A esse respeito, com a minha participação como colaboradora no GELASAL, realizei estudos linguísticos, enunciativos-discursivos, que buscam compreender como a reportagem selecionada constrói discursivamente a seca no Sertão de Alagoas, buscando entender também o gênero discursivo tomado como objeto dessa pesquisa, já que os sentidos sobre a seca podem ser construídos de forma diferente em outro gênero.

A análise enunciativo-discursiva e a Linguística Aplicada na pesquisa

Saber ler é muito mais do que apenas decodificar o sistema, os sentidos agrupados, as palavras. Saber ler é entender o funcionamento do sistema, descrevendo-o e interpretando-o. Ao encarar a leitura como um processo enunciativo-discursivo, em que sujeito/pesquisador sairá do modo cartesiano-positivista, que encara a língua como abstrata, compreendemos no uso da língua um sujeito situado, ativo, capaz de realizar escolhas. Assim, na leitura vemos *“um processo interativo de construção de sentidos por parte do leitor; mesmo que nem sempre a atribuição de significado seja consciente”* (SCHWARZBOLD, 2011, p. 21). Desse modo, ao realizar a leitura, tanto o “eu” quanto o “outro” construirão sentidos conscientemente/inconscientemente. No conceito da enunciação concreta, o Círculo de Bakhtin,

(...) compreende o texto como um enunciado, como uma “fala” de um “eu” em direção a um “outro” em um dado momento histórico, que também é político e ideológico. Assim, para ele, os sentidos dos textos não estão presos às palavras ou às estruturas da língua, diferentemente, os sentidos são forjados na relação entre esses sujeitos que “dialogam” naquele texto. (SANTOS FILHO, 2012, p. 33).

Nesse sentido, realizar uma leitura enunciativo-discursiva perpassa por compreender a atribuição de sentidos à estrutura do texto, permitindo, assim, compreender o texto como enunciado, a partir do qual se deve considerar o gênero discursivo em que o texto (enunciado) se encontra, o veículo de comunicação, o perfil psicossocial do outro, a função que esse objeto exerce, além de compreender o contexto histórico em que foi produzido. Assim, o sujeito pesquisador poderá, a partir desse tipo de leitura, ser capaz de descrever, interpretar e produzir significados sobre o texto.

Por essa perspectiva de leitura, são necessárias análises linguísticas sobre as escolhas, mas não apenas uma análise linguística baseada no padrão cartesiano-positivista que apenas está interessado em descrever a língua, generalizando dados de forma quantitativa, mas compreender a enunciação concreta que deve ser feita a partir de uma análise indisciplinar. Sobre isso, Brait (2011) fala sobre as possíveis dialogicidades do enunciado com enunciados anteriores.

Por essas considerações, a Linguística Aplicada é a área de estudos deste trabalho, pois visa por meio da leitura enunciativo-discursiva interpretar o enunciado, de modo indisciplinar (MOITA LOPES, 2004), agregando conhecimentos de outras áreas, além da Linguística.

Análise enunciativo-discursiva da reportagem impressa do jornal Gazeta de Alagoas

O enunciado é sempre situado em um contexto, que pode ser histórico e/ou social e, por isso, segundo Bazerman (2015 p. 163), “*os significados são construídos situacionalmente pelos participantes na interação, na medida em que interpretam a intenção nas palavras proferidas uns pelos outros*”. Assim, em uma leitura, é necessário perceber as escolhas que foram preferencialmente selecionadas, a fim de ser construído determinado sentido sobre o enunciado. É nesse caminho que o *corpus* da pesquisa, que é a reportagem impressa do jornal Gazeta de Alagoas, intitulada “Sertão revive tempo de fartura”, é analisada.

Inicialmente, é preciso entender esse gênero discursivo, a reportagem, pois os sentidos podem ser construídos diferentemente a partir de diversos enunciados. A reportagem em leitura é composta de três partes, quais sejam, o título, que geralmente usa verbos no presente do indicativo, como podemos perceber inicialmente a forma verbal “revive”, o *lead*, que é uma espécie de parágrafo com uma informação básica sobre o texto, com informações que serão aprofundadas mais adiante no corpo do texto, e o corpo do texto.

A funcionalidade da reportagem é informar ao telespectador, quando a reportagem é televisiva, e/ou leitor, no caso do jornal impresso, sobre determinado assunto, mas, como o gênero pertence à esfera midiática, devemos ter a noção de que não existe uma representação da verdade, mas ela será construída a partir dos significados, dos arranjos, dos usos semióticos que se moldarão para construir a ideia e configurar a verdade que se quer passar ao leitor e/ou telespectador. Segue o *corpus* do trabalho.

Figura 01: Recorte da reportagem impressa “Sertão revive tempo de fartura.”

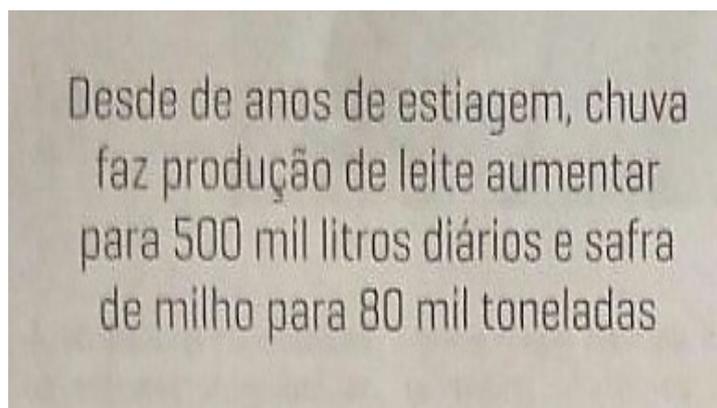
Fonte: Gazeta de Alagoas, 19 e 20 de agosto de 2017.

Neste contexto, a reportagem é um texto impresso que foi publicado no fim de semana, para os dias 19 e 20 de agosto em 2017, devido a chuvas constantes na região do Sertão. A reportagem se encontra na sessão de economia do jornal. Sobre isso, já podemos pensar qual o motivo desse texto ser publicado sob essa rubrica. Certamente porque o enunciado trata de “estiagem”, “chuva”, “gado”, “fartura”, isto é, bons resultados para quem busca lucrar com a pecuária e a agricultura. Por isso, para compreender o enunciado é necessário entender qual o perfil psicossocial do “eu” e do “outro” que está em evidência, pois, assim, entenderemos as escolhas que foram usadas para compor o enunciado.

Na reportagem em destaque, o “eu” utiliza a seção de economia, que aparece intitulada em vermelho, no jornal Gazeta de Alagoas impresso, para circular sobre o “tempo de fartura” que o Sertão (re)vive, marcação linguística, que está localizada no título, também destacado em vermelho. Desse modo, refletimos sobre o motivo desta escolha semiótica e quais significados são aí propostos.

Antes do título, há a menção: “Esperança. Com a vegetação verde e rios e açudes cheios, agricultura e pecuária começam a se recuperar”, na qual a primeira palavra “esperança” também é destacada em vermelho. Com isso, percebemos inicialmente que há destaque para o uso semiótico vermelho preenchido, no sentido de, possivelmente, marcar palavras-chaves, quais sejam, “esperança”, “economia” e “tempo de fartura”, que certamente remetem à prosperidade e a bons tempos que virão, porque está chovendo no Sertão. Ainda no sintagma “[...] agricultura e pecuária começam a se recuperar”, o verbo no infinitivo “recuperar” supõe que antes do período das chuvas a região que (re)vive “tempos de fartura” era castigada pela seca. Observemos o *lead*:

Figura 02: *Lead* da reportagem “Sertão revive tempo de fatura”.



Desde de anos de estiagem, chuva
faz produção de leite aumentar
para 500 mil litros diários e safra
de milho para 80 mil toneladas

Fonte: Gazeta de Alagoas, 19 e 20 de agosto de 2017.

Interpretamos, então, que não há o uso de seca para caracterizar a região, que sofre por falta d'água, mas ao invés disso a falta d'água é eufemizada pelo uso da palavra “estiagem”. A ideia é proporcionar sentidos de que a região não sofra uma estigmatização, porque “estiagem” seria diferente de “seca”. Ou seja, se fosse usado a palavra “seca”, possivelmente o “outro” do enunciado poderia concluir que a região passa por momentos mais difíceis, já que o uso de “seca” poderia ser negativo, relacionado, assim, a região à fome, à miséria, já que, conforme pontua Albuquerque Junior (2011, p. 139), *“a seca é responsabilizada inclusive, pelos conflitos sociais na região”*.

No corpo da reportagem, percebemos algumas comparações que soam até literariamente, a exemplo de “as barragens sangram junto com o olhar dos micro e pequenos agricultores”. Nesse uso do verbo “sangrar”, está a ideia de que quem sangra é porque está com vida, está vivendo. Isso pode também ser interpretado até mesmo no título da matéria, quando é dito que o sertão “revive”, no uso do verbo “reviver”, que do mesmo modo conota vida. Assim, os sujeitos que lidam diretamente com a agricultura ficam satisfeitos a se depararem com essa situação de chuvas e vida no sertão.

Na sequência, é colocado o sintagma “a esperança floresce por todos os lados”, também dialogando com esse sujeito que agora pode investir em uma terra mais próspera. Em um outro momento, é dito que o gado lentamente está ganhando peso e melhorando seu valor econômico e o leite é comparado ao “ouro branco”, no trecho que informa que *“a produção de leite dobrou para 500mil/dia e aumenta a cada momento, a ponto de comprometer o valor do ‘ouro branco’ no mercado consumidor por causa da abundância que provoca queda de preço”*. Entretanto, essa informação é dada como problema, porque não existe tecnologia que estoque a grande quantidade de demanda de leite. Mas, por outro lado, a informação enche os olhos de empresários que lidam com esse tipo de ramo, o leiteiro.

Nesse sentido, já percebemos que o “outro” do enunciado são pecuaristas, empresários do ramo de leite, possivelmente tomados como interessados em investir nesta região que está vivendo tempo de fartura, como é informado no início e em toda a reportagem. Em outro parágrafo, informa que “os programas foram impulsionados no ano passado, mas enfrentaram problemas por causa da estiagem”. Mas, agora, o tempo ajuda o investimento no melhoramento genético do

rebanho. Ao final da reportagem, é dito que o estado de Alagoas é o terceiro que mais cresceu no Nordeste, fato que só viria a confirmar que é uma ótima oportunidade para investir no sertão de Alagoas.

Considerações

Na leitura realizada, a relação de discurso produzida sobre a seca parte de uma estigmatização sobre a região Nordeste, o semiárido e o Sertão, devido ao seu fenômeno climático (MOLION, 2016), a seca. Isso acontece por meio de construções discursivas nas quais a mídia intensifica esse discurso a partir do momento que manipula o leitor com o uso de recursos verbais ou não verbais, em seu caráter multissemiótico.

A esse respeito, é importante compreendermos que o discurso de combate à seca vem se perpetuando por mais de um século e, continuando assim, não irá acabar, porque não se pode enfrentar algo que não existe, conforme Schistek (2017), pois, para ele, a seca é somente a falta de chuva, aspecto comum no clima semiárido. Nesse tipo de discurso, percebemos que a seca é o argumento fundamental usado em um discurso interesseiro e de estigmatização por causa do clima semiárido que possui o sertão nordestino.

Seguindo esse tipo de discurso, a seca é trazida como problema na reportagem, mas ao longo dela é suavizada com expressões linguísticas e não linguísticas, que trazem outras informações sobre a seca, que, agora, quando mencionada, é “estiagem”, pois o interesse é usar a “chuva” como recurso principal de atração para o destinatário. Assim, objetiva que ao invés de ser tratada como um dado climático, a seca, que é a característica semiárida do Sertão, é construída, mesmo que implicitamente, enquanto problema social, fortalecendo o discurso tradicionalista criado sobre a seca e a região nordestina no início do século XX pela elite nortista.

18

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. A poesia do sol: o discurso popular sobre a seca. In: Gian Carlo de Melo Silva e Gustavo Manoel Gomes. **Memória, história e cordel em Alagoas: teorias, práticas e experiência**. Maceió: EDUFAL, 2014. p. 62- 88.

_____. E preciso dissolver esse Nordeste! 10min 26seg. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=tZ e-EK19Y> >. Acesso em 22 de mar. de 2017.

_____. Café filosófico com Durval Muniz. 48min 32seg. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v= nGHeVZZmHM> >. Acesso em 19 de maio de 2018.

_____. Entre um café, uma prosa com Durval Muniz - parte 1. 20min 05seg. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=j74HtEJS48U> >. Acesso em 22 de maio de 2018.

_____. Entre um café, uma prosa com Durval Muniz - parte 2. 18min 48seg. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=epc3cnILBf8> >. Acesso em 06 de jun. de 2018.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAZERMAN, Charles. O mundo no texto: indexado e criado. In. _____. **Teoria da ação letrada**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 163-180.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da Moita. Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos linguísticos. Belo Horizonte: **Scripta**, 2004. p. 159-171.

SCHISTEK, Haroldo. O desconhecimento da caatinga e o mito da seca. In: Biomas brasileiros e as teias da vida. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, nº 500, 03, 2017. p. 46-50.

SCHWARZBOLD, CAROLINE. **Desenvolver a competência leitora: desafio ao professor do ensino fundamental**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2011.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. **Do dialogismo Bakhtiniano: interdiscurso e intertextualidade**. Arapiraca, UNEAL, 2012.

CABURÉ

**Saberes Acadêmicos
Interdisciplinares**

V. 1, N. 1 (2018)

A SECA EM ALAGOAS NOTICIADA

THE DRY IN ALAGOAS IN THE NEWS

Maria da Saúde Barros Nascimento

Graduanda do curso de Letras-Língua Portuguesa, na UFAL-Campus do Sertão.
Trabalho que fez parte do estudo realizado dentro do projeto de pesquisa intitulado *A construção enunciativo-discursiva da seca em Alagoas*, pertencente ao Grupo de estudos em Linguística Aplicada em questões do sertão alagoano (GELASAL), vinculado ao PIBIC 2017-2018.

sanasc364@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo fazer uma análise da seca discursivamente construída em notícias de jornais que circulam em Alagoas, procurando compreender quais os discursos que circulam e que sentidos são forjados a esse respeito, se são discursos de convivência com a seca ou de enfrentamento com essa, compreendendo a língua por uma perspectiva transversal, percebendo a prática social por uma perspectiva da Linguística Aplicada. Após as análises, compreendemos que o discurso que se repete nas notícias analisadas é o discurso que coloca a seca como culpada pelos problemas vividos pela população sertaneja, nordestina, precisando, portanto, ser enfrentada, combatida, e não um discurso de convivência. Logo, trata-se de um discurso político que não compreende a seca como sendo um fenômeno natural da região, já que se trata de uma região semiárida, em que ocorre um *déficit hídrico*.

Palavras-chaves: Nordeste; Seca; Enunciação; Discurso.

Abstract

Abstract

This article aims to make an analysis of the drought discursively constructed in news from newspapers that circulate in Alagoas, trying to understand which discourses circulate and what meanings are forged in about them, whether they are discourses of coexistence with drought or confrontation with this, understanding the language through a transversal perspective, perceiving the social practice from a perspective of Applied Linguistics. After the analysis, we understand that the discourse that is repeated in the analyzed news is the discourse that places the drought as a culprit for the problems experienced by the population of the Northeast, and therefore needs to be opposed, not a discourse of coexistence. Therefore, it is a political discourse that does not understand drought as a natural phenomenon of the region, since it is a region in which a water deficit occurs.

Keywords: Northeast; Dry; Enunciation; Speech.

Considerações iniciais

Sempre que alguém fala de Sertão, Semiárido ou Nordeste, logo surge no pensamento uma ideia de lugar seco, sem vida, atrasado, isso porque esse espaço, essa região, é conhecido(a) como a região da seca. Mas, Molion (2016) explica que a seca é parte do clima dessa região, que, sendo uma região semiárida, o Semiárido, o Sertão, o Nordeste, tem um “déficit hídrico”, pois dependendo da área pode chover da ordem de 500mm a 800mm, enquanto a demanda de evaporação é da faixa de 2.500 mm.

Logo, são necessárias políticas de convivência com a seca, pois, segundo esse meteorologista, existem outras regiões no mundo que também têm o clima semiárido, em algumas até em situação pior, mas que não são comentadas porque em muitas dessas áreas já realizaram políticas públicas para conviver bem com esse clima. Albuquerque Júnior (2011) também se refere à seca como um fenômeno climático sobre o qual historicamente vem sido impressos significados. Mas que discursos realmente circulam sobre esse fenômeno nos diferentes gêneros discursivos? Tentando responder essa pergunta, o intuito deste trabalho foi fazer uma análise enunciativo-discursiva sobre a seca no gênero *notícia de jornal* que circula em Alagoas, procurando compreender que discursos circulam e que sentidos são forjados sobre esse fenômeno, se são discursos de convivência com a seca ou de enfrentamento a ela.

Para realizar essa análise, focalizamos na área da Linguística Aplicada (doravante LA), que se afilia ao modelo interpretativista de fazer pesquisa, interessando-se em analisar os discursos para interpretar como as práticas sociais constroem as práticas discursivas, assim também como as práticas discursivas constroem as práticas sociais, mobilizando, assim, a leitura enunciativo-discursiva, entendendo o texto como um enunciado que envolve um sujeito, o “eu”, que fala para “outro”. Na leitura enunciativo-discursiva, vamos procurar respostas para questões como: quem produziu o texto? Para quem foi produzido? Qual o papel social?, dentre outras. Dessa maneira, serviram de base teórico-metodológica Albuquerque Jr. (2011; 2014; 2017); Bakhtin (2016); Molion (2016), Moita Lopes (2006); Bazerman (2015); Bortoni-Ricardo (2008); Santos Filho (2012), dentre outros

Esse estudo torna-se relevante uma vez que proporciona a ampliação de uma postura proativa, com capacidade para lidar de forma crítica com os usos da linguagem, percebendo que através da linguagem é que se constrói o mundo, e não ao contrário, além de construir novos olhares para a territorialidade. É importante também pois possibilita ir além de só estudar conceitos da teoria, possibilitando a prática da pesquisa, refletindo, assim, sobre os objetos empíricos.

Esse trabalho está dividido em quatro etapas, nas quais, no primeiro momento falamos da área na qual a pesquisa está situada, a LA, apresentando a LA como uma área no modelo interpretativista de fazer pesquisa, aquele que leva em consideração o social e não apenas o sistema da língua, discutimos também sobre a metodologia a ser utilizada, “a etnolinguística da fala viva”. Em seguida, apresentamos um histórico da seca e da região Nordeste, argumentando como os discursos sobre seca e Nordeste estão imbricados no imaginário das pessoas, fazendo, assim, um percurso sobre como surgiu essa região e como a seca está atrelada a essa invenção, assim, explicamos como essa invenção está atrelada ao

discurso da estereotipia. Logo depois, fazemos a análise do *corpus* e, por fim, as considerações finais.

Linguística Aplicada: por uma “etnolinguística da fala viva”

Como já foi mencionado, para fazermos nossa análise, focalizamos na área da LA, de modelo interpretativista de fazer pesquisa, tendo o social como um dos principais componentes. Nesse modelo de estudo, não interessa estudar a língua em si e por si, e sim analisar os discursos, para interpretar como as práticas sociais constroem as práticas discursivas, e vice-versa, procurando saber de que maneira as estruturas linguístico-discursivas são usadas para construir os efeitos de sentidos desejados, interpretando os discursos e como esses “influenciam” e são “influenciados” a/pela sociedade. Ou seja, procura-se “respostas” na própria sociedade. Entende-se que a língua(gem) é um processo que acontece durante a interação de um “eu e um “outro”, situados social, cultural e historicamente. No Brasil, um dos maiores pesquisadores de LA é o professor Luiz Paulo da Moita Lopes, que faz uma discussão bastante interessante em seus textos, discutindo sobre “*a necessidade de pensar uma Linguística Aplicada (LA) que dialogasse com teorias que estão atravessando o campo das ciências sociais e humanas*” (MOITA LOPES, 2006, p.14).

Sobre o paradigma interpretativista, Bortoni Ricardo (2008) diz que

(...) não há como observar o mundo independente das práticas sociais e significados vigentes. Ademais, e principalmente, a capacidade de compreensão do observador está enraizada em seus próprios significados, pois ele (ou ela) não é um relator passivo, mas um agente ativo. (BORTONI-RICARDO, 2008).

Porém, ao realizar uma pesquisa por um viés interpretativista, não significa, no entanto, que se deixa de lado totalmente o trabalho com a descrição, pelo contrário, na análise é necessário observar e descrever os usos linguísticos para depois interpretar, procurando saber o porquê de determinadas escolhas linguístico-enunciativas e não outras.

Ao procurar compreender as práticas sociais, a LA procura focalizar nas práticas discursivas e, para isso, busca relações com outras áreas do conhecimento. Para Moita Lopes (2004), a LA é uma área indisciplinar, na qual o foco é a língua em uso, isto é, focaliza na língua(gem), visando a compreensão da vida. E o que significa dizer que um modelo é indisciplinar? Significa dizer que dependendo do caminho que a pesquisa for seguindo, o pesquisador irá buscar respostas na Geografia, na História, nas ciências sociais e humanas, por exemplo, ou em qualquer área, desde que seja relevante para a pesquisa, pois, como diz Moita Lopes (2004),

A área de estudos da linguagem não deve permanecer isolada de outras Ciências Sociais e Humanas. Acredito que só é possível focar mais adequadamente a linguagem em uso...na contemporaneidade se nos familiarizarmos com o que sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais e culturais, geógrafos, historiadores, estudiosos da literatura etc. estão apontando sobre

a natureza da vida social de nossos dias. (MOITA LOPES, 2004, p.164).

Nesse sentido, compreendemos que a língua(gem) se dá no processo enunciativo discursivo-discursivo, e o procedimento metodológico, o procedimento de análise, se dá pelo que podemos chamar de “etnolinguística da fala viva”, que, segundo Bakhtin/Volochinov, conforme Santos Filho (2016, p.5), tem como objetivo de estudos

(...) o mundo dos significados, os estudos das relações dialógicas, os processos das atividades de homens e mulheres com e sobre a linguagem nas relações sociais, entendendo que a língua não deve ser separada de seu conteúdo ideológico. Língua e sujeitos são situados (SANTOS FILHO, 2012, p. 50).

Nessa perspectiva, entendemos que em determinada época se pensa de determinada maneira, e dependendo do contexto os usos linguísticos vão se diferenciar, assim, também, como a forma pela qual as pessoas enxergam o mundo.

Dessa forma, é importante trazer para a pesquisa a ideia de texto como enunciação, na qual, segundo Bakhtin/Volochinov (2004 [1929]), o texto é uma manifestação do “eu” em direção a um “outro”, em determinada situação e contexto histórico. Nesse sentido, a enunciação possui duas faces, a do locutor e a do interlocutor, que estão em um contexto histórico, político e social, no qual “*os significados são construídos situacionalmente pelos participantes na interação, na medida em que interpretam a intenção nas palavras proferidas pelos outros*” (BAZERMAN, 2015, p.163).

Além disso, “*as enunciações respondem a enunciações anteriores, de modo que ‘cada enunciação refuta, afirma, suplementa e conta com as outras, pressupõem conhecidas e, de alguma forma, as leva em consideração’*” (BAKHTIN, 1986 *apud* BAZERMAN, 2015, p.164). Ou seja, o enunciador precisa levar em consideração os seus conhecimentos sobre algo e os conhecimentos do coenunciador. Dessa forma, a enunciação “*é também histórica porque é um ‘elo’ em uma cadeia de enunciado*”. (SANTOS FILHO, 2012, p. 50).

Para uma melhor compreensão dessa relação, no terceiro tópico fazemos a análise das notícias, mas, para que se possa fazer a interpretação de um determinado texto, é importante ter em mente a noção de gênero discursivo, pois, saber qual é o gênero de um texto e quais suas características e funcionalidade é essencial no início de uma análise, pois o gênero é quem “*fornece, então, meios para tipificar e reconhecer o significado e importância de textos, bem como a situação e a atividade de que os textos fazem parte*” (BAZERMAN 2015, p.168).

Nesse sentido, segundo Bakhtin “*cada gênero do discurso em cada área de comunicação discursiva tem sua própria concepção típica do destinatário, e isto o define como gênero*” (BAKHTIN, 1986 *apud* BAZERMAN, 2015, p. 168). Ainda:

(...) conceitua-se gênero a partir de critérios: as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas da atividade humana, o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo. Nesse contexto, os gêneros têm uma forma relativamente estável, que os falantes reconhecem e usam, uma vez que a linguagem só se realiza em gêneros. (BENASSI, 2007, p.1792).

Com essa abordagem, falamos um pouco sobre a LA, área que focaliza a língua em sua relação com as práticas sociais. Discutimos, também, a respeito da noção de indisciplina nessa área e apresentamos o procedimento teórico-metodológico utilizado para fazer a análise, que se dá pelo que podemos chamar de “etnolinguística da fala viva”. No próximo tópico, apresentamos uma discussão sobre como se deu a construção da região que hoje é chamada de Nordeste e de como o fenômeno climático seca está imbricado nessa construção.

A seca e o Nordeste

Como já foi mencionado, a região Nordeste é uma região semiárida, portanto, como argumenta Molion (2016), o sintagma “*seca no Nordeste*” é pleonástico. Dessa maneira, esse é um clima que sempre existiu nessa região, não sendo algo do momento, e sim algo histórico, e que precisa ser visto como tal, assim também perceber que não é apenas um fenômeno exclusivo da região. Mas, a pergunta que fazemos é: essa região conhecida por Nordeste sempre existiu? Não é a resposta! Segundo Albuquerque Júnior (2011), nem sempre a região hoje denominada Nordeste foi assim conhecida. Logo, ela não é uma região natural, tendo surgido a partir de 1910, de necessidades provindas das mudanças que vinham ocorrendo na sociedade, tendo a seca como um dos principais aspectos para o seu surgimento. Esse historiador argumenta que foi uma região discursivamente construída, através de discursos estereotipados, aqueles que definem o outro em poucas palavras, apagando as diferenças que existem, pegando poucas características comuns e colocando como se fossem únicas. Nas palavras do autor,

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 30).

Nesse sentido, portanto, esses discursos configuram-se como um conjunto de fragmentos imagéticos e enunciativos, uma construção histórico-discursiva, que constrói a subjetividade das pessoas, pois essas incorporam e repassam tais discursos. A esse respeito, é possível afirmar que o fenômeno da seca é o motivo pelo qual a estereotipia seja mantida. Mas, porque isso acontece(u)?

Isso ocorreu devido às novas relações de trabalho que vinham surgindo com o avanço da modernidade, a partir do século XIX, já que os camponeses deixaram de ser livres e passaram a participar das novas relações de trabalho, no bojo do capitalismo, em uma relação de exploração. Foi exatamente durante esse período de mudanças sociais que ocorreu a grande seca de 1877, passando, portanto, a ser vista como a culpada de todo o sofrimento da população. Como Albuquerque Junior (2016, p.72) argumenta, “*a seca de 1877 e as seguintes surgem como síntese de uma situação de crise do mundo tradicional e sua substituição por relações onde predominam um novo tipo de exploração e dominação*”.

A elite nortista se utilizou desses discursos para conseguir verbas para a região, argumentado que o Norte era uma região necessitada por causa da seca e que necessitava de recursos, diferenciando-se das demais. Dessa forma, o que antes era apenas a região Norte, a partir desses discursos da elite se separa em região Norte e Nordeste. A partir desse fato, surge um discurso do que seria o Nordeste e, assim, também o nordestino, passando a serem vistos tanto pela mídia, como na fala das pessoas, como sendo o lugar da fome, da miséria, da seca, dos homens e mulheres rústicos, sem modernidade, enfim, um Nordeste estereotipado, já que existem outros modos de ser que são apagados. Assim, à medida que esses discursos são repetidos vão sendo inventados o Nordeste e os nordestinos. Nesse sentido, *“o próprio Nordeste e os nordestinos são invenções destas determinadas relações de poder e do saber a elas correspondentes”* (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 31).

Dessa maneira, vemos como surgiu a região Nordeste, sendo inventada através dos discursos de poder, e como a seca está atrelada a essa invenção, bem como esses discursos constroem ao mesmo tempo sua população através de um discurso estereotipado. Fazer esse percurso foi imprescindível para compreensão dos discursos presentes nas notícias em análise, já que se trata de enunciados que constroem uma visão de mundo, nesse caso uma visão do que seria a seca e o sertão alagoano e sua população. Passemos agora à análise.

Uma análise linguístico-enunciativa da notícia de jornal

26

O *corpus* selecionado para a análise está constituído de notícias de jornais, de modo a perceber como a seca é nomeada/caracterizada e quais os significados são construídos, buscados respostas para algumas perguntas, tais como: Que noção acerca de seca é trazida pelas notícias? Quais significados a respeito de sertão, semiárido e Nordeste são construídos? O discurso da seca e do homem pobre do campo visto partir da seca de 1877 ainda se mantém nos dias atuais?

Vejamos agora a análise de duas notícias que falam sobre a seca, a primeira publicada no dia 28/09/2016, às 10h08, disponível em < encurtador.com.br/alLMV > e a segunda publicada no dia 21/02/2017, às 15h11, disponível em < encurtador.com.br/hknG7 >, com meu acesse em 20 de novembro de 2017. Foram escolhidas notícias de anos diferentes, de modo a perceber se diferem no modo como tratam a seca.

A primeira notícia analisada está intitulada “União reconhece situação de emergência em 40 municípios de AL”, conforme vemos na sequência:

Figura 01: Notícia sobre o reconhecimento da situação de emergência em Alagoas.



Fonte: G1 Globo (2016).

Para a análise, primeiramente foi preciso compreender que o gênero notícia de jornal, assim como o nome já diz, é um gênero que pertence à esfera jornalística e que difere dos demais gêneros por possuir características específicas que o definem. Ou seja, o papel da notícia é a divulgação de informação, mas não qualquer tipo de informação, e sim aquelas informações mais relevantes para a sociedade. Além disso, só passa a ter valor jornalístico se tratar de um assunto atual, como diz Benassi (2009), ao argumentar que

Notícias têm valor jornalístico apenas quando acabaram de acontecer, ou quando não foram noticiadas previamente por nenhum veículo. Nem todo texto jornalístico é noticioso, mas toda notícia é potencialmente objeto de apuração jornalística (BENASSI, 2009, p.1793).

As principais características são: texto em terceira pessoa (distanciamento em relação ao fato); concreto; objetivo. “*Já as marcas linguístico-enunciativas mais visíveis nesse gênero são: a estrutura com lide, linguagem intermediária, poucos adjetivos dando ênfase aos **substantivos** e **verbos**, os quais devem impressionar o leitor*”. [grifo nosso] (BENASSI, 2009, p. 1796).

Sendo assim, tratando-se de um enunciado, exige uma relação de enunciador e um coenunciador, relação que não acontece de forma direta, mas indireta. Na dimensão social, a notícia divulga informações de todas as áreas, desde a política até a saúde. Quem a produz? E para quem se dirige essa notícia? À população que deseja estar informada dos acontecimentos que vêm ocorrendo na sociedade. Nesse caso, em especial, à população da região de Alagoas e aos sertanejos e sertanejas, especificamente.

Seu veículo de circulação pode ser tanto em jornais impressos, jornais apresentados na TV, além de ser veiculadas *on-line*. A notícia selecionada para análise, por exemplo, é de um jornal *on-line*, portanto, o seu acesso à população torna-se mais restrito às pessoas que têm acesso à internet, ou por um computador, ou por um *mobile*.

Nessa primeira notícia, pelo título “União reconhece situação de emergência em 40 municípios de AL”, percebe-se que o enfoque principal é a “situação de

emergência” que vem ocorrendo no Estado de Alagoas, ou seja, não é qualquer situação, e sim uma situação séria e que precisa ser resolvida no momento. A notícia vem trazendo “pistas” do que seria essa “situação de emergência”, quando menciona, por exemplo “...as **dificuldades** enfrentadas pelos agricultores **por causa da falta de chuva** nos municípios”, no sentido de que a causa dessa “situação de emergência” séria foi “por causa da seca e da falta de chuva nas regiões”.

No primeiro parágrafo, volta a especificar que a causa dessa situação é a seca, quando diz: “a situação **foi decretada/devido** à seca nas regiões”. Nesse caso, a construção sintática “foi decretada” é construída com o verbo auxiliar “ser” e o particípio de verbo “decretar”, sendo, dessa forma, usada na voz passiva, estando a “situação [de emergência]” recebendo a ação de ser decretada. A informação é considerada um assunto atual, já que faz parte do cotidiano da população sertaneja alagoana, devido ao clima do Sertão ser semiárido.

Na dimensão social, como já pontuamos, a notícia divulga informações de todas as áreas, desde a política até a saúde. Essa, por exemplo, faz parte da esfera política, pois fala de governo, de ações políticas, mais especificamente das ações que o governo vem fazendo no Estado de Alagoas, a ação que o governo federal faz de reconhecer a situação de emergência em 40 municípios do estado alagoano, tal como vem informando no título: “União reconhece situação de emergência em 40 municípios de AL”.

Em se tratando de um gênero discursivo, os usos linguísticos não são colocados aleatoriamente; são pensados de forma a conseguir produzir os efeitos desejados, ou seja, *“as escolhas que faz de léxico, morfologia e sintaxe não são aleatórias, ao contrário, são realizadas pensando no outro que leria esse enunciado”* (SANTOS FILHO, 2012, p. 35). Assim, o verbo usado no título, por exemplo, é apresentado no presente do indicativo, forjando a ideia de algo que está acontecendo no momento. A função de adjetivo presente no sintagma “situação **de emergência**”, que é construída empregando uma locução formada de uma preposição mais um substantivo, é posta para dizer que não é qualquer situação, e sim uma situação muito séria, e que precisa ser resolvida rapidamente, já que o significado de “emergência” é usando fazendo referência a uma situação crítica, com ocorrência de grande perigo, precisando de rápida intervenção.

A partir do segundo parágrafo, vemos o verbo “reconheceu”, usado no passado, e os verbos “divulgada” e “decretada” usados no particípio, gerando nesses últimos a ideia de adjetivo. Ao afirmar que “reconheceu”, a notícia argumenta que a situação já está lá dada, mas, como vimos em Albuquerque Júnior (2011), não existe uma região já dada, pelo contrário, é construída por meio dos discursos, sendo, portanto, um conjunto de fragmentos imagéticos e enunciativos. Ainda segundo o historiador, sobre a parte física da região, é gerada uma produção de sentido. Logo, dessa forma, os sentidos podem ser mudados. Nas palavras do autor, *“o Nordeste [sertão/semiárido] nasce onde se encontra um poder de linguagem. Onde se dá a produção imagético e textual das espacializações das relações de poder”* [inserção nossa] (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 33).

Ainda no mesmo parágrafo, a notícia fala das “dificuldades **enfrentadas** pelos agricultores **por causa da** falta de chuva nos municípios”. Ao utilizar a palavra “enfrentadas”, percebemos que o discurso que a notícia traz é um discurso de enfrentamento da seca. Mas, será que a seca pode ser enfrentada? Pode-se acabar com ela? Não, pois como vimos em Molion (2016), a seca faz parte do clima

natural da região, configurando um *déficit* hídrico, já que, como pontuei, chove cerca de 500mm a 800mm, enquanto a demanda de evaporação é da faixa de 2.500mm. Dessa maneira, com o uso de “por causa de”, culpa a seca mais uma vez. Também vemos aí o oposto da seca, a chuva. Ou seja, os agricultores plantam e, por causa da **falta de chuvas**, sofrem.

É importante frisar que a notícia traz uma ideia de seca e de chuva como sendo coisas opostas, quando coloca reconhecimento foi por causa da seca e da falta de chuva nas regiões. Mas se tratando de um clima, uma está atrelada à outra, pois só há a seca porque chove pouco. Além disso, quando coloca “**dificuldades** enfrentadas pelos agricultores”, constrói também uma imagem de pessoas sofridas, construindo sobre as pessoas da região um discurso estereotipado, como visto em Albuquerque Júnior (2011, 2004, 2017), aquele discurso que constrói a imagem da população Nordestina/sertaneja como sendo de pessoas pobres, sofridas, tristes – pegando características comuns e as generalizando, esquecendo das diferenças, tendo a seca como a culpada por esse sofrimento.

O discurso da seca presente nessa notícia, é, portanto, um discurso que culpa a seca pelos problemas que ocorrem na sociedade, problemas muitos sérios, reconhecidos pelo uso da palavra “emergência”. E sendo a seca considerada culpada, é necessário criar medidas para **enfrentá-la**, ficando isso evidente no quarto parágrafo, pois, segundo a notícia, é preciso “...adotar medidas para o **combate** à situação”.

Esse é, portanto, um discurso que se assemelha aos discursos criados pela elite nortista para conseguir verbas, discursos de poder, que segundo Albuquerque Júnior (2004; 2011; 2017), foram construídos a partir da seca de 1877-1879, culpando a seca pelos problemas da sociedade, apagando as outras mudanças sociais que vinham ocorrendo. Vemos isso também no terceiro parágrafo, quando diz: “...com a situação de emergência reconhecida, os municípios podem ter acesso aos programas federais de fornecimento de água tratada, como a Operação Carro-Pipa...”. Vemos que, ao ser “reconhecida”, com o uso de um verbo que está no particípio do passado, indicando um adjetivo, no caso, o fato da situação de emergência ser reconhecida, atribui significados de que a seca já estava lá, apenas não tinha sido admitida ainda. Nesse tipo de discurso, percebe-se que são apagadas as possibilidades de criação de outras políticas públicas para conviver com a seca. Ao rotularem a seca de vilã, tira-se, em grande medida, a responsabilidade dos governantes para a criação de programas de convivência com o semiárido, com o Sertão.

Nessa dimensão, esse discurso está dialogando com outros discursos já vistos anteriormente, tal como em filmes e novelas, por exemplo, nos quais o Nordeste e o(a)s nordestino(a)s, o Sertão e os sertanejos e sertanejas, são construídos de forma estereotipada; o sertão é o lugar seco, sem vida, de pessoas duras, sofridas. Isso pode ser percebido na segunda notícia também. Vejamos!

Figura 02: Notícia que informa sobre o decreto da situação de emergência em Alagoas



O Governo do Estado decretou situação de emergência devido à seca para 77 municípios de Alagoas. A informação foi publicada no Diário Oficial do Estado (DOE) desta terça-feira (21), e tem validade por um período de 180 dias.

Em agosto de 2016, o governo decretou emergência em 40 municípios.

Fonte: G1 Globo (2017).

O título dessa segunda notícia é “Governo de AL decreta emergência por conta da seca em 77 cidades”. Nessa, de 2017, já ocorrem algumas mudanças em relação à notícia publicada em 2016, analisada anteriormente, tais como: o verbo não é mais “reconhecer”, e sim “decretar”, porque nessa notícia não está falando mais da União, o Governo Federal, e sim, como está posto no título, do Governo do Estado, que **decreta**. Ao falar que esse governo “reconhece” quer dizer que está admitindo como verdadeiro algo que já foi dito anteriormente. Já com o uso de “**decreta**”, nesse contexto, é a decisão legal que a autoridade tomou, ou seja, uma decisão a respeito das cidades que, segundo a notícia, estão sofrendo devido à seca. Existe, nesse caso, uma relação de hierarquia, de dependência: o governo no Estado “decreta” a situação e o Governo Federal “reconhece”, para só assim liberar e enviar verbas para a região.

Uma observação é que de 2016 para 2017 houve um aumento em 37 cidades em **estado de emergência**, segundo está posto no jornal, como no terceiro parágrafo, quando a notícia informa que “o número de municípios que tiveram a situação de emergência decretada subiu para 77”.

No primeiro parágrafo, informa que a “situação de emergência é **divido à seca**”. Aí, vemos o uso do particípio do verbo “dever”, com valor de causa, admitindo a seca como sendo a culpada da situação de emergência. No quarto parágrafo, é explicado o porquê da situação de emergência, ao afirmar que “os reservatórios de água dos municípios estão comprometidos, prejudicando, por sua vez, o abastecimento de água da população, além da baixa quantidade de chuva nos municípios”. No final desse parágrafo, vemos o uso de “ações emergenciais de

combate à seca”, expressão na qual o substantivo no plural “ações” é qualificado com “emergenciais”, sintagma que é caracterizado como sendo “de combate” no sentido de enfrentar e acabar com a seca, como se isso fosse possível.

Além disso, podemos observar nessa notícia uma imagem, que não é qualquer imagem, mas a de um homem apontando para o chão seco e sem nenhuma plantação, a chamada foto jornalística, que não é escolhida de maneira aleatória, e sim pensada para chamar mais atenção para a situação que a notícia quer construir, confirmando-a.

Com a imagem e o corpo da notícia, esse texto jornalístico segue o mesmo padrão do anterior, repetindo o discurso de “combate à seca”, afirmando que é preciso enfrentá-la, no sentido de que se deve procurar meios para acabar com ela. Mas, como já vimos em Molion (2016) e em Albuquerque Junior (2011), não é possível esse enfretamento, já que se trata do clima natural da região. Ou seja, os discursos das duas notícias são praticamente iguais. Nesses, Alagoas está passando por uma situação crítica de seca, em 40 cidades em 2016 e em 77 cidades em 2017, necessitando, portanto, de verbas para o seu combate.

Podemos, então, concluir que, de acordo com as notícias, do ano de 2016 para o ano de 2017 houve um aumento de 37 cidades em situação de emergência. Isso pode ter ocorrido devido a alguns fatores, como por exemplo, as chuvas podem ter diminuído; e principalmente, a falta de ações concretas do governo para convívio com esse clima, já que apenas a operação Carro Pipa é insuficiente, pois resolve a situação de falta de água apenas por um período, de maneira paliativa.

Dessa maneira, podemos compreender essa situação como um ciclo vicioso, em que os municípios pedem o decreto, o governo do estado decreta e a união reconhece esse decreto, um ciclo que se repete ano após ano, como no exemplo de 2016 e 2017. A primeira notícia, por exemplo, teve o reconhecimento da União do dia 28 de setembro de 2016, como informado, tendo o governo do Estado decretado a situação de emergência no dia 24 de setembro daquele ano.

Logo, conclui-se que há uma hierarquia envolvendo esse ciclo, no qual se encontra no topo o governo Federal, logo depois o governo do Estado e, por fim, o governo municipal, sendo o ponto de partida, pois os municípios veem nessas ações do governo uma forma de diminuir a escassez de água, pelo menos compreendemos que essa é a visão da população, mas que as vezes acaba sendo a menos beneficiada. Mas, essa é uma discussão que não cabe aqui, no momento.

Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo fazer uma análise do discurso sobre a seca presente em notícias de jornais, procurando demonstrar o que a notícia diz e como diz sobre a seca. Assim, diante do que foi analisado, é possível afirmar que o que se diz como discursos de **convivência** com a seca é na verdade discursos de **enfrentamento** dessa.

Podemos perceber com a análise dessas duas notícias que, apesar de uma ser de 2016 e a outra de 2017, em ambas é percebido o mesmo discurso, aquele que coloca a seca como culpada dos problemas da região, precisando essa ser enfrentada, combatida, e não um discurso de convivência, como na expressão “adotar medidas para combater a seca”. Além disso, uma dialoga com a outra, não apenas no fato de tratarem da seca, mas também na forma como tratam a seca.

Ambas falam de decreto para conseguir verbas, como o decreto de 2016 já havia espirado, como informado a notícia, formularam outro discurso para conseguirem mais verbas em 2017. Isso acontece porque se tratando de um enunciado, como vimos, esse não vai surgir do nada, e sim através de enunciados anteriores, refutando-o ou reafirmando-o.

Dessa forma, o que se pode interpretar nas notícias analisadas é que em ambas a seca é caracterizada como sendo a culpada dos problemas vividos pela população. Na primeira notícia, aparece uso como: “a situação foi decretada **devido à** seca nas regiões”. Na segunda, temos: “Governo de AL decreta emergência **por conta da** seca em 77 cidades”, “situação de emergência é **divido à** seca”.

Portanto, trata-se de um discurso político que não compreende a seca como sendo um fenômeno natural da região, já que se trata de uma região semiárida, em que ocorre um *déficit hídrico*, sendo, portanto, um clima natural da região, que necessita de políticas públicas para se conviver com ela. Mas, sim, um discurso de enfrentamento. Isso ocorre porque são discursos de poder, que visam o lucro, construindo, assim, significados acerca da seca e deixando de lado o histórico desse clima.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Munis de. A poesia do sol: o discurso popular sobre a seca. In: SILVA, Gian Carlos de Melo; GOMES, Gustavo Manoel da Silva (Org). **Memória, história e cordel em Alagoas: teorias, práticas e experiências.** Maceió. EDUFAL, 2004.

_____. **A invenção do Nordeste e outras artes.** São Paulo: Cortez, 2011.

_____. É preciso dissolver esse Nordeste! 10min 26seg. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=tZ e-EK19Y> > Acesso em 22 de mar. de 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** São Paulo: Editora 34, 2016.

BAZERMAN, Charles. Enunciados e seus significados. In: _____. **Teoria da ação letrada.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 163-180.

BENASSI, Maria Virginia Brevilheri. O gênero “notícia”: uma proposta de análise e intervenção. In: **CELLI** – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 1791-1799.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Postulados do paradigma positivista. In: _____. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola Ediorial, 2008, p. 13-18.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica; interrogando o campo como linguista aplicado. In: _____. (org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 13-27.

_____. Contemporaneidade e construção de conhecimento na área de estudos linguísticos. In. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 159-171, 1º sem, 2004.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. A crítica ao estruturalismo e ao formalismo, a enunciação concreta: Bakhtin/Volochinov. In: ____ **Fundamentos da Linguística II**. Maceió, 2012. p. 40-54.

_____. Do Dialogismo Bakhtiniano: interdiscurso e intertextualidade. In: _____. **O que é uma leitura enunciativo-discursiva?** Arapiraca: UNEAL, 2012. p. 32-38.

CABURÉ

**Saberes Acadêmicos
Interdisciplinares**

V. 1, N. 1 (2018)

NO SERTÃO, A CHUVA: A ALEGRIA DO(A) SERTANEJO(A) ALAGOANO(A) POSTADA EM VÍDEOS PESSOAIS

IN THE “SERTÃO”, THE RAIN: THE JOY POSTED IN PERSONAL VIDEOS

Rakel Teodoro dos Santos

Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa, na UFAL – Campus do Sertão.
Integrante do Grupo de Estudos em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano
(GELASAL).

rakelteodoros28@outlook.com

Resumo

Neste trabalho buscamos compreender os sentidos sobre a chuva (e sobre a seca), construídos em vídeos pessoais de sertanejos/as alagoanos/as alegres com a chuva, realizando-se a leitura enunciativo-discursiva e seguindo o viés da Linguística Aplicada. Utilizamos os trabalhos de Albuquerque Júnior (2011; 2014), Bakhtin (2016), Brait (2005; 2012), Rojo e Barbosa (2015), Fabrício (2006), Moita Lopes (2013), Molion (2016), Santos Filho (2012a; 2012b; 2016), entre outros. Os procedimentos de análise consistem na identificação da esfera da atividade humana, identificação do gênero discursivo e análise das formas linguísticas, incluindo reflexões sobre os sujeitos e os efeitos de sentido produzidos. Assim, podemos inferir que o discurso religioso se faz presente em vídeos pertencentes ao nosso *corpus*, veiculados no *Youtube*, no que se refere à chuva, tanto analisando os usos linguísticos, como também aspectos multimodais, que constituem esse gênero discursivo da esfera do cotidiano.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; Construção de sentidos; Chuva; Seca; Vídeos pessoais.

Abstract

In this work, we aimed to understand the meanings about rain (and drought), constructed in personal videos of people from the Northeast, in Alagoas, happy with the rain, with enunciative-discursive reading and following the assumption of Applied Linguistics. We use the works of Albuquerque Junior (2011, 2014), Bakhtin (2016), Brait (2005, 2012), Rojo e Barbosa (2015), Fabrício (2006), Moita Lopes 2012a; 2012b; 2016), among others. The procedures of analysis consist of the identification of the sphere of human activity, identification of the discursive genre and analysis of linguistic forms, including reflections on the subjects and the effects of sense produced. Thus, we can infer that religious discourse is present in videos belonging to our *corpus*, transmitted on YouTube, regarding rain, both analyzing linguistic uses, as well as multimodal aspects, which constitute this discursive genre of the daily sphere

Keywords: Applied Linguistics; Construction of meanings; Rain; Dry; Personal videos.

Introdução

O presente trabalho surge a partir do contato com o Grupo de Estudos em Linguística Aplicada em Questões do Sertão Alagoano (GELASAL), em maio de 2017, criado em 2013, pelo professor Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho, visando problematizar questões sobre seca/sertão/sertanejo alagoanos por um viés enunciativo-discursivo. Nesse sentido, dando continuidade à pesquisa iniciada em anos anteriores, no grupo citado, as quais focalizavam gêneros discursivos como *verbete de dicionário*, *outdoor*, *propaganda*, *cena de novela*, *manchete jornalística* e *artigo de opinião*, em 2013, 2014, 2015 e 2016, objetivamos realizar um estudo baseado na concepção bakhtiniana da “etnolinguística da fala viva” sobre a construção enunciativo-discursiva da chuva (e da seca) no sertão alagoano, veiculada no gênero discursivo da esfera do cotidiano *vídeo* de sertanejo(a)s alegres com a chuva.

Entendemos que há um histórico de discursos acerca do Sertão/Semiárido/Nordeste, que mantêm a estereotipia sobre as terras que compreendem essa região e sobre as pessoas que a habitam, sendo referidas como sofredoras, pobres e castigadas. Nesse sentido, procuramos entender de que maneira sentidos sobre a chuva, e a seca enquanto seu contraponto, são construídos enunciativo-discursivamente, problematizando como elas são nomeadas, caracterizadas e predicadas.

Com efeito, orientamo-nos pelo viés da Linguística Aplicada (doravante LA), apreendida enquanto área do saber, de cunho interpretativista, de caráter trans/indisciplinar, e que possibilita o agenciamento de diferentes campos do conhecimento, justificando, dessa maneira, o estudo de um objeto complexo, objeto da LA (SIGNORINI, 1998). Seguimos partindo da concepção de língua numa perspectiva dialógica, bakhtiniana, que entende o texto como um ato de fala, enunciado concreto, no qual os sentidos são construídos por mobilizações de consciências do “eu” e do “outro” discursivos.

Assim, considerando a chuva como elemento que se contrapõe à seca, que afasta os males causados por esta, nosso problema de pesquisa é: Como sertanejos/as alagoanos/as alegres com a chuva constroem sentidos sobre a chuva (e a seca) em vídeos pessoais? Temos fundamentação teórica nos trabalhos de Albuquerque Júnior (2011; 2014), Bakhtin (2016), Brait (2005; 2012), Fabrício (2006), Moita Lopes (2013), Molion (2016), Rajagopalan (2003), Rojo e Barbosa (2015), Santos Filho (2012a; 2012b; 2016), entre outros.

O desenvolvimento desta pesquisa justifica-se por trazer contribuições para os estudos linguísticos acerca dos gêneros discursivos e sobre a construção enunciativo-discursiva da chuva no sertão alagoano. A partir do estudo do gênero do discurso pertencente à esfera do cotidiano, proporciona uma reflexão sobre a influência desta com as demais esferas das atividades comunicativas humanas.

Tal estudo, ao buscar analisar a construção linguístico-discursiva do fenômeno “chuva” nos vídeos de sertanejos/as alagoanos/as alegres com a chuva, abre caminhos para compreensão de como os sujeitos se constroem e se relacionam com/no mundo a partir do uso da linguagem, que está imbricada às práticas sociais, no caso relacionado à construção e manutenção ou não de estereótipos sobre a região Nordeste, sobre o sertão alagoano.

Enfatizamos, ainda, a importância do presente estudo, levando em conta o papel fundamental da pesquisa na formação do professor/a pesquisador/a, que

coincide com a manutenção do conjunto ensino-pesquisa-extensão, fomentando o desenvolvimento de atividades investigativas.

No sertão, a chuva: contextualizando o objeto

Apreendemos que a pesquisa em Linguística Aplicada considera os sujeitos atores nas práticas sociais e discursivas, entendendo que é na atividade da linguagem que, de alguma forma, esses sujeitos terão consequências em suas vidas. Portanto, as ações devem ser guiadas “*por valores e juízos éticos democraticamente definidos na esfera pública e no diálogo aberto*” (FABRÍCIO, 2006, p. 62). Pelo caráter transdisciplinar e indisciplinar da LA (MOITA LOPES 1996; 2006), e devido à complexidade do seu objeto (SIGNORINI, 1998), marcado pelas transformações ininterruptas na vida/no mundo social, é possível o agenciamento de diferentes áreas do saber. Neste trabalho, por exemplo, recorreremos a estudos da Geografia, da História e sobre políticas públicas, e, com estudos de Santos Filho (2016), também à análise da conversação e algumas questões de multimodalidade.

Desse modo, consideramos importante a discussão feita por Molion (2016), na qual o fenômeno da seca é explicado enquanto característica da região de clima semiárido, entendida como fenômeno natural. Logo, o combate à seca mostra-se ineficiente. Então, podemos pensar sobre as políticas públicas na perspectiva de combate ou de convívio com a seca, o que nos ajudará a compreender pelo viés enunciativo-discursivo a construção dos enunciados nos vídeos pessoais.

Este estudo segue os postulados do paradigma interpretativista de fazer pesquisa, orientando-se pela concepção bakhtiniana da “etnolinguística da fala viva”, que leva em conta a enunciação concreta. Nesse sentido, nos estudos de Bakhtin (1919; 1986; 1929), o conceito de linguagem aparece ligado a uma teoria do conhecimento, que, juntamente com a relação dos sujeitos com o mundo e a dimensão da linguagem assumida nessa relação, constituem o conceito de enunciação, entendido como interação (BRAIT, 2005).

Portanto, de acordo com Brait (2005), “*o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, se instaura e são instaurados por esses discursos*” (BRAIT, 2005, p. 95). A pesquisadora diz, ainda, que o fenômeno linguístico passa a ser considerado historicamente em situações específicas de interação. Ressaltando a heterogeneidade dos gêneros discursivos, Bakhtin (2016) nos diz que

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2016, p. 11).

Considerando o uso da língua em enunciados concretos, orais ou escritos, podemos entender, segundo Albuquerque Júnior (2011), que o Nordeste é inventado pela repetição de enunciados, tidos como definidores dessa região. O pesquisador faz reflexões sobre a invenção da região Nordeste, que se deu a partir

da década de 1910, pelo poder das elites locais. Trata-se de uma criação espacial, de ideias, de imaginário estereotipado do Nordeste, como também da instituição cultural e social dos nordestinos. De acordo com esse autor, *“o estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo.”* (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 30).

Diante disso, podemos entender que *“o Nordeste nasce onde se encontram poder e linguagem, onde se dá a produção imagética e textual da espacialização das relações de poder”* (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 33), considerando os atores das práticas sociais e discursivas como sujeitos historicamente situados, seja a partir de vestes, de alimentação e modo de falar generalizados e deslocados temporalmente. Esse historiador discute em outro trabalho sobre o discurso tradicional do homem que convivia com a seca (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014). Nessa perspectiva, a seca é vista como parte constitutiva do mundo do camponês, considerada, ainda, elemento mau, de desorganização da natureza, e ainda castigo divino que caracterizava a desolação, inatividade e esterilidade do homem e da terra.

A partir disso, a chuva, foco do nosso trabalho, aparece em contraponto à seca, como algo divino e redentor. Segundo Albuquerque Júnior (2014), *“a própria estética camponesa nortista foi marcada pela seca, invertendo completamente as noções mais comuns de belo e feio. Um dia bonito no Norte era um dia de chuva, um dia feio era um dia de sol”* (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014, p. 69).

Com relação ao nosso *corpus*, constituído por dois vídeos em que a chuva aparece como motivo de alegria para os/as sertanejos/as, faz-se necessário o estudo sobre as esferas da atividade humana que integram sistemas ideologicamente organizados (SANTOS FILHO, 2012a). Compreendemos, desde já, que os vídeos pertencem à esfera do cotidiano, esfera referente à *“significação do mundo de forma aleatória, não fixa e não padronizada”* (SANTOS FILHO, 2012a, p. 53).

Desse modo, considerando a especificidade das esferas da atividade comunicativa, os estudos linguísticos, segundo Bakhtin/Volochínov estudados por Santos Filho (2012), devem situar *“os sujeitos e o próprio uso da língua no contexto social e imediato, preocupados, com os sentidos e a ideologia”* (SANTOS FILHO, 2012a, p. 46). Portanto, nossa pesquisa compreende que *“os sujeitos se utilizam da língua orientados pelos sentidos da enunciação de fala”* (SANTOS FILHO, 2012a, p. 47), em determinado contexto.

Dessa forma, concordando com Fabrício (2006), apreendemos que os estudos linguísticos *“poderiam analisar as formas de ser do sujeito, de construção de sentido e de produção do conhecimento contemporâneas”* (FABRÍCIO, 2006, p. 61), apostando na problematização, nos descaminhos, na *“desaprendizagem”*, como um dos procedimentos que orienta a LA para se fazer pesquisa em linguagem.

Com efeito, *“se a linguagem é uma prática social, ao estudarmos a linguagem estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva”* (FABRÍCIO, 2006, p. 48). Logo, trata-se da *“desaprendizagem”* do que é considerado como conhecimento irrefutável, solidificado, que é alicerce de muitas teorias. Seguimos nesta pesquisa orientando-nos pelo campo da LA, pois ela propõe uma reflexão crítica das bases tradicionais para que se construam novas posturas epistemológicas, mas com características flexíveis, abertas à discussão.

Assim, a criação de inteligibilidade será constante, acompanhando, investigando, problematizando e visando à transformação social.

A discussão feita por Rajagopalan (2003) sobre designação pode nos ajudar a problematizar o ato de nomear a chuva e a seca. Ou seja, entendemos com esse pesquisador que nomear envolve posições de sujeitos situados política, histórica, ideológica e culturalmente e, conseqüentemente, esses sujeitos possuem visões de mundo distintas, o que vai orientar as nomeações também distintas. Desse modo, o ato de dar nomes já imprime características e atribui predicções – aqui nos referimos às três classes de palavras abertas do português: substantivo, adjetivo e verbo, conforme aprendemos em Batista (2011).

A chuva no espaço semiárido está interligada ao fenômeno seca. Para além de fenômenos climáticos, são vistos como intrínsecos à vida, ao modo de agir e pensar de determinados sujeitos, no caso, alagoanos e alagoanas. Segundo Albuquerque Jr. (2011), a seca é ilustrada como companheira do homem que vive no sertão, como causadora de males, de tristeza, de monotonia, afligindo a população. O autor apresenta a seca de 1877 enquanto marco do espaço e do tempo da vida do homem pobre antes e depois desses períodos de flagelo. Nessa perspectiva, o discurso tradicional sobre a seca apreende o fenômeno como castigo divino, enviado em resposta aos pecados. Posteriormente, no final do século XIX, o discurso ganha outra dimensão, a de que a seca é causadora dos problemas sociais de desigualdade e pobreza, quando o foco se desvia das relações sociais capitalistas.

A respeito da chuva, podemos pensar que o fenômeno na região semiárida/Nordeste/Sertão possui todo um peso sócio-histórico, político e cultural, além de ser constituído por semas, sentidos construídos e mobilizados no decorrer das práticas linguísticas e sociais, que nos fazem compreendê-lo como solução para os problemas surgidos com a seca, entendendo esta enquanto castigo divino (ALBUQUERQUE JR., 2014). Voltando-nos ao discurso tradicional, refletimos que só a chuva pode ajudar o/a sertanejo/a e que as medidas a serem tomadas por gestores públicos não se efetivam, ou não são cobradas.

Assim, continuando a pesquisa do GELASAL, vinculada ao PIBIC 2017-2018, realizamos nosso trabalho sobre os sentidos construídos sobre a chuva e, em seu contraponto, a seca. Entendemos a chuva enquanto fenômeno que é nomeado, caracterizado e predicado por sujeitos que estão situados em contextos históricos, políticos, ideológicos e culturais, a partir de um dado gênero discurso. Logo, tal compreensão foi possibilitada pelas leituras e discussões, sobre, por exemplo, designação (RAJAGOPALAN, 2003) e sobre as classes de palavras (BATISTA, 2011)¹.

A alegria do(a) sertanejo(a) alagoano(a) com a chuva em vídeos

Guiado pelo modo interpretativista de fazer pesquisa, que não busca generalizar nem estabelecer relações de causa e consequência, mas interpretar fenômenos sociais contextualizados, nosso trabalho caracteriza-se como pesquisa qualitativa, contrapondo-se ao modo quantitativo, cartesiano-positivista de ciência (BORTONI-RICARDO, 2008).

¹ Reflexões mobilizadas a partir dos estudos na disciplina Morfologia do Português, do sexto período de Letras-Língua Portuguesa, UFAL-Campus do Sertão.

Fundamentada nas bases da LA e orientada pela concepção dialógica da linguagem, concepção bakhtiniana, esta pesquisa tem como um dos procedimentos, para o estudo sobre a chuva (e a seca), construída histórica e discursivamente, a “coleta” de vídeos pessoais, na plataforma digital *YouTube*, de sertanejos/as alegres com a chuva, entendendo esses vídeos como tipos de enunciados concretos relativamente estáveis (gêneros discursivos) pertencentes à esfera do cotidiano, caracterizada pela organização do mundo de forma não organizada (SANTOS FILHO, 2012a).

Sobre as esferas, Rojo e Barbosa (2015) afirmam que as práticas sociais estão vinculadas aos tipos de interação verbal, gêneros e esferas de atividade. Referindo-se às esferas ideológicas, as pesquisadoras dizem que elas estão conectadas à vida/estrutura social. Nessa perspectiva, “[...] a ‘ideologia do cotidiano’, a comunicação na vida cotidiana, estaria relacionada às infraestruturas sociais em que ela circula muitas vezes e que é influenciada e influencia, reflete e refrata as diversas ideologias das esferas oficiais” (ROJO & BARBOSA, 2015, p. 72).

Os demais procedimentos de análise dos vídeos têm como base os trabalhos de Santos Filho (2012b; 2016) e Brait (2016), nos quais são desenvolvidas análises linguístico-discursivas que partem da perspectiva bakhtiniana, e seguem os passos metodológicos identificados por Rojo e Barbosa (2015) e Santos Filho (2016), que se constituem em: a) identificar a esfera da atividade humana; b) identificar o gênero discursivo; e c) analisar as formas linguísticas, como também refletir sobre os sujeitos e os efeitos de sentido produzidos.

É apresentada, também, a análise da imagem em movimento e a transcrição das falas, baseada na análise da conversação, seguindo as normas de transcrição propostas pelo Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC). Sob esse viés, tratamos de questões relacionadas à sintaxe televisiva, à multimodalidade, uso de recursos não linguísticos na enunciação (SANTOS FILHO, 2016), do gênero *vídeo*, para compreendermos como os fenômenos chuva e seca são enunciativa e discursivamente construídos nos vídeos do nosso *corpus*. Ainda seguindo esses procedimentos, podemos refletir sobre os sujeitos da enunciação, ou seja, as entidades psicossociais, na relação do “eu” e do “outro”, que dialogam e interagem no ato comunicativo, situado em contextos macro e microssocial.

Assim, nosso *corpus* é constituído por dois vídeos, publicados em abril de 2017 e veiculados no suporte digital *Youtube*. Eles foram selecionados em junho de 2017, a partir de alguns critérios que seriam interessantes para nosso estudo, no caso, a manifestação da alegria com a chuva no sertão alagoano e a presença de recursos linguísticos (não desconsiderando os não linguísticos). Essa escolha foi motivada pelo desenvolvimento da pesquisa no GELASAL (PIBIC 2017-2018).

Identificamos, como dito anteriormente, que esses vídeos pertencem à esfera do cotidiano e são tipos de enunciado relativamente estáveis (BAKHTIN, 2016), gêneros discursivos primários, pois são produzidos por sujeitos que visam divulgar/compartilhar sua manifestação pessoal, sem comprometimento com um roteiro, ou planejamento rigoroso de suas falas, e, provavelmente, realizam a gravação com o celular, instrumento comum na vida atualmente. O primeiro vídeo tem duração de um minuto e nove segundos e o segundo um minuto e trinta e dois segundos. Dando continuidade à nossa análise, apresentamos a seguir imagens e a transcrição das falas do Vídeo 1:

Figura 01 – Vídeo 1: Cenas de sertanejo e sertaneja alegres com a chuva.



Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=t6Wif7YMFtE> >. Acesso em 17 jun. 2017.

Transcrição² 01 das falas no vídeo 01:

- L1: ((A imagem inicial é de um homem, senhor, denominado aqui de Locutor 1, que, possível em na área externa de uma casa, em um sítio, está na chuva e dá pulos, levantando as mãos e movimentando-as para a esquerda e para a direita)) GRAÇAS A DE::US (+) graças a DE::US
- L2: [TODA HONRA E TODA GLÓRIA SEJA PRA TI (+) SENHOR ((L2 é a pessoa que faz a filmagem, mas não aparece nela))
[graças a DE::US ((L1 sai para a chuva))
- L2: [O SENHOR É O DONO DE TUDO (+) DO OURO (+) DA PRATA (+) DA CHUVA (+) O TEMPO É TEU (+) A VONTADE É TUA E NADA FOGE DO TEU CONTROLE (++) O SENHOR NÃO CHEGA ATRASADO EM NADA (+) PAI (++) o senhor só chega na hora certa (++) EU TE LOVO (++) eu te glorifico por essa CHUVA (+) eu nunca acreditei na previsão do HOMem (+) acredito na tua (++) o senhor tem pra DERRAMAR PRA TO::DOS ((L1 sobe no carro e pula com as mãos para o alto)) ALELLUIA (+) OH GLÓ::RIA
- L1: [((gritos de L1, que continua pulando de felicidade na chuva))
- L2: Aleluia (+) senhor ((a câmara focaliza cinco baldes cheios de água))
- L1: [((fala incompreensível de L1))
- L2: oh::: jesus tu és bom em todo tempo (++) PAI (++) GLORIFICADO SEJA O TEU NOME ((L2 direciona o foco da imagem para o céu e L1, tendo descido do carro, passa ser o foco)) ISSO É OURO QUE TÁ CAINDO DO CÉU PRA NÓS (+) SENHOR ((L1 corre na chuva)) O SENHOR MANDA PRA TODOS (+) PRO JUSTO PRO INJUSTO (++) AGINDO O SENHOR PAI QUEM IMPEDIRÁ? OH GLÓRIA A DEUS (++) OBRIGADO (+) SENHOR (+) OS NOSSOS ANIMAIS AGORA (++) ((L1 sai da chuva, voltando correndo para a varanda da casa))
- L1: [AMÉM

² Alguns recursos são usados na transcrição, tais como: a) (()) [parênteses duplos] para indicar a descrição da cena, b) letras maiúsculas, para indicar elevação de voz, gritos, c) um sinal de adição (+), para indicar pausa breve, d) dois sinais de adição (++) para indicar pausa longa, e) dois pontos (::), para indicar alongamento de vogal, f) [colchete virado para a direita, para indicar sobreposição de vozes, e f) barra (/) virada para a direita, para indicar truncamento, correção da fala.

Considerando o texto como enunciado concreto, que parte de um eu para um outro, observamos que o há um locutor e uma locutora, mas eles não dialogam diretamente entre si; os dois direcionam agradecimentos a Deus pela chuva, tal como em “obrigada, Senhor”, tão esperada por sertanejos e sertanejas. Interpretamos assim pela presença do vocativo e da segunda pessoa do discurso “tu”. Nesses trechos de falas, por exemplo, já é possível verificarmos, portanto, que o discurso da esfera religiosa é aí marcado, fazendo remissão ao que está escrito na carta de Paulo aos Romanos (cap. 11; vers.36): “*porque dele, e por ele, e nele existem todas as coisas; a ele seja dada glória por todos os séculos. Amém*” (BÍBLIA SAGRADA, 2009, p. 911).

A partir disso, percebemos, no vídeo, que duas vozes são ouvidas: a de uma mulher, que faz a gravação e não se apresenta visualmente no vídeo, e a do homem, que aparece nas imagens, correndo e gritando/celebrando a/na chuva, como vemos na transcrição do enunciado: “L1 GRAÇAS A DE::US () graças a DE::US”, com alongamento de vogais. A voz da mulher (L2) se sobressai e no seguinte trecho há a primeira ocorrência da palavra “chuva” numa expressão adjetiva: “L2 O SENHOR É O DONO DE TUDO (+) DO OURO (+) DA PRATA (+) DA CHUVA”. Assim, podemos pensar que chuva está relacionada à riqueza, uma vez que aparece após as palavras “ouro” e “prata”, na mesma lista. Ao mesmo tempo, L1 corre para se molhar e movimenta as mãos para o alto, no sentido de dar graças pela chuva.

Acredita-se no enunciado que nada pertence ao ser humano: L2 “O TEMPO É TEU A VONTADE É TUA E NADA FOGE DO TEU CONTROLE... O SENHOR NÃO CHEGA ATRASADO EM NADA PAI”. Ao afirmar que não acredita na previsão do homem, L2 enfatiza “Eu nunca acreditei na previsão do Homem (+) acredito na tua”. Dessa forma, pressupomos que, em relação às previsões de chuva, o homem não tem o conhecimento confiável, o que já aponta para a compreensão tradicional da seca como problema que o homem também não pode resolver, por exemplo, com políticas públicas; segundo Albuquerque Jr. (2014, p. 64), “*A visão tradicional da seca, por ser fatalista, não via possibilidade de que o ser humano pudesse resolver o problema, já que este era desígnio divino*”. É o que inferimos também no trecho “O SENHOR MANDA PRA TODOS (+) PRO JUSTO (+) PRO INJUSTO... AGINDO O SENHOR PAI (+) QUEM IMPEDIRÁ?”.

Quando L2 fala, ainda, “o senhor tem pra DERRAMAR PRA TO::DOS”, refere-se à chuva e já pode estar fazendo referência ao sofrimento causado pela seca, que atinge tanto o sertanejo pobre quanto o de condição financeira mais alta. Aqui, aparece implícito a supremacia das forças da natureza que afligem ou alegram a população e que não levam em conta as diferenças das relações de poder.

A mulher enfatiza: “ISSO É OURO QUE TÁ CAINDO DO CÉU PRA NÓS SENHOR”. Então, a metáfora é realizada: não mais se considera a chuva *como* ouro, porque ela *é* ouro. Esse ouro denota a riqueza para o sertanejo/a alagoano/a que vive com a seca, com a desolação, improdutividade e pobreza, e que tem a água como milagrosa, capaz de fazer o mundo florir e sorrir.

A chuva também realiza ações. No entanto, essas ações podem ser inferidas a partir do trecho da fala de L2: “OBRIGADO (+) SENHOR (+) OS NOSSOS ANIMAIS AGORA [...] TERÃO... ÁGUA DO CÉU (+) PAI”. Isso nos faz pensar que os animais

estavam sendo castigados pela seca, com sede, sem pasto, e por causa da chuva serão desencadeadas transformações no cenário e na vida do sertão.

Numa análise de aspectos multimodais, fazendo análise da sintaxe televisiva (figura 2), identificamos a movimentação do homem, que corre, pula, levanta os braços, inquieto, assim como a mulher que grava. Isso é perceptível pela mudança no foco da câmera. A movimentação e os gritos podem estar fazendo contraposição à ideia de inatividade, paralisia e mudez em tempos de seca. Sobre isso, Albuquerque Jr. (2014, p. 65) afirma que a “seca não é, pois, apenas falta de água, mas também falta de movimento, de alegria, de canto”.

Figura 02: “População celebra chuva que caiu no sertão de Alagoas”.



Fonte: Vídeo 01, 2017.

A expressão facial e a pronúncia (e tonicidade) das palavras também indicam a grande alegria com a chuva, que é entendida pelos sujeitos do vídeo como graça de Deus. As expressões de agradecimento (verbais e não verbais) são recorrentes e reforçam o discurso religioso. Os baldes cheios de água são focalizados e há enquadramento das nuvens indicando uma sintaxe na construção da imagem, pela qual se quer enfatizar abundância e presente sagrado, vindo do céu.

Desse modo, a chuva é nomeada não enquanto fenômeno climático, mas como elemento divino, caracterizada por ser sinônimo de riqueza para a população pobre que sofre com a seca. Logo, as transformações serão ocasionadas pela chuva, trazendo alegria às pessoas e fecundidade à terra sertaneja.

Seguindo os passos apresentados e realizados, temos, então, imagens e transcrição do Vídeo 2:

Figura 03 – vídeo 2: Vídeo de moradores do sertão alagoano que comemoram a chegada da chuva.



Disponível em: < <https://youtu.be/RjomyZfzDOW> >. Acesso em 17 jun. 2017.

Transcrição 02 da fala no vídeo 02:

- L1: ((o foco da câmera vai se direcionando para o riacho que corre embaixo de uma ponte)) aqui é dia trinta do TRÊS (++) trinta de abri (+) óia (++) abril não (+) maio/MARço (++) tá parecendo mais a foz do Iguaçu ((risada de L1 e L2)) né foz fo iguaçu não (++) é:: (+) aqui nós tamo em inhapi AlaGOas (++) pra quem dizia que nós via/não ia ver uma chuvada dessa (++) tava Tudo Seco (+) viu (++) ((por ser nas margens de uma rodovia, passa um veículo e buzina)) é só a força da natureza (+) caba véi (++) observa só a largura que esse riacho voltou (+) oh (+) fora a fora (++) óia a força d'água (+) ((a câmera focaliza a força da água e, em movimento, direciona-se para o outro lado da ponte, para mostrar o outro lado da ponte e do riacho)) observa só a força d'água (+) run (++) aÊ:: sertão véi (++) hoje amanheceu chuVido ((a imagem mostra a correnteza da água)).

44

Nesse vídeo, duas vozes são ouvidas, no entanto, apenas a do Locutor 1 se sobressai. O Locutor 2 apenas acompanha a gravação e participa da enunciação como interlocutor de quem faz a gravação. Podemos pensar sobre isso considerando que os usos linguístico-enunciativos permitem notar possíveis sujeitos que visualizariam o vídeo, como também um interlocutor quando a gravação é feita, ou seja *ao vivo*. Observamos essas marcas no recorte L1 "tava Tudo Seco (+) run"... é só a força da natureza *caba véi... observa* só a largura que esse riacho () *olha* a força d'água... *observa* só a força d'água viu...".

Observando aspectos de multimodalidade voltados para a sintaxe televisiva, podemos analisar a escolha de elementos a serem focalizados e como se efetiva a movimentação e o enquadramento para a construção de sentidos sobre a chuva. Na figura 4, na sequência, é possível notar que há o enquadramento geral, que permite ver o riacho e sua extensão para, logo após, direcionar o foco para a correnteza forte. Vemos também as árvores com folhagem verde, em contraste com a cor marrom da água enlameada. Além desse contraste, o Locutor 1 chama atenção para o antigo estado do sertão: "tava Tudo SEco (+) run".

Figura 4: Vídeo “Moradores do sertão alagoano comemoram a chegada da chuva”.



Fonte: Vídeo 02 (2017).

O vídeo é produzido em uma ponte, pouco tempo depois do momento em que chove, diferentemente do Vídeo 1, realizado durante a chuva. No início da gravação, L1 se atrapalha, mas especifica a data, talvez no intuito de enfatizar a chuva após período considerável de seca: “Aqui é dia trinta do TRÊS... trinta de abril oia... abril não... maio/MARço”. Depois, segue com a localização, comparando com a Foz do Iguaçu, pela enorme quantidade de água e forte correnteza. A respeito dessa comparação, escuta-se risadas. Então, L1 revela: “né foz do Iguaçu não... é:: nós tamo em Inhapi AlaGOas”; a localização é crucial para se entender o motivo da alegria com a chuva numa cidade do sertão de Alagoas. Evoca-se, nesse momento, o histórico da região e a construção imagético-discursiva pelos enunciados voltados para a seca.

Ao dizer: “Pra quem dizia que nós via/não ia ver uma chuvada dessa... tava Tudo Seco (+) run”, L1 faz remissão a uma frequente assertiva sobre o sertão, local que estaria predestinado à seca, ao sofrimento, à tristeza e à desolação. A chuva é, então, denominada “chuvada”, uma palavra formada pelo morfema lexical “chuv-” e pelo morfema gramatical “-ada”. Assim, esse morfema gramatical dá ideia de algo em exagero, no caso, a chuva da noite passada.

Quando L1 diz: “aÊ:: sertão véi... hoje amanheceu chuVido”, o nome “sertão” acompanhado do adjetivo “velho” faz ressurgir ideias de um sertão sofrido, evoca imagens de um sertão construído enunciativa e discursivamente sob estereótipos, os da terra seca, sem vegetação, sem vida. L1 faz, portanto, outra formulação de palavra: faz uso de “chovido” – palavra adjetivada, derivada do verbo “chover”, para caracterizar “sertão velho”. Podemos observar efeitos de sentido produzidos pela contraposição. O sertão, como antítese de chuva, encontra-se em uma construção linguística e imagética oposta à cristalização de estereótipos: o sertão amanhece “chovido”, e encontra-se aí, finalmente, motivo para celebrar/festejar esse acontecimento.

Referindo-se à chuva, L1 realiza nomeações/caracterizações, mais especificamente, processos de formação de palavras, para se referir a momentos

anteriores e frequentes de seca e, a partir daí, construir sentidos sobre a chuva nesse período e nesse espaço.

Desse modo, os vídeos analisados permitem-nos refletir sobre a construção enunciativa-discursiva da chuva, e da seca, a partir de processos de nomeação, caracterização e predicação. Tais processos envolvem sujeitos situados no contexto do sertão alagoano. Assim, o nome “chuva”, ou suas palavras derivadas, já trazem um peso histórico-semântico-cultural que direciona nossa imaginação para estereótipos sobre o modo de ser e de viver de sertanejos e sertanejas marcado(a)s pela possível miséria, fome, tristeza e improdutividade.

Considerações

Diante do que foi apresentado, podemos compreender como as práticas sociais e as práticas discursivas são interligadas e contextualizadas historicamente, permitindo compreender a construção de sentidos, de determinados efeitos de sentido, por sujeitos situados. No nosso caso, as práticas linguísticas sobre a chuva estão conectadas à vida de alagoanos/as do sertão e nos mobiliza a pensar em construções de sentido a respeito da seca, no contexto nordestino.

Foi possível entender a construção dos sentidos sobre a chuva e, conseqüentemente, sobre a seca, no espaço semiárido/sertão/Nordeste, por sujeitos moradores dessa região nos vídeos inseridos na esfera do cotidiano. O fenômeno climático “chuva no sertão”, portanto, é motivo de alegria e agradecimento, de movimentação e esperança, e gera, a partir da enunciação, tais efeitos de sentido. Outras significações podem ser construídas, em lugares nos quais a chuva é mais recorrente. Por isso, fez-se necessário refletir a respeito da construção imagético-discursiva e estereotipada do Nordeste.

Assim, percebemos que os sujeitos são situados histórica, ideológica, cultural e politicamente, de modo a construírem sentidos acerca da chuva (e da seca) que nos permitem pensar nas vozes que a nomeiam, na história desses sujeitos e do espaço (Nordeste). Com efeito, pensamos, também, que o ato de nomear, caracterizar e predicar não é neutro, pois envolve visões distintas de mundo de quem nomeia, e o nome “chuva” traz cargas semânticas, ações e caracterizações, que podem enfatizar sentidos estereotipados, cristalizados sobre o Sertão e os/as sertanejos/as alagoanos/as como espaço de sofrimento e tristeza.

Portanto, a realização deste trabalho nos propiciou, também, a reflexão sobre o que é fazer pesquisa na área da LA indisciplinar, seguindo o postulado interpretativista de ciência, assim como nos fez perceber a importância da pesquisa na formação de professores e professoras no que se refere aos estudos das práticas linguísticas e sociais relacionadas ao sertão e ao Nordeste.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. A poesia do sol: o discurso popular sobre a seca. In.: Gian Carlo Melo Silva e Gustavo Manoel da Silva Gomes (Org.). **Memória, história e cordel em Alagoas: teorias, práticas e experiências**. Maceió: EDUFAL, 2014, p. 61-88.

- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Classes de palavras. In.:____. **A palavra e a sentença: estudo introdutório**. São Paulo: Parábola Editorial: 2011. p. 65-74.
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: DCL, 2009.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In.:__ **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005 (p. 87-98).
- ____. O texto nas reflexões de Bakhtin e do círculo. In. Ronaldo de Oliveira Batista. **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016, p. 13-30.
- FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In. Luiz Paulo da Moita Lopes (Org.). **Por uma linguística indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MOITA LOPES, Luis Paulo. **Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. Campinas, SP: Mercado das letras, 1996.
- ____. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- ____. (Org.). **O português do século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- MOLION, Luiz Carlos. A seca em Alagoas. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?time_continue=611&v=gfP-UQ8ies >. Acesso em 20 abr. 2017.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Designação: a arma secreta, porém incrivelmente poderosa, da mídia em conflitos internacionais. In. _____. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003, p.81-87.
- ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. Os gêneros integram práticas sociais situadas. In. _____. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015, p. 53-83.
- SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. A crítica ao estruturalismo e ao formalismo, a enunciação concreta: Bakhtin/Volochinov. In. _____. **Fundamentos da Linguística II**. Maceió, 2012 (p. 40-54).
- _____. **Do dialogismo Bakhtiniano: interdiscurso e intertextualidade**. Arapiraca, UNEAL, 2012.
- _____. Fala II: modos de uso da língua – multimodalidade. In. _____. **Leitura e produção de texto IV**. Natal, RN: EDUFRN, 2016, p. 93-128.

SIGNORINI, Inês. Do residual ao múltiplo e ao complexo: o objeto da pesquisa em linguística aplicada. In. Inês Signorini e Marilda Cavalcanti (Org.). **Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998, p. 99-110.

CABURÉ

**Saberes Acadêmicos
Interdisciplinares**

V. 1, N. 1 (2018)

(RE)VISÕES SOBRE A SURDEZ: DO ENEM À DISCIPLINA DE LIBRAS NA UFAL *CAMPUS* SERTÃO

**(RE)VISIONS ABOUT DEAFNESS: FROM ENEM TO THE DISCIPLINE LIBRAS IN
UFAL *CAMPUS* SERTÃO**

Gabriel Henrique Siqueira Monteiro

Estudante do curso de Letras – Língua Portuguesa, Universidade Federal de Alagoas,
Campus Sertão, em Delmiro Gouveia.
totty_monteiro@hotmail.com

Jaqueline Ribeiro Santos

Estudante do curso de Pedagogia, Universidade Federal de Alagoas, *Campus* Sertão, em
Delmiro Gouveia.
jaqueliners820@gmail.com

Cristiano das Neves Vilela

Professor do curso de Pedagogia, Universidade Federal de Alagoas, *Campus* Sertão, em
Delmiro Gouveia.
nevesvilela@hotmail.com

Resumo

Este artigo objetiva analisar as experiências que os alunos do curso de Pedagogia do *Campus* do Sertão da UFAL tiveram ao falar sobre o tema “Desafios para a formação educacional dos surdos no Brasil” na redação do Enem de 2017. Seguimos um percurso teórico que abordou a cultura surda, língua de sinais e educação de surdos. Para isso, utilizamos as contribuições de Eagleton (2000), Santana e Bergamo (2005), Gesser (2009), Sá (2011) e Schwartzman (2011), entre outros. Através de um questionário, procuramos analisar como os alunos que fizeram o Enem 2017, compreendem esses aspectos antes e após estudarem a disciplina de LIBRAS. Diante disso, nosso trabalho contribui para fomentar a importante discussão sobre a cultura surda e os surdos no Brasil. Concluímos que esses estudantes não haviam discutido sobre os surdos antes do Enem (2017), e que a maioria os caracterizava como deficientes. Porém, todos mostraram um novo olhar a respeito da cultura surda após cursar a disciplina de LIBRAS.

Palavras-chave: Surdos; LIBRAS; Cultura surda; Redação do Enem;

Abstract

The objective of this article is to analyze the experiences that the pedagogy students from UFAL – *Campus* do Sertão – had when talking about the theme “Challenges for the educational formation of the deaf in Brazil” in the essay of the Enem (2017). We followed a theoretical course that approached deaf culture, sign language and deaf education. For this we use the contributions of Eagleton (2000), Santana and Bergamo (2005), Gesser (2009), Sá (2011), Schwartzman (2011), among others. Through a questionnaire we tried to analyze how the students who took the Enem (2017) understand these aspects before and after studying the subject LIBRAS. From this, our work contributes to foment the important discussion about deaf and deaf culture in Brazil. We concluded that these students had not discussed about the deaf before the Enem (2017), and that the majority characterized them as disabled. However, all the students showed a new look on the deaf culture after studying the LIBRAS subject.

Keywords: Deafs; LIBRAS; Deaf culture; Essay of Enem.

Introdução

Quando pensamos em cultura, um dos termos mais complexos da nossa língua (EAGLETON, 2000), logo nos vem à mente a ideia de preservação, no sentido de cultura corresponder a um determinado grupo de sujeitos, como uma identidade que assegura a sua existência no mundo. Nesse raciocínio, vivemos em uma sociedade repleta de culturas, na qual algumas se sobressaem às outras, não pela perspectiva de ser melhor, mas, sim, pela visibilidade que determinadas culturas possuem diante das demais. Dessa forma, faz-se necessário problematizar a ideia de cultura e a existência de diferentes culturas convivendo no mesmo espaço. Desse modo, quando adquirimos o conhecimento de que outras culturas existem ao nosso redor, passamos a valorizá-las e a torná-las visíveis; na verdade, elas sempre existiram e não somos nós que as tornamos visíveis. Ao contrário, são as culturas apagadas, quando conhecidas, que nos possibilitam sair de um local comum.

Nesse problemática, quando refletimos a respeito da cultura surda, entendemos que os sujeitos edificantes de tal cultura são marginalizados por uma massa, para quem a existência desses sujeitos não recebe a devida importância nas discussões que ocorrem nas diferentes esferas de convivência social. Entretanto, na atualidade, percebemos que essa discussão está ganhando, aos poucos, mais repercussão na esfera educacional e na esfera midiática.

À vista disso, um importante exemplo dessa repercussão foi o tema da redação do ENEM³ (2017), que propôs uma discussão sobre os desafios encontrados para a formação educacional dos surdos no Brasil. Essa temática proporcionou visibilidade para a língua de sinais e a cultura surda, mas ao mesmo tempo gerou polêmicas e reclamações de estudantes que tinham pouca afinidade com o tema. Acerca desse fato, ficamos inquietos para saber o que pensam os estudantes que fizeram essa redação antes e depois de estudar a disciplina de LIBRAS na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) – *Campus Sertão*.

Diante disso, decidimos explorar essas inquietações, na procura de valorizar a importância de conhecer e entender a cultura surda. Para tanto, utilizamos a contribuição de alguns estudos, como os proporcionados por Gesser (2009) e Sá (2011), para nos esclarecer questões mais pontuais sobre a língua de sinais e a cultura surda, e utilizamos alguns parâmetros do Ministério da Educação referentes ao ENEM.

(Re)Visões sobre a cultura surda

As sociedades são compostas por conjuntos de diferentes culturas, e dentro delas encontramos diversas ideologias e sujeitos que possuem diferentes identidades. Diante disso, é importante entendermos a existência de culturas majoritárias e culturas minoritárias transitando nos mesmos espaços e cumprindo determinadas regras impostas por seus grupos (EAGLETON, 2000). Nessa “lógica”, compreendemos que a cultura dos surdos ainda faz parte de uma cultura considerada menor aos olhos de outras culturas, pois, o conhecimento que os

³ Criado em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Podem participar desse exame estudantes que estão concluindo o ensino médio ou que já o concluíram em anos anteriores.

ouvintes têm sobre os surdos ainda é muito baixo quando comparado à real necessidade de valorização desses sujeitos. A invisibilidade da cultura surda e das características peculiares pela qual os surdos, como povo, se organizam e dão sentido ao mundo e as coisas nele é tão grande que muitas pessoas não creem na existência dessa cultura, a desconhecem ou até mesmo nunca se questionaram acerca dela. Diante disso, Sá (2011) esclarece-nos que

A cultura dos surdos se recria todos os dias, mas é desconhecida e ignorada, como uma forma de abafar o que é vivido e visto. Como o problema da surdez está localizado num corpo individual, a taxonomia médica é reproduzida e assegurada, perpetuando interpretações da surdez enquanto a experiência de uma falta ou enquanto uma incapacidade ou deficiência. (SÁ, 2011, p. 02).

Consequentemente, a maioria dos brasileiros associa a surdez apenas como uma deficiência e apresenta certos preconceitos contra os surdos, caracterizando-os, muitas vezes, com termos pejorativos, como *mudinho*, *moco*, dentre outros termos ofensivos. Desse modo, a língua dos surdos do nosso país (LIBRAS) ganha pouca visibilidade se comparada com o ensino de língua portuguesa que é perpetuado nas escolas, quando levamos em consideração que no Brasil temos aproximadamente 2,6 milhões de surdos⁴.

Diante disso, a Lei 10.436 (BRASIL, 2002) e o Decreto 5626 (BRASIL, 2005) conhecida também como a lei da/de LIBRAS, “*reconhece na Língua Brasileira de Sinais a forma de comunicação e expressão em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico oriundo de comunidades de pessoas surdas do Brasil.*” (SÁ, 2011, p. 35). Com isso, podemos perceber a importância que a língua de sinais brasileira tem para a formação dos surdos enquanto cidadãos. Logo, o artigo 2.º, do decreto já mencionado, traz uma definição de pessoa surda como “*aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS*” (BRASIL, 2005).

Assim, ao falar da língua de sinais brasileira é necessário que se fale da cultura surda, porque uma não existe sem a outra. Partindo desse pressuposto, o que seria a cultura? Como a noção de cultura está presente no povo surdo? Para Eagleton (2000), a cultura traz uma tensão entre fazer e ser feito, racionalidade e espontaneidade. Pensando na cultura como conjunto amplo de elementos que dão sentido às experiências coletiva de um povo, a questão da língua se estabelece como um artefato cultural signficante, principalmente quando tratamos de cultura e língua que são de modalidades distintas da cultura majoritária.

Nesse contexto, quando falamos de *Cultura Surda*, estamos tratando da maneira como a pessoa surda compreende o mundo perante as suas percepções visuais. Segundo Santana e Bergamo (2005),

Na área da surdez encontra-se geralmente o termo “cultura” como referência à língua (de sinais), às estratégias sociais e aos mecanismos compensatórios que os surdos realizam para agir no/sobre o mundo, como o despertador que vibra, a campainha

⁴ Dados do IBGE, censo 2010.

que aciona a luz, o uso de fax em vez de telefone, o tipo de piada que se conta etc. (SANTANA e BERGAMO, 2005, p. 572).

Dessa forma, é notável que atualmente conceituar a cultura (surda) é uma tarefa árdua, sendo essa tarefa uma junção de vários fatores que resulta em uma grande teia de valores, crenças e hábitos. Logo, a cultura surda inclui uma língua distinta da língua dos ouvintes, que utiliza a comunicação *gesto-visual*, que na maioria das vezes é categorizada como mímica, pois grande parcela da sociedade não sabe que a LIBRAS utiliza os sinais que correspondem à função do léxico de uma língua e que outras expressões manuais e não manuais também fazem parte da LIBRAS, embora tenham seu valor linguístico estabelecido de forma diferente dos sinais.

Por isso, a necessidade de fazer com que os surdos tenham uma educação adequada à sua cultura é fundamental para sua formação, com um ambiente que tenha a presença de professores(as) bilíngues, em que a primeira língua estudada seja a LIBRAS e a segunda língua seja o português escrito. Dessa maneira, poderão ser mantidos diálogos entre surdos e ouvintes, possibilitando, assim, uma melhor vivência em sociedade.

De modo diferente, a desatualização da maioria da sociedade a respeito da cultura dos surdos proporciona a exclusão dos surdos dos espaços de convivência social, fazendo com que sua cultura continue desconhecida para a maioria da população brasileira. Dessa forma, Gesser (2009, p. 9) relata que *“tornar visível a língua (de sinais) desvia a concepção da surdez como deficiência – vinculada às lacunas na cognição e no pensamento – para uma concepção da surdez como diferença linguística e cultural”*.

Sendo assim, uma das melhores alternativas para reverter o paradigma de que os surdos são deficientes e até mesmo inferiores está diretamente ligada à escola, em sentido de que a percepção da cultura surda pode ser apresentada corretamente aos alunos, proporcionando mudanças na maneira como a maioria da sociedade os vê. Com efeito, a valorização da cultura surda nas escolas é tema que tem ganhado espaço no cenário educacional, porém a realidade que as escolas apresentam não se encontra adequada para atender aos objetivos de programas de inclusão idealizados por órgãos educacionais.

Na maioria das escolas consideradas inclusivas não existe uma concepção totalmente inclusiva, sendo necessárias adequações referentes a estruturas físicas, materiais didáticos-pedagógicos adequados, professores capacitados, um importante acompanhamento psicológico e, o mais importante, a presença da LIBRAS como língua privilegiada para ensinar ao aluno surdo. Isso posto, Sá (2011, p. 17) acredita que *“o que estamos assistindo no Brasil é a uma ineficácia em atender ao direito que tem cada pessoa de ser atendido em sua singularidade”* e ainda nos esclarece que

Os surdos [...] não podem estar em arranjos educacionais feitos para a maioria. Os surdos são minoria: têm que ser atendidos de maneira diferenciada, específica, segundo suas necessidades, especificidades e potencialidades! A ideia básica não é discriminar os surdos ou qualquer grupo minoritário, pelo contrário: a ideia básica é que este atendimento diferenciado é que é um passo crucial no sentido de modificar atitudes discriminatórias, de criar

comunidades acolhedoras e de desenvolver uma sociedade inclusiva. (SÁ, 2011, p. 25).

Desse modo, percebe-se que o que é oferecido aos surdos são apenas propostas complementares, que, dentro de uma política inclusiva, faz com que a sociedade acredite que isso basta. Porém, é necessário que além desses atendimentos diferenciados, sejam ofertados eventos promovendo trocas de conhecimentos entre as culturas ouvinte e surda, com intuito de uma reformulação na maneira de ver e entender as diferenças entre elas.

Partindo dessa realidade, no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2017 o tema da redação foi “Desafios para a formação educacional dos surdos no Brasil”, temática que causou um choque de realidade para os alunos que fizeram o exame, surpreendendo até mesmo os profissionais da educação. Por não apresentarem um conhecimento mais aprofundado sobre os surdos, muitos estudantes cometeram o equívoco de falar que eles são deficientes⁵, que não possuem uma Língua e até mesmo que eles não têm uma cultura.

Com isso, fica claro observar em algumas postagens na rede social *Twitter* a falta de conhecimento dos alunos sobre a cultura surda, na qual relatam “*Péssimo o tema de Redação do ENEM. O tema foi muito específico. Este tema foi desonesto e covarde com os alunos...*”, demonstrando o quanto os estudantes estão despreparados para tratar de assuntos voltados para os surdos. Perante essas importantes constatações, decidimos elaborar um questionário referente ao conhecimento que os alunos da Universidade Federal de Alagoas – *Campus* do Sertão – têm acerca da mesma temática após cursar a disciplina de LIBRAS, que é ofertada no segundo período dos cursos de licenciatura como disciplina obrigatória e como eletiva para os demais cursos no *Campus*, para que possamos obter resultados empíricos sobre o conhecimento dessas pessoas sobre os surdos e a sua cultura.

54

O que pensam os alunos da UFAL-Campus sertão: do Enem à disciplina de LIBRAS

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)⁶ é uma prova que ocorre todos os anos no Brasil, proporcionando aos estudantes ingressarem no ensino superior. Essa prova é aplicada em duas etapas, em dias diferentes, abordando conteúdos de ciências exatas e humanas. No primeiro dia de prova uma redação⁷ é aplicada com um tema surpresa, que corresponda a discussões importantes, presentes na atualidade.

Referente à prova de Redação, o Ministério da Educação (MEC) apresenta regras para essa prova no ENEM, explicando que essa exige uma produção de texto em prosa, sendo do tipo dissertativo-argumentativo, baseada em um tema de

⁵ Devemos compreender três pontos quando falamos de surdez e de deficiência: Deficientes – que não é suficiente sob o ponto de vista quantitativo; deficitário, incompleto. Surdos: são pessoas que nasceram sem o sentido da audição. Já deficiente auditivo, por motivos diversos, perderam parcialmente ou por completo sua audição. Diante disso, quando abordamos a palavra “deficiente”, estamos tratando de uma concepção que não leva em consideração as causas e consequências da surdez.

⁶ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. ENEM - Apresentação. [on-line]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/enem-sp-2094708791>>. Acesso em 16 out. 2018

⁷ As afirmações são referentes as regras do ENEM do ano de 2017.

ordem social, científica, política ou cultural proposto pelos organizadores da prova. Nela, o candidato deverá apresentar propostas de solução para o problema apresentado, uma intervenção, mas sem ferir os direitos humanos⁸.

Diante das exigências que o Ministério da Educação impôs para a realização da redação do Enem, aqui fazendo referência ao ano de 2017, a comissão organizadora trouxe o tema “Desafios para a formação educacional dos surdos no Brasil”⁹, conforme já pontuamos anteriormente, ocasionando uma grande repercussão para alunos e professores do país, pois o tema não era cogitado por especialistas, o que corrobora para afirmarmos que a discussão sobre os surdos não é devidamente discutida no âmbito nacional.

Através das redes sociais muitos participantes se expressaram a respeito do tema de forma indignada, como podemos observar em um comentário de participante feito na rede social *Twitter*: “*Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil*” é o tema da redação, fomos tudo trouxa achando que ia ser homofobia KKKKKKK #enem”¹⁰.

Logo, outro fato causador dessa indignação é que ao tentar adivinhar o tema da redação e focar em um assunto específico, impulsionado por professores de cursinho preparatório e pela mídia, muitos participantes deixam de lado um leque de assuntos que possivelmente poderiam ser tema da redação do Enem. Consequentemente, os participantes ao se sentirem frustrados e despreparados diante do tema têm um baixo desempenho na produção do texto de redação.

Na Universidade Federal de Alagoas (UFAL)-*Campus* do Sertão, é ofertada a disciplina de LIBRAS desde o primeiro ano de existência desse *campus*, em 2010. A disciplina LIBRAS no Projeto Pedagógico de Curso (PPC) dos cursos de licenciatura do *campus* do sertão tem carga horária de 60 horas e está estruturada em conteúdos teóricos voltados a discutir quem são os surdos, sua língua e a educação e conteúdos práticos que visam a aquisição de competências linguísticas básicas em LIBRAS, estabelecendo uma maior interação dos alunos com a Língua de Sinais Brasileira, paralelamente, deixando-os mais preparados para tratar dessa Língua de Sinais e mais afetivos com às particularidades da cultura surda.

Dessas inquietações referentes à redação do ENEM (2017) e à disciplina de LIBRAS ofertada no *Campus* Sertão, decidimos elaborar um questionário com o intuito de avaliar a realidade de conhecimento dos alunos de pedagogia da UFAL – *Campus* do Sertão, em relação à cultura surda, tendo em vista que, na maioria dos casos, o cenário socioeducativo em diferentes instâncias de ensino/aprendizagem não oferta informações a respeito da cultura dos surdos, deixando uma grande parcela desses estudantes com dificuldades para abordar temáticas específicas a esses sujeitos.

Com base nesse pressuposto, elaboramos esse questionário, contendo três questões objetivas e uma questão aberta:

⁸ AGÊNCIA BRASIL. MEC divulga cartilha com instruções para a redação do Enem 2017 [on-line]. Disponível em: < <https://guiadoestudante.abril.com.br/enem/mec-divulga-cartilha-com-instrucoes-para-a-redacao-do-enem-2017/> >. Acesso em 16 out. 2018.

⁹ Tema da redação do Enem 2017 fala sobre a educação de surdos no Brasil. [on-line] Disponível em: < <https://g1.globo.com/educacao/enem/2017/noticia/tema-da-redacao-do-enem-2017-fala-sobre-a-educacao-de-surdos-no-brasil.ghtml> >. Acesso em: 21 out. 2018.

¹⁰ Tema da redação do Enem surpreende internautas; veja repercussão nas redes. [on-line]. Disponível em: < <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2017/11/tema-da-redacao-do-enem-surpreende-internautas-veja-repercussao-nas-redes-cj9mz4pk805xu01pjc6phn046.html> >. Acesso em 23 nov. 2018

- 1- Você já tinha parado para “falar” sobre os surdos antes da redação do Enem do ano de 2017?
 SIM NÃO
- 2- Antes de lhe ser ofertada a matéria de LIBRAS, você caracterizava os surdos como?
 Deficiente Mudinho Sujeito que apresenta perda total ou parcial da audição
- 3- Na(s) escola(s) que você estudou, alguma vez teve palestra ou evento relacionado à cultura surda?
 SIM NÃO
- 4- De maneira sucinta (até cinco linhas), fale sobre a sua percepção da cultura surda antes e após cursar a matéria de LIBRAS.

Após a elaboração desse questionário, decidimos aplicá-lo através de um veículo de comunicação bastante utilizado na atualidade, o *WhatsApp*. Nesse objetivo, enviamos mensagens para os alunos do segundo período de Pedagogia que haviam acabado de cursar a disciplina de LIBRAS e que haviam participado da prova do Enem (2017). Diante disso, a confidencialidade foi garantida, já que os participantes foram avisados de que não divulgaríamos a identidade do estudante que respondessem à pesquisa. Obtivemos a participação de dez alunos e após receber as respostas dos participantes e depois de analisar os dados obtidos, produzimos gráficos para uma melhor visualização, em percentual, das respostas, como podemos ver a seguir:

56

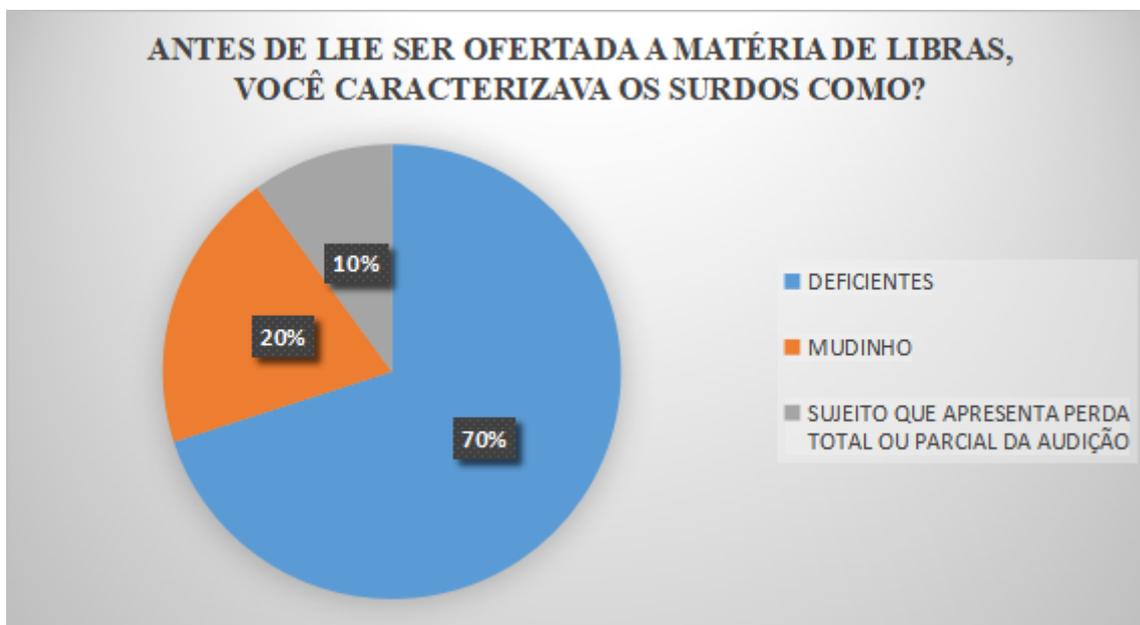
Gráfico 1: Dados obtidos da primeira questão



Diante dos dados obtidos em relação à primeira pergunta, observamos que 80% dos participantes não tinham refletido sobre a cultura surda, e os outros 20%

dos participantes já tinham entrado em contato com o assunto. Constatamos, assim, que a maior parcela dos participantes desconhece ou nunca parou para conversar sobre o povo surdo e a sua cultura. Logo, para a maioria a redação do Enem (2017) possibilitou um primeiro contato com o assunto.

Gráfico 2: Dados obtidos para segunda questão.



Fonte: Elaboração pelos autores.

Perante os dados do gráfico dois, observamos que 70% dos alunos participantes caracterizavam os surdos como *deficientes*. Logo, 20% escolheram a opção *mudinho* e apenas 10% optaram pela resposta *sujeito que apresenta percas totais ou parciais da audição*. Diante disso, percebemos que a maioria dos participantes, pela falta de informação, enxergava os surdos apenas como deficientes. Entretanto, segundo Padden & Humphries (1988, p.44 *apud* GESSER, 2009), definir os surdos como deficientes não corresponde à realidade, pois

A deficiência é uma marca que historicamente não tem pertencido aos surdos. Essa marca sugere auto representações, políticas e objetivos não familiares ao grupo. Quando os surdos discutem sua surdez, usam termos profundamente relacionados com sua língua, seu passado e sua comunidade. (GESSER, 2009, p. 46).

Gráfico 3: dados obtidos da terceira questão



Fonte: Elaboração pelos autores.

Os dados do terceiro gráfico mostram-nos que mesmo muitas escolas se denominando inclusivas, certamente não possibilitaram/possibilitam para os estudantes o conhecimento sobre a cultura surda, visto que 100% dos participantes não tiveram contato com o assunto na rede de ensino fundamental e médio. Logo, é possível aventarmos que o papel de inclusão que as escolas deveriam/devem oferecer acaba não existindo.

Com isso, Schwartzman (2011, p. 274) afirma que “*Dever-se-iam levar em conta os estudos que mostram que várias dessas crianças e jovens ditos ‘incluídos’ são, na verdade, indubitavelmente excluídos e estigmatizados dentro das salas regulares de aula*”, o que nos remete a pensar se existe a real inclusão para todos nas escolas.

Em relação à quarta questão, com respostas abertas: *De maneira sucinta (até cinco linhas) fale sobre a sua percepção da cultura surda antes e após cursar a matéria de LIBRAS*, obtivemos respostas parecidas. Desse modo, identificamos os participantes por números, do 1 ao 10 referente a cada um dos estudantes que responderam à pesquisa. Os participantes 1, 2 e 6 relataram que antes de cursar a disciplina de LIBRAS não tinham conhecimento sobre a cultura surda, como podemos perceber na resposta do participante 2: “*Antes de cursar a matéria de LIBRAS eu não tinha conhecimento da cultura surda, na verdade, eu nem sabia que os surdos tinham uma cultura própria e nem caracterizava LIBRAS como uma língua*”.

Dessa forma, cinco participantes tiveram respostas bastante parecidas referente à questão quatro, para a qual relataram que antes de cursar a disciplina de LIBRAS achavam que os surdos eram simplesmente deficientes, como podemos comprovar na resposta do participante 3, “*Antes de ter contato com a LIBRAS*

achava que todos os surdos eram deficientes auditivos e que a língua de sinais era universal”, e do participante 4, “os surdos pela minha percepção, e acredito que pela maioria, sempre foi [foram] visto [vistos] como um ‘deficiente’”.

O participante 8 foi o único que divergiu na resposta, como podemos notar no fragmento da resposta que aqui apresentamos: *“antes da disciplina de LIBRAS, eu não tinha ideia do quanto essa língua é complexa. Sabia que os surdos não eram deficientes, mas não sabia que eles podiam emitir sons, formando palavras (já que os mesmos não ouvem ou escutam muito pouco)”.*

Nesses dados, observamos que antes de cursar a disciplina de LIBRAS apenas um participante já conhecia a língua de sinais, apresentando algum entendimento sobre a condição de surdez. Sendo assim, podemos perceber que essas respostas abertas corroboram com os dados obtidos das questões objetivas. Nesse sentido, em relação à contribuição da disciplina de LIBRAS para a revisão de paradigmas e construção de um novo conhecimento sobre o povo surdo, da sua cultura e da existência de uma Língua de sinais, três dos participantes falaram que após cursarem essa disciplina passaram a enxergar a importância desse componente curricular ser implantado em maior abrangência, contemplando diferentes etapas de ensino, do básico ao superior, como podemos observar no fragmento da resposta do participante 2 *“Após cursar a matéria passei a perceber o surdo de outra maneira, tendo a concepção de que surdo é diferente de deficiente auditivo e de que a LIBRAS é sim uma língua a qual deveria ser implantada no currículo escolar”.*

Dessa maneira, diante dos gráficos, da descrição dos seus resultados e das respostas abertas, podemos perceber que há uma mudança de visão que os alunos apresentam depois de cursar a disciplina de LIBRAS, passando a perceber uma nova realidade a respeito dos surdos, notando, também, o quão complexa é a sua língua e o quanto rica é a sua cultura. As respostas dos participantes são elucidativas no que compreende ao conhecimento anterior ao contato com o tema da surdez e com a revisão de paradigmas resultante das discussões realizadas em sala de aula na disciplina de LIBRAS. Logo, o tema do ENEM 2017, por mais que tenha gerado uma grande polêmica pela dificuldade que muitos participantes inferiram ao tema, abriu caminhos para que a Língua de Sinais, a cultura surda e os integrantes dessa cultura possam ser enxergados pela sociedade brasileira na forma devida.

Considerações

Com essa reflexão, assumimos a postura de trazer à tona uma discussão a respeito do povo surdo e a sua cultura. Nessa, procuramos deixar claro o nosso propósito, que foi o de analisar as perspectivas que os(as) alunos(as) do segundo período de Pedagogia da UFAL-Campus Sertão tinham antes de cursar a disciplina de LIBRAS, após terem participado da prova do ENEM 2017, que teve como temática a surdez, e a (re)visão de conceitos possibilitada após cursarem tal disciplina.

Sendo assim, ao notar que o assunto é pouco problematizado no âmbito social e educativo, buscamos através de um questionário conseguir resultados que retratassem melhor essa realidade. Através de contribuições teóricas para

fundamentação das nossas ideias, obtivemos compreensões de que a cultura surda ainda é pouco conhecida e problematizada.

A partir do questionário, apontamos que os alunos entrevistados ainda não haviam discutido nada acerca dos surdos antes da redação do Enem 2017, que antes de cursarem a disciplina de LIBRAS a maioria caracterizava os surdos como deficientes e que nas escolas onde estudaram nunca houve palestras ou eventos voltados à disseminação de conhecimento sobre cultura surda. Acerca da cultura surda, nota-se, nas respostas dos alunos, uma mudança de pensamento depois de cursarem a disciplina LIBRAS, pois a existência de uma cultura surda, como podemos perceber em alguns comentários, agora já é dada como conhecimento adquirido.

Dessa forma, esse trabalho serve para proporcionar uma melhor reflexão sobre um assunto que, por muitas vezes, passa despercebido na atualidade, como é o caso do povo surdo, as práticas inclusivas para os surdos nas escolas e o grande preconceito que eles sofrem na sociedade. Dessa maneira, a disciplina de LIBRAS ofertada na UFAL - *Campus* do Sertão se faz necessária para iniciarmos revisões de saberes sobre a cultura surda.

Assim, compreendemos a seriedade desse estudo, que possibilita uma reflexão não só para os estudantes em LIBRAS, mas também como um trabalho para outras pessoas, de outras áreas, que se interessem por essa temática. Esse trabalho é passível de ampliação, podendo ganhar novos contornos e um maior aprofundamento teórico, pois, diante de uma sociedade em constantes transformações, a discussão sobre surdos e sua cultura ganha novos contornos e um maior fortalecimento sobre a sua importância.

60

Referências

BRASIL. Lei 10436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

BRASIL. Decreto 5626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

EAGLETON, Terry. Versões de cultura. In: _____. **A Ideia de Cultura. Lisboa: Temas e debates**, 2000.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SÁ, Nídia de. Escola e classes de surdos: opção político-pedagógico legítima. In: _____. (Org.). **Surdos: qual escola?** Manaus: Editora Valer e Edua, 2011, 17- 62.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e Identidade Surdas: Encruzilhada de Lutas Sociais e Teóricas. **Educ. Soc. Campinas**, 2005, n. 91, vol. 26, 565-582.

SCHWARTZMAN, José Salomão. **A inclusão da pessoa com deficiência**. In: **SÁ, Nilda de. Surdos: qual escola?** Manaus: Editora Valer e Edua, 2011, 273- 276

CABURÉ

**Saberes Acadêmicos
Interdisciplinares**

V. 1, N. 1 (2018)

**A VOZ, O CANTO, O *CORO UNIVERSITÁRIO*
DO CAMPUS DO SERTÃO: UM PROJETO
EXTENSIONISTA E ARTÍSTICO-
SOCIOCULTURAL DA UFAL**

THE VOICE, THE CORNER, THE *CORO UNIVERSITÁRIO* DO CAMPUS DO
SERTÃO: AN EXTENSIONIST AND ARTISTIC-SOCIOCULTURAL PROJECT OF
UFAL

Marcel Silva Garrido

Graduando Pedagogia – UFAL-Sertão-NEART.
marcel.garrido@delmiro.ufal.br

Márcio Ferreira da Silva

Professor – UFAL-Sertão-NEART
marcio.silva@delmiro.ufal.br

Resumo

A música, a voz, o canto é uma manifestação humana que integra homens e mulheres à sensibilidade expressiva da vida. Entender-se no mundo é também compreender as ações corporais com a voz, o gesto, a canção. Nesse sentido, pode-se dizer que o projeto *Coro Universitário do Campus do Sertão*, da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, busca um encontro de vozes que representam a expressão musical da região do alto sertão alagoano, cuja proposta é uma ação do NEART-*Núcleo de Expressão Artística*. Impulsionada por forte tendência artística, a região espelha singular contato com as mais diversas atividades culturais, como, por exemplo, a música, a poesia, o cordel, o violeiro, bem como a produção musical independente de jovens que veem na cultura musical uma forma de entendimento com o mundo. O *Coro Universitário do Campus do Sertão* objetiva então criar um diálogo com essa comunidade musical, produzindo com o canto um conjunto de ações que levem a música erudita, popular e as de marca regional para a comunidade acadêmica e a sociedade em geral. A proposta surgiu da chama de Edital Proinart da Proex-UFAL, que julga a excelência a partir de atividades que movimentem as relações culturais de determinadas regiões em que a universidade faz parte.

Palavras-chave: Música; Canto; Coro; Extensão.

Abstract

Music, voice, singing is a human manifestation that integrates men and women with the expressive sensitivity of life. To understand oneself in the world is also to understand the bodily actions with the voice, the gesture, the song. In this sense, it can be said that the *Coro Universitário of the Campus of the Sertão*, of the Universidade Federal of the Alagoas-UFAL, seeks a meeting of voices representing the musical expression of the region of the upper Alagoano sertão, whose proposal is an action of NEART- *Núcleo de Expressão Artística*. Driven by a strong artistic tendency, the region has a unique contact with the most diverse cultural activities, such as music, poetry, string and violin, as well as the independent musical production of young people who see in musical culture a form of understanding with the world. The *Coro Universitário of the Campus of the Sertão* University aims to create a dialogue with this musical community, producing with singing a set of actions that lead to erudite, popular and regional music for the academic community and society in general. The proposal came from the Proex-UFAL Call Proinart, which judges excellence from activities that move the cultural relations of certain regions in which the university is part.

Keywords: Music; Corner; Choir; Extension.

Introdução

Trabalhar com a extensão universitária é uma tarefa árdua, exige dedicação, planejamento, disposição, força de vontade e quando envolve o canto em coro -, ou seja, afinação à expressão corporal; organização e responsabilidade, a qual é uma atividade inter e intrapessoal; integração-acessibilidade, responsabilidade do regente com o humano e o artístico; a cobrança da sociedade pela exposição artística em contraposição aos processos individuais, de criação e musicalização na construção diária como coro; histórico-social, como adequação do repertório aos temas musicais, como se apresentou no *Projeto Tempo Cíclico: Coro Universitário do Sertão canta Suíte dos Pescadores, de Dorival Caymmi* -, cuja atividade central multiplica-se inúmeras vezes em cada um desses fatores. As ações de extensão têm como ênfase a inclusão social e os programas e projetos de extensão visam contribuir para implementação de políticas públicas.

Desde a criação do *Programa de Extensão Universitária* (ProExt) pelo Reuni, em 2003, percebe-se uma maior abertura para o desenvolvimento, produção e difusão de conhecimentos de diversas áreas através dos programas e projetos de extensão universitária. Em vista dessa realidade tornou-se possível a elaboração de projetos que permitem o intercâmbio cultural entre a universidade e a sociedade, promovendo o acesso da comunidade a espaços acadêmicos, a novos conhecimentos e, aguçando a percepção da comunidade acadêmica sobre as demandas sociais de forma que, tanto a comunidade acadêmica quanto a sociedade, em que o projeto de extensão esteja inserido, possam perceber os ganhos relativos provenientes dessas interações.

Como fruto dessas relações, surgem no ambiente acadêmico espaços focados em atender as demandas das comunidades local e regional, que são núcleos de estudo e pesquisa no âmbito da universidade. Estes núcleos reúnem estudantes, professores e pessoas da comunidade, direcionando as atividades à sociedade por meio de projetos e programas de extensão. Esses projetos, por sua vez, podem atender a demandas diversas em várias linhas sociais, educacionais, de saúde, cultura, política, economia, engenharia entre outros. É nessa perspectiva que surgem no Campus do Sertão, da Universidade Federal de Alagoas, em Delmiro Gouveia, o *Núcleo de Expressão Artística* (NEART), criado em 2016, o NEART busca formar ações que englobem expressões artísticas na música, no teatro, na literatura, nas artes visuais, na expressão popular; e o projeto extensionista do Coro Universitário do Campus do Sertão, também de 2016, visa divulgar a música popular brasileira entre os discentes, técnicos, professores e comunidade da região do Alto Sertão alagoano como forma de expandir o acesso à arte e à cultura para os diversos grupos sociais dentro e fora da universidade.

Essa atividade se justifica porque acreditamos que a música é uma das principais características da cultura do povo sertanejo, com ritmos marcantes como o baião, xaxado, forró, coco, xote, marcha junina, xamego, frevo e maracatu, entre outros, a sociedade sertaneja floresce em harmonia, e as vozes sertanejas, fortes e arrojadas, com suas características regionais únicas, proporcionam a possibilidade de revelar um sertão repleto de imagens naturais, experiências sociais e histórias, por meio do canto (TINHORÃO, 1997).

Temos por objetivo no que concerne à proposta do *Coro Universitário do Campus do Sertão* busca reunir vozes da comunidade acadêmica e da sociedade sertaneja do entorno do campus para desenvolver a prática do canto coral, visando

à aproximação das comunidades interna e externas através da interação entre docentes, técnicos, discentes e elementos da sociedade local com a música, a arte e a cultura.

Da implementação do projeto

A expressão cultural e artística é diversa na região do sertão. Há representações de artesanatos locais e a influência musical pode ser sentida na presença da Orquestra Armorial de Piranhas. Há também forte tendência às expressões musicais com grupos alternativos de MPB, Pop rock e grupos seresteiros. O canto na região tem surgido de forma improvisada. As pessoas ligadas à música geralmente tocam algum instrumento por influência familiar, é o caso, por exemplo, de Suzi Mariana, ex-aluna do curso de Letras, do Campus do Sertão, que foi finalista no *Festival de Música da UFAL* (FEMUFAL), em 2014. O Campus do Sertão também teve representantes no mesmo festival em 2015. Suzi se apresenta atualmente na região com banda e em 2016 lançou seu primeiro álbum. Assim, há uma linha musical na região proporcional à implantação do *Coro Universitário do Campus do Sertão*.

Partindo da visão obtida nos estudos de Bennett (1986a, 1986b), quanto à teoria musical e Wisnik (1999), quanto à questão da melodia, o som e o sentido, esta proposta se justifica na integração extensionista do projeto, visando formar um grupo de coro comprometido com a divulgação da música e da cultura na região, formando uma imersão da população no universo da música popular brasileira, bem como no diálogo com a produção musical erudita, uma vez que se sente a necessidade de cruzar os diversos estilos musicais para se fazer ouvir em uma região de recursos socioeconômicos escassos e mal distribuídos.

Podemos dizer que a universidade é uma instituição capaz de estabelece esse encontro, uma vez que é de natureza dela o encontro com a diversidade cultural e com a expressão artística. Nesse caso, a UFAL tem papel fundamental porque representa a maior parcela de formação universitária em cursos de graduação e pós-graduação de Alagoas. O Coro Universitário do Campus do Sertão é, então, reflexo de incentivo à extensão que a universidade considera como prioridade, incentivando professores nos projetos e selecionando bolsista para compor, no caso do Coro, os coralistas.

Dessa maneira, a forma como se dá a existência dessas atividades artística vai ao encontro das ideias de Lukács (*apud* FREDERICO, 2013), quando da visão estética da arte, ao dizer que é um produto histórico tardio. De acordo com Frederico (2013), se ela passou a existir, é porque responde por funções no processo de autodesenvolvimento da espécie humana. Podemos dizer que:

[...] As diversas formas de objetivação do ser social (como o trabalho, a arte, a ciência etc.) têm sua estrutura e sua função explicadas, em última instância, pela sua gênese, pelo seu modo de aparecimento no decorrer da evolução histórica. A perspectiva ontológica obriga-o, assim, a rastrear o amálgama original e indiferenciado das atividades humanas para aí captar a irrupção da arte e das demais atividades (FREDERICO, 2013, p.116-117).

Ao implantar o *Coro Universitário do Campus do Sertão*, em 2016, o Núcleo de Expressão Artística (NEART) proporcionou a possibilidade de reunir novos artistas, que antes se apresentavam individualmente, em uma atividade coletiva, capaz de nivelar as oportunidades de expressão artística e as manifestações individuais no interesse pela música e pela arte. Esse passo foi fundamental para o alcance do nosso primeiro objetivo, a criação e o desenvolvimento do *Coro Universitário do Campus do Sertão*, à promoção da integração entre as comunidades, acadêmica e local.

De acordo com Silva (2015), o canto coral é uma ferramenta de integração, motivação e desenvolvimento de múltiplas habilidades e competências. Como era de se esperar, podemos dizer que foi necessário responder a algumas demandas importantes para a sustentabilidade do projeto. Algumas perguntas, tais como: 1) onde serão realizados os ensaios? 2) quantas pessoas poderão participar do coro? 3) qual o repertório iremos trabalhar? 4) onde encontrar arranjos que contemplem o repertório escolhido? 5) como promover o desenvolvimento vocal dos integrantes? 6) como captar recursos (doações) e onde conseguir patrocinadores?

É comum que instituições públicas e privadas deem preferência a implantação de coros, como atividade artística e de promoção da relação social entre seus funcionários e servidores, entretanto sustentamos que a ideia de que a implantação de um coro é possível quando depende unicamente do uso das vozes como instrumento musical, desconsiderando a aquisição de instrumentos, fardamentos, pastas, impressões e outros recursos de fundamental importância para o andamento das atividades. De acordo com Silva (2015, p. 124),

[...] nascemos carregando um instrumento musical, que é a nossa voz. Desse modo, todos que tenham um aparelho fonador saudável podem cantar – ou seja, fazer música – sem que precisem comprar um instrumento musical. Isso, por si só, torna a prática do canto coral acessível, o que motiva empresas, escolas, centros comunitários e igrejas a escolherem essa prática para ser desenvolvida em seu meio. Outra questão é que, por ser um instrumento natural, as pessoas já têm uma familiaridade com o canto, o que facilita a formação de coros amadores.

Em função da prática realizada, podemos dizer que, mesmo quando há uma familiaridade com o canto, faz-se necessário um mínimo de recursos para o andamento dos projetos, capazes de proporcionar ambiente adequado ao desenvolvimento da atividade. Nesse contexto nos encontramos obrigados a definir qual o modelo de coro que pretendemos trabalhar e qual o objetivo geral do coro, que será proposto às comunidades. Seguindo o pensamento de Silva (2015, p. 126),

Dependendo dos objetivos do coro em que você está envolvido, a sua dinâmica de trabalho se modifica. Não podemos trabalhar com um coro sinfônico da mesma forma que trabalhamos com um coro de idosos ou um coro de uma empresa. Enquanto o objetivo do primeiro é a execução musical/vocal de excelência, os últimos têm por meta o convívio e o desenvolvimento das relações pessoais, sendo a música o meio para se chegar a tal resultado.

Como nosso objeto é a música, podemos perceber que o objetivo está ligado diretamente à promoção de convívio, o desenvolvimento das relações pessoais e a disseminação da arte através da música, mantendo um alinhamento entre a proposta de criação do *Coro Universitário do Campus do Sertão* e o interesse geral da comunidade acadêmica pela música, pelo canto coral, de forma a potencializar a adesão das pessoas ao coro e à iniciação dos trabalhos artísticos, levando ao público mostras das atividades realizadas na universidade.

Do desenvolvimento da atividade artística e social

A metodologia empregada tem como base os estudos de Silva (2015), Frederico (2013) e Wisnik (1999) e embora não seja nosso objetivo a criação de um coro sinfônico, após a realização do processo de seleção, mediante a publicação de edital específico, foi possível selecionar um total de 20 vozes, sendo que algumas possuíam experiência com canto, enquanto outras eram totalmente leigas, mas com grande interesse em participar das atividades. Silva (2015) ressalta a importância em reconhecer a influência do objetivo do coro em relação ao trabalho artístico ao dizer que, embora o objetivo de um coro sinfônico seja diferente do objetivo de um coro amador, este não está desobrigado de trabalhar o convívio social e a técnica vocal.

Isso não significa que, em um coro profissional, não tenhamos convívio e relações interpessoais e que, em um coro amador, não seja possível ter uma execução musical de qualidade, apenas que os objetivos principais não são os mesmos, o que muda a postura do regente (SILVA, 2015, p. 126).

A partir desse pensamento, entendemos a proximidade entre trabalho técnico musical e trabalho social pertinente à atividade do coro, logo nossa tarefa estava dívida em proporcionar conhecimento musical e de estudo do canto em conjunto com momentos de interação e relação social. Baê e Pacheco (2006c) entendem que a soma dos conhecimentos musicais do estudo do canto aos conhecimentos científicos da fonoaudiologia torna nítida a melhora do nível técnico dos alunos.

Seguindo essa trilha, podemos tomar o pensamento de Ballestero-Alvarez (2004, p. 12), quando afirma que a valorização social da interdependência entre mente e corpo levou a sociedade a valorizar a busca pela excelência da conduta interpessoal.

[...] a capacidade de compreender o outro e de interagir de forma eficaz com ele, [...] nos permite compreender nosso semelhante e comunicar-nos com ele considerando os diferentes estados de ânimo, temperamentos, motivações e habilidades. Inclui também a capacidade para estabelecer e manter relações e para assumir diferentes papéis dentro de um grupo qualquer, seja como integrante, seja com líder desse grupo.

A partir destas perspectivas, os ensaios passaram a ser planejados contemplando dois momentos: um técnico e outro social. No momento técnico, buscamos ampliar o conhecimento dos coralistas sobre teoria musical, canto, técnica vocal e fisiologia do aparelho vocal através de micro-aulas, com duração de trinta minutos, realização de exercícios de respiração e vocalizes. Para o melhor desempenho da prática artística, proporcionamos o contato com a educação musical, neste caso a teoria musical e o canto auxiliam na busca de um melhor resultado. Os coralistas têm a disposição um quadro com pauta musical, um computador com acesso à internet e arquivos contendo pastas com micro-aulas organizadas por tema e nível de complexidade. Segundo Baê e Pacheco (2006, p. 9):

[...] estudar canto sem conhecer a anatomia e a fisiologia do aparelho vocal é como tocar um instrumento sem conhecer como funciona. O aprendizado de qualquer instrumento musical geralmente se inicia pelo conhecimento de suas partes e de suas funções. Não deveria ser diferente com a voz, mas o que temos visto é que os alunos vocalizam sem ter um entendimento correto e aprofundado de seu próprio instrumento, o que acarreta um gasto de tempo desnecessário para o desenvolvimento da técnica.

Dessa maneira, podemos observar que o conteúdo das micro-aulas se dividiu em domínio da respiração, conhecimento da fisiologia vocal, conhecimento da anatomia vocal, técnica vocal, teoria musical (intervalos, melodia e harmonia), ritmo, afinação, dinâmica, solfejo e interpretação. Dessa forma, buscamos atender as necessidades musicais sociais e respectivamente as necessidades individuais dos integrantes. Para aqueles que buscam aumentar o conhecimento técnico do canto, o material está disponível para estudo na sala de ensaios do coro universitário, proporcionando um crescimento artístico musical individual capaz de ser compartilhado com os demais integrantes do coro quando envolvidos na prática coletiva. Assim, os coralistas passam a ter contato com a música do ponto de vista científico e “devolvem” esse conhecimento em forma de arte. Eles aprendem a distinguir o canto lírico do canto popular, a diferenciar as classes vocais (soprano, contralto, tenor e baixo) e a entender como cada uma trabalha quando em conjunto, tornando-os mais criativos em suas exibições individuais e/ou coletivas.

Outro ganho evidente, proveniente desse modelo de trabalho, é a apropriação gradativa da linguagem e dos meios de comunicação musical por parte dos coralistas. Como já foi citado anteriormente, ainda é comum na cultura musical sertaneja o ensino de música pela oralidade, em que os pais ensinam aos filhos a cantar e tocar algum instrumento musical. Consequentemente não é difícil encontrar algum jovem ou adulto tocando violão ou cantando uma canção, mas sem conhecimento da notação musical. Somente aqueles que possuem alguma experiência em orquestras e filarmônicas dos municípios têm alguma propriedade sobre a notação musical. Então, essa condição se tornou um grande desafio para a implantação do coro, pois essa ação cultural influencia significativamente na realização dos ensaios.

O surgimento da notação musical é considerado como a primeira grande revolução nos processos de transmissão do conhecimento musical. Podemos dizer que esse conhecimento tornou possível o registro da atividade musical dos artistas

ao longo dos séculos. Para Ghon (2011 *apud* THÉBERGE, 1997 e WEBER, 1951), o surgimento da notação musical pode ser comparado ao surgimento da escrita para a linguagem, pois essa ação científica tornou possível o acesso a informação musical independente época. “[...] Com a notação, pela primeira vez uma informação musical poderia ser transportada em um suporte físico, não baseado na tradição oral e que não dependia da memória humana” (GOHN, 2011, p.59).

Com o objetivo de diminuir os impactos causados pela falta de conhecimento da notação musical, foram realizados dois cursos de extensão sendo um de *Teoria musical e Flauta doce* e outro de *Linguagem musical*, envolvendo alunos da comunidade acadêmica pertinente ou não ao projeto do coro universitário. Essas ações ajudaram a ampliar o interesse dos alunos pela comunicação musical escrita, proporcionando a aproximação de alunos de diversos cursos, de dentro e fora da universidade, interessados em aprender a ler partitura, tocar e/ou cantar.

Após o momento técnico de aplicação das micro-aulas, nós desenvolvemos o momento social. Uma vez iniciado o ensaio do repertório, os coralistas são colocados em círculos de acordo com sua classificação vocal. É realizado o processo de aquecimento corporal e vocal, que dura cerca de quinze minutos. Concluído o trabalho de aquecimento, todos recebem suas pautas e as orientações sobre como são executadas suas melodias. É comum observar a existência de conversações acompanhadas de sorrisos e brincadeiras, promovendo uma interação mais ampla. Também ocorrem gestos de solidariedade, em que observamos alguns integrantes com mais experiência ajudando aqueles que estão com dificuldades de compreender a execução dos exercícios ou mesmo auxiliando no processo de apropriação e afinação da melodia.

Daí, percebemos a existência do desenvolvimento das interações sociais com relação aos aspectos de convivência, liderança e socialização de conhecimentos.

Outra ação realizada para motivar o grupo é a realização das confraternizações para comemoração dos aniversariantes do mês. Embora todos os integrantes tenham metas a alcançar e sejam cobrados pela eficiência nos resultados (entenda-se como resultados a execução correta dos arranjos musicais propostos), o reconhecimento pelos esforços empreendidos é realizado nos momentos em que substituímos, uma vez no mês, o ensaio por parabenizações, leitura de mensagens e poemas, finalizadas com um pequeno *coffee break*. Essas atitudes de reconhecer a equipe são para lembrar coisas que são importantes para os integrantes do grupo e ajudá-los a organizar as ações em prol do reconhecimento do outro, fortalece o espírito de equipe, permitindo que os integrantes se reconheçam como parte de um todo e aos demais como coparticipantes nos seus sucessos e fracassos.

Os resultados provenientes dessa parte do processo são uma equipe motivada; redução do número de faltas causadas por desinteresse na atividade; melhor organização das atividades coletivas; ampliação da criatividade artística; maior qualidade nos resultados artísticos.

A forma como as relações internas se dão no interior do coro universitário agrega valor incontestável ao resultado final, ou seja, a prática da música e do canto.

Dos resultados obtidos no projeto

Como resultado desse processo, em um ano de atividade o *Coro Universitário do Campus do Sertão* agregou ao seu repertório oito músicas sendo cinco arranjos próprios e três de outros. A música realmente fortalece a alma humana. A prática da música provoca no ser humano a capacidade de falar outra linguagem consigo e com o público. Acreditamos que o *Coro Universitário do Sertão Alagoano* abre espaço para que alunos da graduação dos cursos da UFAL- Universidade Federal de Alagoas – UFAL-Campus do Sertão sintam o canto coral como parte integrante da trajetória da passagem desses alunos e alunas pela graduação.

O projeto tem demonstrado o quão importante a música tem sido para os alunos que compõem o grupo e para a comunidade das cidades nas quais o *Campus do Sertão* faz parte. Acreditamos que a simbiose musical se manifestou pelo exercício contínuo da música e da eficácia dessa ação na vida das pessoas.

Assim, o projeto que brinda a passagem de músicos/alunos/as que ganharam experiência com a prática da música, porque o *Coro do Sertão*, fazendo parte do NEART-Núcleo de Expressão Artística, formou e capacitou para a teoria musical, para os instrumentos e expressões musicais: violão, teoria musical e teclado. A formação musical teórica e prática é, por fim, a meta maior do projeto e o *Coro Universitário do Campus do Sertão* o resultado dessa prática.

Referências

BAÊ, Tutti., PACHECO, Claudia. **Canto**: equilíbrio entre corpo e som, princípios da fisiologia vocal. São Paulo: Irmãos Vitale, 2006.

BALLESTERO-ALVAREZ, María Esmeralda. **Exercitando as inteligências múltiplas**: dinâmicas de grupo fáceis e rápidas para o ensino superior. Campinas: Papirus, 2004.

BENNETT, Roy. **Forma e estrutura na música**. Rio de Janeiro: J.Zahar, 1986a.

_____. **Instrumentos da orquestra**. Rio de Janeiro: J.Zahar, 1986b.

CARDOSO, Belmira., MASCARENHAS, Mário. **Curso completo de teoria musical e solfejo**. 2º volume / elaborado por Belmira Cardoso e Mário Mascarenhas. São Paulo: Irmãos Vitale, 1996.

FREDERICO, Celso. **A arte no mundo dos homens**: o itinerário de Lukács. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

GOHN, Daniel Marcondes. **Educação musical à distância**: abordagens e experiências. São Paulo: Cortez, 2011.

TINHORÃO, José Ramos. **Música popular** - um tema em debate, São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **Pequena história da música popular** – da Modinha ao Tropicalismo. São Paulo: Arte Editora, 1986.

SILVA, Mariana Galon da. **Canto Coral e Técnica Vocal**. Batatais: Claretiano, 2015.
WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CABURÉ

**Saberes Acadêmicos
Interdisciplinares**

V. 1, N. 1 (2018)

A SUSTENTABILIDADE COMO PROPOSTA DE GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS SÓLIDOS ORGÂNICOS APLICADOS EM UM MUNICÍPIO DE MÉDIO PORTE

**SUSTAINABLE AS A PROPOSAL FOR MANAGEMENT OF SOLID ORGANIC
WASTE APPLIED IN A MEDIUM SIZE MUNICIPALITY**

James Monteiro Dias

Estudante em Engenharia Civil, Pesquisador CNPq, UFAL, Delmiro Gouveia-AL,
diasjames.ufal@gmail.com

Joana Fortes Silva

Estudante em Engenharia Civil, Pesquisador CNPq, UFAL, Delmiro Gouveia-AL,
j.fortes_@hotmail.com

Damazio Alencar Siqueira de Farias

Estudante em Engenharia Civil, Pesquisador CNPq UFAL, Delmiro Gouveia-AL,
damazioalencar@gmail.com

Bárbara Magalhães Simionatto

Estudante em Engenharia Civil, Pesquisadora CNPq, UFAL, Delmiro Gouveia-AL,
barbarasdrago@gmail.com

Rafaela Faciola Coelho de Souza

Dr^a em Geotecnia, Pesquisadora CNPq, Prof. Titular CECA, UFAL, Maceió - AL
rafaela_faciola@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho tem como objeto identificar e estimar a quantidade de resíduos sólidos orgânicos gerados em escolas no município de Delmiro Gouveia no estado de Alagoas, a fim de propor melhoria de maneira sustentável no gerenciamento desses resíduos. Através de entrevistas e coleta de dados, foi possível levantar informações sobre a produção de resíduos sólidos orgânicos das escolas em estudo, onde estimou-se cerca de 0,672 m³ de resíduo produzido mensalmente por ambas instituições de ensino. Os resultados mostraram que de forma sustentável é possível reutilizar esses resíduos através de composteiras que podem ser construídas e implantadas na própria escola. E, ainda, o composto final pode ser utilizado para o plantio de vegetação rasteira no local, transformando em um sistema integrado de resíduos sólidos orgânicos.

Palavras-chave: Sustentável, Compostagem, Escola Sustentável.

Abstract

This work aims to identify and estimate the amount of organic solid waste generated in schools in the municipality of Delmiro Gouveia in the state of Alagoas, in order to propose a sustainable improvement in the management of the amount of waste generated. Through interviews and data collection, it was possible to gather information about organic solid waste production in the schools under study, it was estimated about to 0.672 m³ of waste produced monthly by both of the educational institutions. The results showed that in a sustainable way it is possible to reuse these residues through composters that can be built and implanted in the school itself. And finally, the final compound can be used for the planting of undergrowth at the site, transforming it into an integrated organic solid waste system.

Keywords: Sustainable, composting, sustainable school.

Introdução

Atualmente a problemática da gestão de resíduos sólidos vem sendo objeto de muitas discussões. Devido à excessiva geração de lixo e escassez de áreas de disposição final adequada, tornam-se necessárias medidas que engajem o público e o privado, a fim de promoverem soluções sustentáveis e compatíveis com a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS).

Nos lixões e nos aterros sanitários, tem-se por grande vilão a presença de resíduos orgânicos, uma vez que a decomposição destes gera o chorume - líquido turvo e malcheiroso - que atua poluindo o solo e águas subterrâneas, se disposto de forma inadequada.

A PNRS, instituída pela lei federal nº 12.305/2010, estabelece que no âmbito da responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos, cabe ao titular dos serviços públicos implantar sistema de compostagem para resíduos sólidos orgânicos e articular com os agentes econômicos e sociais formas de utilização do composto produzido (BRASIL, 2010).

Compostagem é um processo biológico de decomposição e de reciclagem da matéria orgânica contida em restos de origem animal ou vegetal formando um composto, proporcionando um destino útil para os resíduos orgânicos, evitando sua acumulação em aterros e melhorando a estrutura dos solos. (GODOY, 2017, p. 1).

O Programa Nacional de Alimentação Escolar institui que *“as escolas devem possuir cardápios que respeitem os hábitos da localidade, sua vocação agrícola e preferência por produtos básicos, dando prioridade aos semielaborados e aos in natura”* (BRASIL, 2009). Deste modo, as escolas que atendem às diretrizes do PNAE apresentam um grande potencial de geração de resíduos orgânicos.

Considerando-se a importância de gerir adequadamente estes resíduos, faz-se necessário indicar alternativas sustentáveis para o seu reaproveitamento. Portanto, este trabalho objetiva propor um sistema de compostagem para os restos alimentares provenientes da merenda escolar, adequado à realidade local, prático e de baixo custo operacional.

Material e métodos

O presente trabalho foi realizado no município de Delmiro Gouveia, localizado na Microrregião do Sertão de Alagoas. O município faz divisa com os Estados de Sergipe, Bahia e Pernambuco. De acordo com o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em 2010, o município possuía uma população de 48.096 habitantes, em uma área territorial cerca de 630 km². A última estimativa do IBGE indicou uma população de 52.597 habitantes para o ano de 2017.

A princípio para realização da coleta de dados, foi definida a área de estudo. Foram escolhidas para a realização desta pesquisa, escolas de nível básico localizadas no centro da cidade, especificamente, a Escola estadual Luiz Augusto Azevedo de Menezes e a Escola Estadual Delmiro Gouveia. Segundo o IBGE, o

município de Delmiro Gouveia possuía 05 escolas de Ensino Médio e obteve 1.821 matrículas no Ensino Médio no ano de 2015.

Ressalta-se ainda que Escola Estadual Luiz Augusto Azevedo de Menezes atende exclusivamente alunos de Ensino Médio, durante os turnos matutino, vespertino e noturno. Totalizando assim, a quantidade de 900 alunos no presente momento, dos quais 90 estudam em tempo integral (matutino e vespertino). Ao mesmo tempo em que a Escola Estadual Delmiro Gouveia, umas das mais tradicionais do município, recebe alunos das últimas séries do ensino fundamental e alunos do ensino médio, perfazendo um total de 400 alunos que se dividem entre os turnos matutino e vespertino. Possuindo um razoável espaço, constituído por salas de aulas, quadra de futebol, refeitório e pátio destinado à recreação.

Coleta de dados através de entrevista

Para a obtenção de dados, foram realizadas entrevistas a alguns funcionários das escolas em questão, dentre eles servidores da administração e da cantina. Além disso, examinou-se a estrutura física de ambas escolas a fim de avaliar os espaços disponíveis e de realizar a coleta de informações sobre a geração de resíduos sólidos orgânicos nas mesmas.

O formulário apresentado foi composto dos seguintes questionamentos:

- Qual o destino dos resíduos orgânicos da escola?
- Quais os tipos de resíduos orgânicos gerados na escola?
- Qual a capacidade das lixeiras que a escola possui no refeitório?
- Quantas lixeiras dessas são abastecidas por dia com os resíduos orgânicos?

74

O cardápio alimentar, devidamente elaborado por um profissional de nutrição, também foi objeto de análise deste trabalho. Uma vez que a partir deste, foi possível a observação da composição da alimentação dos alunos como também a identificação dos tipos de resíduos que podem ser encontrados nas lixeiras da escola.

Observou-se, ainda, ao longo das visitas realizadas, a infraestrutura existente em ambos objetos, bem como a disposição dos espaços físicos que os compõem. Analisou-se a possível existência de árvores, jardins e hortas como também a presença de espaços adequados à implantação das composteiras a serem propostas por este trabalho.

A partir da coleta de dados foi possível estimar, em quilogramas (Kg), a quantidade de resíduos orgânicos gerados em cada escola, assim como dimensionar a quantidade de composteiras necessárias para atender a demanda de resíduos orgânicos calculada, além de estimar o volume de adubo gerado.

A técnica de compostagem utilizada no presente trabalho refere-se ao método de Kiehl que, segundo Lima (2004), é um método prático, de baixo custo e fácil operação.

Resultados e discussão

A apresentação dos resultados deste trabalho é dividida de acordo com o estudo de caso de cada escola analisada. Desta forma, considera-se o Estudo de Caso I referente à Escola Estadual Luiz Augusto Azevedo Menezes e o Estudo de Caso II referente à Escola Estadual Delmiro Gouveia.

Estudo de Caso I: Escola Estadual Luiz Augusto Azevedo Menezes

a) Cálculo da quantidade de resíduos orgânicos gerados

Na escola Luiz Augusto ocorre distribuição de merendas nos períodos da manhã e da tarde para todos os alunos sob regime comum¹¹. Para os alunos sob regime de tempo integral¹², além da merenda são servidas três refeições extras: desjejum, almoço e jantar.

Por meio da análise do cardápio e da inspeção realizada na cozinha, foi possível a verificação dos alimentos que são servidos na cantina e assim obter um perfil dos resíduos produzidos. Foram observados resíduos dos seguintes alimentos: melancia, caju; manga, tangerina, maçã, acerola, batata, cenoura, abóbora, tomate, ervilha, milho, arroz, feijão, macarrão além de carne (soja, frango, boi).

A estimativa da quantidade de resíduos foi realizada por meio de entrevistas às merendeiras. Segundo elas, normalmente os alimentos são preparados apenas em três dias da semana. Nos demais dias são servidas “merendas prontas”, expressão designada à alimentos que não necessitam de preparo como pão, bolachas e achocolatados. Desta forma, a produção de rejeitos orgânicos é relativamente reduzida, sendo composta essencialmente por cascas de frutas, legumes ou sobras de hortaliças, como o observado na Figura 1.

Figura 1. Sobras da preparação das refeições.



Fonte: Autores.

Ainda segundo às merendeiras, a escola produz um volume semanal de rejeitos de aproximadamente 6 lixeiras de 20 litros, totalizando 120 litros de

¹¹ alunos matriculados sob regime de turno único, sendo este manhã ou tarde.

¹² alunos matriculados sob regime de ambos os turnos diurnos, manhã e tarde.

rejeitos orgânicos por semana, gerando assim, um volume mensal de 480 litros de resíduos ($0,48\text{m}^3$).

Constatou-se, também, o notável espaço físico livre pertencente à estrutura em questão, sendo boa parte deste ocupado por vegetação rasteira. A mesma conta ainda com várias árvores, dentre adultas e recém-plantadas, que compõe as áreas de recreação ao ar livre durante à extensão do seu terreno. Um dos ambientes do objeto analisado, dispõe de um projeto de horta escolar sob fase de implementação, como mostra a Figura 2.

Figura 2. Local de implementação da horta.



Fonte: Autores.

b) Dimensionamento das composteiras

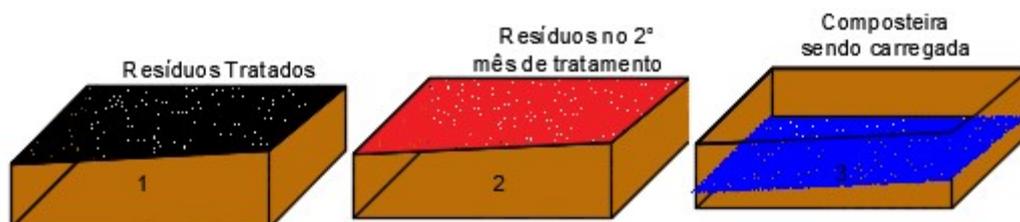
De acordo com os dados coletados, foi possível estimar o volume mensal da geração de resíduos de aproximadamente $0,48\text{ m}^3$. Afim de facilitar a construção da composteira, considerou-se a majoração de 25% do volume de resíduo produzido normalmente. Sendo assim, foi utilizado para o dimensionamento das composteiras um volume de $0,60\text{ m}^3$ de resíduos orgânicos gerados.

Em conformidade com o Ministério do Meio Ambiente, a indicação do tempo de formação do composto varia entre dois a três meses (BRASIL, 2010). Desta forma, propôs-se uma unidade de compostagem formada por 03 composteiras, na qual podem ser trabalhadas por revezamento entre estas: a cada mês, apenas uma receberá resíduos; as demais estarão realizando o tratamento dos resíduos ou estarão vazias (inicialmente). Como por exemplo:

- No primeiro mês de tratamento apenas uma composteira receberá resíduos, as demais permanecem vazias.
- No segundo mês de tratamento, a primeira composteira estará cheia, e permanecerá tratando os resíduos do mês anterior, uma outra composteira receberá resíduos e a terceira não.

- No terceiro mês, a terceira enfim receberá resíduos, enquanto a segunda permanecerá tratando resíduos, ao passo que ao término deste mês a primeira poderá ser desocupada, uma que já terá tratado seus resíduos;
- E assim, sucessivamente, o processo se repetirá mês a mês, como é ilustrado na Figura 3.

Figura 3. Ilustração do Revezamento entre as composteiras.



Fonte: Autores.

As composteiras poderão ser feitas com tijolos ou com madeira e terá dimensões de 1,0 x 1,0 x 0,5 metros (largura/comprimento/altura). Enfatiza-se que as composteiras deverão ser cobertas por lona de plástico ou por madeira, com o intuito de evitar a entrada de água da chuva. Ademais, estas deverão ser dispostas em locais arejados e sob a incidência de sombra nos horários mais quentes do dia. A Figura 4 indica a seleção de área, entre as disponíveis na escola, adequada a implantação da unidade de compostagem.

Figura 4. Seleção de área adequada a implantação da unidade de compostagem.



Fonte: Autores.

c) Cálculo da quantidade de composto gerado

Neste trabalho, foi considerada a relação de materiais (carbono/nitrogênio) de 3:1, que, segundo Pimenta et al. (2016) é considerada equilibrada para atuação dos microrganismos. Portanto, nos cálculos, são consideradas três partes de materiais ricos em carbono, como resto de podas de árvores e capinas e uma parte de materiais ricos em nitrogênio, que neste caso são os resíduos orgânicos (R.O).

Ainda, de acordo com o mesmo autor também observou uma redução final média de 57,75% do volume proveniente do processo de compostagem, desta forma é possível calcular a quantidade de composto gerado, conforme a apresentado na tabela 1:

Tabela 1. Quantidade de composto gerado, caso 1.

Vol. de R.O	Vol. Carbono	Vol. Compostagem	Vol. Composto
0,48 m ³ /mês	1,44 m ³ /mês	1,92 m ³ /mês	0,81 m ³ /mês

Fonte: Autores.

Estudo de Caso II: Escola Estadual Delmiro Gouveia

a) Cálculo da quantidade de resíduos orgânicos gerados

Na escola Estadual Delmiro Gouveia, a distribuição de merenda ocorre em todos os dias letivos durante os turnos da manhã e tarde. Através da análise do cardápio semanal da cantina juntamente ao informado, em entrevistas, por funcionários da cantina, percebeu-se que a geração de resíduos orgânicos da escola se dá principalmente as terças, quartas e quintas-feiras. Visto que, nestes dias ocorrem o manuseio de merendas que incluem alimentos in natura, os quais requerem preparo prévio adequado, realizado na cozinha do local. Destaca-se que tal procedimento prévio gera sobras, tais como cascas de verduras e legumes. Nos demais dias de funcionamento da escola, as segundas e sextas-feiras, são servidos lanches que não necessitam de preparo (condimentos industrializados), como bolachas, achocolatados e sucos.

Semelhante ao apresentado no Estudo de Caso I, para o cenário da Escola Delmiro Gouveia, a estimativa de resíduos orgânico se deu segundo ao relatado em entrevista à 02 das funcionárias da cantina. Desta maneira, o volume de resíduos gerados se deu conforme o volume das lixeiras disponíveis no refeitório. Segundo as funcionárias, a escola gera aproximadamente uma lixeira de resíduos de 16 litros diários nos dias que ocorrem o preparo de alimentos na cozinha (03 dias por semana). Totalizando o volume de 48 litros de resíduos por semana, demandando assim, 144 litros (0,192 m³) de lixo orgânico por mês.

b) Dimensionamento das composteiras

Conforme o estimado no item anterior, o volume de resíduos orgânicos mensalmente gerados na Escola Estadual Delmiro Gouveia é de 0,192 m³. De modo igual ao calculado no Estudo de Caso I, para este Estudo de Caso considera-se a majoração de 25% do volume de resíduo produzido normalmente, a fim de facilitar a construção da composteira. Portanto, será utilizado para este dimensionamento um volume de 0,24 m³ de resíduos orgânicos produzidos mensalmente.

Consoante aos critérios aplicados ao Estudo de Caso anterior, para a presente escola será proposto uma unidade de compostagem formada por 03 composteiras. Cumprindo o mesmo sistema de revezamento citado no item b do Caso I. As composteiras possuirão as dimensões de 1,0 m x 1,0 m x 24 cm (largura, comprimento e altura). A Figura 5 mostra ao local onde poderá ser implantado o sistema de composteiras.

Figura 5. Pátio da escola Delmiro Gouveia.



Fonte: Autores.

c) Cálculo da quantidade de composto gerado

Realizou-se da mesma forma que o calculado para o caso 1, os resultados são expressos na tabela 2:

Tabela 2. Quantidade de composto gerado - caso 2

Vol. de R.O	Vol. Carbono	Vol. Compostagem	Vol. Composto
0,19 2 m ³ /mês	0,57 6 m ³ /mês	0,768 m ³ /mês	0,324 m ³ /mês

Fonte: autores

Conclusão

Este trabalho apresentou uma proposta sustentável de gerenciar os resíduos orgânicos gerados em escolas públicas a partir do fornecimento de refeição para os alunos e funcionários. Essa proposta-ação caso implantada, incide sobre a diminuição de resíduos transportados aos locais de destinação final, e também, sobre a prática de reutilizar.

Dessa forma, a proposta deste trabalho servirá como um dos subsídios à implantação de políticas de gerenciamento de resíduos sólidos na região, promovendo a conscientização ambiental de reutilizar os resíduos dentro das escolas públicas.

Referências

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. Política Nacional dos Resíduos Sólidos-PNRS. Brasília,DF, 2010.

BRASIL, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE. Brasília, DF, 1998.

GODOY, João Carlos. Compostagem. [online] Disponível em www.biomater.com.br. Acesso em 25 maio. 2019.

PIMENTA, A. F.; MARQUES V. da C.; Junior, I. T.; BOSCO, T. C. D; BERTOZZI, J.; Micichels, R. N. “Resíduos Sólidos: temperatura e redução de massa e volume em processo de compostagem de resíduos orgânicos domiciliares e poda de árvores”. Simpósio Brasileiro de Engenharia Ambiental, Brasília, 2-5. 2016.

CABURÉ

**Saberes Acadêmicos
Interdisciplinares**

V. 1, N. 1 (2018)

**GERAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA A
PARTIR DO APROVEITAMENTO DO
BIOGÁS GERADO POR (RESÍDUOS
SÓLIDOS URBANOS) RSU NO SERTÃO DE
ALAGOAS.**

**GENERATION OF ELECTRIC ENERGY FROM THE USE OF BIOGAS
GENERATED BY (URBAN SOLID WASTE) RSU IN ALAGOAS BACKWOODS**

Karla Juliana Cordeiro Costa

Universidade Federal de Alagoas -Campus do Sertão
karlarampjuliana@gmail.com

Thauany Alves Pastor

Universidade Federal de Alagoas -Campus do Sertão

Josilane Pereira Melo da Silva

Universidade Federal de Alagoas -Campus do

Sanderson Carlos dos Santos Mendes

Universidade Federal de Alagoas -Campus do

Resumo

Este trabalho visa estimar o potencial de aproveitamento da biomassa que é obtido da matéria orgânica, sendo ele gerado pelos resíduos sólidos urbanos e a partir disso calcular o Potencial Energético gerado entre os anos de 2010 a 2021. A pesquisa foi realizada em oito municípios de Alagoas, sendo eles: de Água Branca, Canapi, Delmiro Gouveia, Inhapi, Mata Grande, Olho d'Água do Casado, Pariconha e Piranhas que são os municípios que integram o Consórcio Regional de Resíduos Sólidos do Sertão de Alagoas. O destaque se dará para Delmiro Gouveia - AL, localizada no Sertão de Alagoas, fazendo divisa com os estados de Pernambuco, Bahia e Sergipe. A metodologia seguirá de uma pesquisa bibliográfica com abordagem quantitativa. Para auxiliar a discussão e fundamentar a análise, foram utilizados como fundamentação teórica Pecora (2006), Pavan (2010), dentre outros que estudam sobre o aproveitamento do biogás.

Palavra-chave: Sustentabilidade; Energia Renovável; Biomassa e Resíduos Sólidos Urbanos

Abstract

This work approaches the possibility of using biogas which is obtained from organic matter and is generated by urban solid waste and from this, calculate the Energy Potential generated between the years 2010 and 2021. The research was executed in the counties of Alagoas, these are: Água Branca, Canapi, Delmiro Gouveia, Inhapi, Mata Grande, Olho d'Água do Casado, Pariconha and Piranhas, which are the municipalities that participate of the Consórcio Regional de Resíduos Sólidos do Sertão de Alagoas. The highlight will be for Delmiro Gouveia - AL, located in the backwoods of Alagoas, bordering the states of Pernambuco, Bahia and Sergipe. The methodology will follow a bibliographical research with a quantitative approach Pecora (2006), Pavan (2010), among others who study on the biogas using. These authors were used to support the discussion and to base the analysis.

Keywords: Sustainability; Renewable energy; Biomass and Urban Solid Waste

Contextualização histórica

No início do século XX o petróleo era o principal combustível fóssil utilizado. Contudo, ao longo do desenvolvimento tecnológico, novas fontes de energia foram observadas e podendo observar os efeitos degradantes e poluentes dos combustíveis fósseis, proporcionando um novo tipo de energia que seria gerado por meio do biogás.

Em 2018, segundo dados da ANEEL, cerca de 8,77% da matriz energética do Brasil é movida a Biomassa. Com isso, a produção de energia elétrica a partir dos resíduos sólidos urbanos (resíduos domiciliares e de limpeza urbana) é uma das formas, que cada vez mais está sendo analisada e discutida, de reduzir os impactos ambientais e socioeconômicos consequentes de tais resíduos. A degradação anaeróbia da matéria orgânica dos RSUs resulta em uma mistura gasosa conhecida como biogás, composto principalmente por metano e dióxido de carbono, quanto maior a presença de metano, maior a quantidade de energia por unidade de massa também no biogás. Além desses compostos há outros em menor quantidade como o monóxido de carbono, nitrogênio, vapor d'água e hidrogênio.

A produção de energia ocorre da seguinte forma: Inicialmente recolhe-se o gás, em seguida há o processo de remoção das partículas em suspensão e outros agentes contaminantes, por fim, ele é convertido em eletricidade e distribuído por equipamentos de interconexão.

Para o desenvolvimento do trabalho, apoiamo-nos em produção de Pavan (2010), o qual permitiu estimar a quantidade de biogás que um aterro pode produzir e, a partir disso, calcular o quanto de energia elétrica pode fornecer ao consumidor através do Método de Decaimento de Primeira Ordem.

Com isso, este artigo visa analisar se o crescimento populacional aumenta em proporção direta ao potencial energético, além de apresentar o potencial energético da biomassa por meio do material orgânico presente nos resíduos sólidos urbanos e o custo de sua produção para as cidades que compõem o Consórcio Regional de Resíduos Sólidos do Sertão de Alagoas – CRERSSAL

Como estimar o potencial de energia a partir da produção de biogás em aterros

O Método de Decaimento de Primeira Ordem, que nos fornece a vazão de metano anual $Q_{T,x}$ (m^3 /ano) de um aterro dada pela seguinte equação:

$$Q_{T,x} = kR_x L_0 e^{-k(T-x)} \quad (1)$$

- k é a constante de decaimento por ano;
- R_x é a quantidade de resíduo produzida por ano em toneladas;
- L_0 potencial de geração de metano do lixo em m^3 /tonelada;
- T ano em vigência;
- x ano de deposição do lixo no aterro.

Além disso, para que seja possível calcular a emissão total de CH_4 pelo lixo alocado no aterro durante todos os anos devemos utilizar a seguinte fórmula:

$$Q_T = \sum Q_{T,x} \quad (2)$$

Onde o x é o ano inicial até T e Q_T representa a quantidade total de gás metano gerado em m^3 /ano.

A constante de decaimento de metano (k) sofre influência de fatores tais como a umidade, a disposição de nutrientes, a temperatura e o pH. Por este motivo, muitas instituições estudam a relação entre k e tais variáveis. International Panel On Climate Change – IPCC (2018).

Informa ainda que caso o k não seja caracterizado (como nos casos dos estudos feitos pela UNITED STATES ENVIRONMENT PROTECTION AGENCY – USEPA (1991) e BANCO MUNDIAL devemos adotar o k como 0,05 e que a relação do potencial de geração de metano, L_0 , será de acordo com a caracterização do resíduo. A tabela abaixo trata dos valores de L_0 para a matéria orgânica;

Tabela 1: Valores de L_0 em função da degradabilidade do resíduo.

Caracterização do Resíduo	Valor mínimo de L_0 ($m^3 CH_4$ / ton resíduo)	Valor máximo de L_0 ($m^3 CH_4$ / ton resíduo)
Resíduo altamente degradável	225	300

Fonte: World Bank (2003)

Os valores máximos e mínimos de L_0 , irão fornecer, respectivamente, a geração de metano máxima e mínima.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Secretaria de Estado do Planejamento e do Desenvolvimento Econômico fornecem os dados para os anos entre 2010 e 2017, mas para os anos seguintes será necessário calcular uma estimativa para cada população. Para isso, a partir das informações já obtidas, podemos encontrar uma taxa para o crescimento populacional. O Centro de Estratégias em Recursos Hídricos & Energia – CERNE (2018) fornece uma fórmula para este cálculo:

$$r = \left[\left(\frac{P_t}{P_0} \right)^{\frac{1}{t}} - 1 \right] \times 100 \quad (3)$$

Onde:

- r representa a taxa de crescimento populacional;
- P_t a população final;

- P_0 a população inicial;
- n números de anos dentro do período em questão.

Os valores de R_x serão encontrados através da multiplicação da geração de resíduo per capita estimada (t/dia) fornecidos pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos – SEMARH (2016), pela quantidade de dias do ano em que o lixo é desposto no aterro e pela taxa de matéria orgânica dos RSU de cada município.

Tabela 2: Taxa de matéria orgânica dos municípios integrantes do CRERSSAL.

Município	Matéria orgânica (%)
Água Branca	60,63
Canapi	50,85
Delmiro Gouveia	58,49
Inhapi	57,90
Mata Grande	38,91
Olho d'Água do Casado	75,44
Pariconha	59,72
Piranhas	57,69

Fonte: Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos – SEMARH Alagoas

Com todos os elementos conhecidos, podemos conhecer os valores de $Q_{T,x}$ e Q_T , dados pelas fórmulas (1) e (2).

De acordo com BGS Equipamentos para biogás (2013) cada $1m^3$ de metano equivale a 1KWh. Portanto para descobrir o potencial energético anual gerado no município, basta multiplicar o valor encontrado em KWh e dividir pela quantidade de horas que um ano contém: 8760 horas para anos normais e 8784 horas para anos bissextos.

O Centro de Estratégias em Recursos Hídricos & Energia – CERNE (2017) nos fornece os valores médios de comércio por MWh referentes aos leilões de energia nova A4 e A6 do ano de 2017, que dizem respeito as usinas que irão começar a operar em quatro e seis anos, respectivamente. Esses valores foram R\$ 144,51/MWh, para o A4 e de R\$ 189,45/MWh para o A6. Com base nesses valores, iremos calcular o valor de comércio desta produção.

Resultados

De acordo com dados do IBGE e Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos – SEMARH, e da fórmula fornecida pelo Departamento De Informática Do Sistema Único De Saúde – DATASUS tornou-se possível o

conhecimento da taxa para o crescimento populacional e, conseqüentemente, da estimativa da população entre os anos de 2018 e 2021, exposto nas tabelas 4 e 5.

Tabela 4: Taxa calculada para crescimento anual.

Municípios	Taxa de Crescimento
Água Branca	0,69%
Canapi	0,52%
Delmiro Gouveia	1,12%
Inhapi	0,52%
Mata Grande	0,44%
Olho d'Água do Casado	1,36%
Pariconha	0,50%
Piranhas	1,17%

Fonte: Autores.

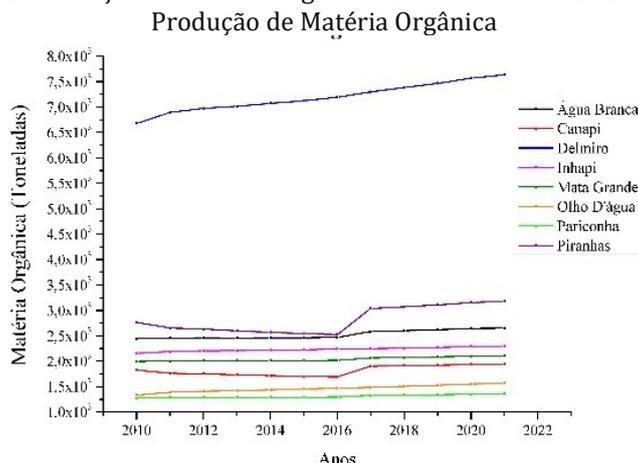
Tabela 5: Estimativa para crescimento populacional entre os anos de 2018 e 2021.

Estimativa para crescimento populacional				
Municípios	2018	2019	2020	2021
Água Branca	20607,5	20748,9	20891,4	21034,7
Canapi	18076,8	18171,1	18265,8	18361,1
Delmiro Gouveia	53188,4	53786,6	54391,4	55003
Inhapi	18748,4	18845,4	18942,8	19040,8
Mata Grande	25702,6	25816,7	25931,3	26046,4
Olho d'Água do Casado	9587,5	9717,8	9849,8	9983,6
Pariconha	10737,7	10791,7	10845,9	10900,4
Piranhas	25594,7	25894,9	26198,6	26505,8

Fonte: Autores.

Com base nos valores da tabela 5 e dados da SEMAHR (2015) e [IBGE](#) foi medida a produção de material orgânico. A figura 1 apresenta a produção em cada município, onde é notório que a quantidade do material orgânico é proporcional ao crescimento da população.

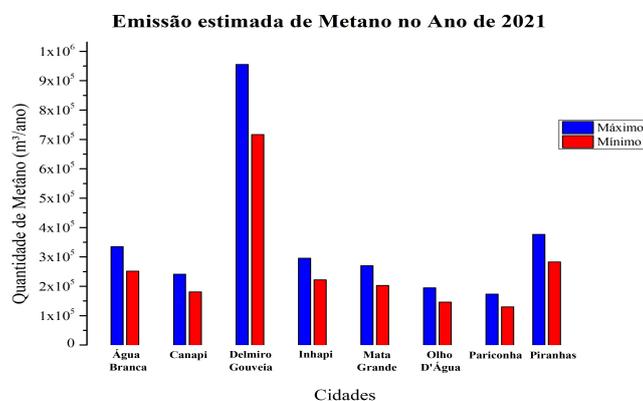
Figura 1: Produção de matéria orgânica entre os anos de 2010 e 2021.



Fonte: SEMARH do estado de Alagoas, 2016 e autores.

A vazão do metano, obtida através do método de Decaimento de Primeira Ordem, apresenta um intervalo originado com base nos valores mínimo ($225 \text{ m}^3 \text{ CH}_4/\text{ton resíduo}$) e máximo ($300 \text{ m}^3 \text{ CH}_4/\text{ton resíduo}$) do potencial de geração de metano (L_0) para resíduo altamente degradável. Foi possível calcular durante os 12(doze) anos uma aproximação da vazão total de biogás mínima de $2,13\text{Mm}^3$ e máxima de $2,84\text{Mm}^3$. A figura 2 apresenta a distribuição da vazão de metano nos municípios analisados.

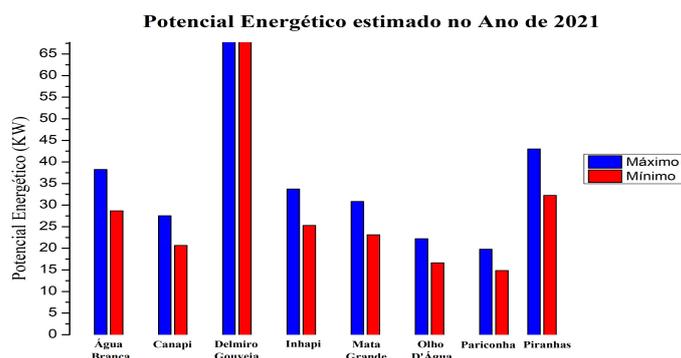
Figura 2: Emissão estimada da vazão mínima e máxima total do metano entre os anos 2010 e 2021.



Fonte: Autores.

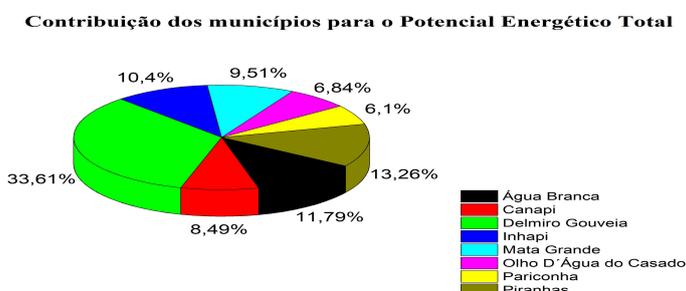
Assim, o potencial total mínimo de geração de energia elétrica para os municípios do CRERSSAL durante o período de estudo é de **243,33 KW** e máximo de **324,44 KW**. As figuras 3 e 4 mostram a distribuição do potencial energético por município.

Figura 3: Potencial energético mínimo e máximo dos municípios que compõem o CRERSSAL entre os anos de 2010 a 2021.



Fonte: Autores.

Figura 3: Porcentagem do potencial energético dos municípios que compõe o CRERSSAL entre os anos de 2010 a 2021.



Fonte: Autores.

O custo mínimo e máximo de produção da energia para o período de 2010 a 2021, fundamentado em dados do Centro de Estratégias em Recursos Hídricos & Energia – CERNE (2017), referente aos leilões de energia Nova A4 e A6 é apresentado na tabela 6.

Tabela 6: Valor de comércio de acordo com os leilões 2017 para energia nova.

Valor de comércio da produção de energia (R\$)		
Leilões de Energia	Mínimo	Máximo
A4	35.165,06	44.640,72
A6	46.887,71	61.468,95

Fonte: Autores.

Discussões

O estudo mostrou que o potencial energético de uma usina de gás metano, alimentada pelo material orgânico presente nos resíduos sólidos da CRERSSAL durante o período de doze anos seria em média de 283,89 KW.

A metodologia aplicada mostra-se eficiente no cálculo da estimativa de potencial energético, pois considera fatores básicos como a taxa de crescimento populacional, e taxa de lixo gerado e entregue ao aterro por cada município.

Outros estudos podem ser realizados para observação dos benefícios da instalação de uma usina geradora de biogás utilizando os RSU's, como também a economia alcançada através da instalação de uma usina geradora de biogás.

Além do objetivo primário deste artigo, que é o estimar o potencial energético de geração de biogás pelos municípios que compõe o CRERSSAL, ressalta-se importantes características do uso deste combustível, redução da emissão de gases de efeito estufa, e melhoria nas condições sanitárias da região que dá tratamento adequado aos seus resíduos.

Em uma perspectiva mais consistente de análise, esta pesquisa procurou evidenciar que utilizando os RSU's de forma adequada, com devido trato e colaboração dos municípios participantes do CRERSSAL, a produção de biogás. De acordo com o potencial energético produzido, pode-se afirmar que prover autonomia para manter entre 1.184,21 à 1.578,94 famílias, ao consumo médio de uma 150 kwh, considerado o consumo médio brasileiro de uma família composta por 4 pessoas.

No entanto, se observarmos o consumo de um único município isolado, podemos afirmar que esse potencial é de pequeno porte, essa produção deverá abastecer pequenas comunidades, ou automação dos processos da usina.

Conclusões

O estudo mostrou que o potencial energético de uma usina de gás metano, alimentada pelos resíduos sólidos da CRERSSAL durante o período de doze anos seria em média de 163,19 KW.

A metodologia aplicada mostra-se eficiente no cálculo da estimativa de potencial energético, pois considera fatores básicos como a taxa de crescimento populacional, e taxa de lixo gerado e entregue ao aterro por cada município.

Outros estudos podem ser realizados para observação dos benefícios da instalação de uma usina geradora de biogás utilizando os RSU's, como também a economia alcançada através da instalação de uma usina geradora de biogás.

Além do objetivo primário deste artigo, que é dimensionar o potencial energético de geração de biogás pelos municípios que compõe o CRERSSAL, ressalta-se importantes características do uso deste combustível, redução da emissão de gases de efeito estufa, e melhoria nas condições sanitárias da região que dá tratamento adequado aos seus resíduos.

REFERÊNCIAS:

ANEEL. Matriz De Energia Elétrica. [online] Disponível em <<http://www2.aneel.gov.br/aplicacoes/capacidadebrasil/OperacaoCapacidadeBrasil.cfm>>. Acesso em 31 de janeiro de 2018

BANCO MUNDIAL. Municipal Solid Waste Incineration – world bank technical guidance report. Washington, D.C. first printing,, 103 p.199.

[BGS Equipamentos. Cálculo da Produção de Biogás. \[online\] Disponível em <http://bgsequipamentos.com.br/blog/calculo-de-producao-de-biogas-2/>. Acesso em 31 de janeiro de 2018.](http://bgsequipamentos.com.br/blog/calculo-de-producao-de-biogas-2/)

CENTRO DE ESTRATÉGIAS EM RECURSOS HÍDRICOS & ENERGIA – CERNE. Biomassa: Retorno dos leilões de energia é positivo e precisa ser contínuo para a fonte. [online] Disponível em: <<http://cerne.org.br/biomassa-retorno-dos-leiloes-de-energia-e-positivo-e-precisa-ser-continuo-para-a-fonte/>> Acesso em 01 de fevereiro de 2018.

DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE – DATASUS. Taxa de crescimento da população – A.3.[online] Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/tabdata/LivroIDB/2edrev/a03.pdf>> Acesso em 05 de fevereiro de 2018.

IBGE. Delmiro Gouveia. [online] Disponível em:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/delmiro-gouveia/panorama>>. Acesso em 29 de janeiro de 2018>.

INTERNATIONAL PANEL ON CLIMATE CHANGE – IPCC. Guidelines for national greenhouse inventories: reference manual, v.3 1997.[online] Disponível em: <http://www.ipcc-nggip.iges.or.jp/public/gl/invs>>. Acesso em 06 de fevereiro de 2018.

PAVAN, M. C. O. Geração De Energia A Partir De Resíduos Sólidos Urbanos: Avaliação E Diretrizes Para Tecnologias Potencialmente Aplicáveis No Brasil. Tese (Doutorado em Energia) – Programa de Pós-Graduação em Energia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS HÍDRICOS – SEMARH. Plano Estadual de Resíduos Sólidos do Estado de Alagoas. 2015.

SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS HÍDRICOS – SEMARH. Plano Intermunicipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos Região do Sertão. 2016.

UNITED STATES ENVIRONMENT PROTECTION AGENCY – USEPA. Air emissions from municipal solid waste landfills. Background information for proposed standards and guidelines. Emission standards. EPA-450/3-90-011a, March 1991.

CABURÉ

**Saberes Acadêmicos
Interdisciplinares**

V. 1, N. 1 (2018)

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA PERÍCIA CONTÁBIL NA JUSTIÇA FEDERAL DE SANTANA DO IPANEMA-AL

**HISTORICAL EVOLUTION OF THE ACCOUNTING EXPERTISE IN THE
FEDERAL JUSTICE OF SANTANA DO IPANEMA-AL**

Iris Karla Virgulino de Souza Cardial

Graduanda e Ciências Contábeis, UFAL
iris_karla_vs@hotmail.com

Hélio Felipe Freitas de Almeida Silva

Mestre em Ciências Contábeis, UFPE
heliofelipe@hotmail.com

Resumo

Atualmente a perícia contábil representa uma das áreas da contabilidade que apresenta demanda crescente. Um dos órgãos governamentais que se utilizam de seus recursos é a Justiça Federal. O presente estudo propõe-se a analisar o mercado de trabalho em perícia contábil na Justiça Federal de Santana do Ipanema, partindo da contextualização histórica da perícia contábil, até as atuais características da perícia contábil na localidade estudada. Para tanto, foi apresentado um questionário à Justiça Federal para se colher as informações necessárias. Ao fim, constatou-se que grande parte dos processos que necessitariam de um profissional perito contábil é amparada por outro profissional efetivo deslocado de sua função. Ademais, foram feitas sugestões de estudos que podem contribuir com o maior conhecimento do mercado de trabalho para os profissionais da área no Estado de Alagoas.

Palavras chave: Perícia Contábil, Justiça Federal, Mercado de Trabalho.

Abstract

Accounting expertise represents one of the accounting areas that presents increasing demand. One of the government agencies that use their resources is the Federal Justice. The present study proposes to analyze the job market in accounting expertise in the Federal Court of Santana do Ipanema, starting from the historical contextualization of the accounting expertise, to the present characteristics of accounting expertise in the studied locality. To do so, a questionnaire was submitted to the Federal Court to collect the necessary information. At the end, it was verified that most of the processes that would require a professional accountant expert is supported by another effective professional dislocated of its function. In addition, suggestions were made for studies that may contribute to a better knowledge of the labor market for professionals in the area in the state of Alagoas.

Keywords: Accounting Skills, Federal Justice, Job Market.

Introdução

A Perícia Contábil ainda é uma área com pouco estudo e com o mercado desconhecido por alguns profissionais da área. Portanto, é importante levar conhecimento sobre a história dessa profissão e sobre o mercado de trabalho.

Existem muitos profissionais formados na cidade de Santana do Ipanema/AL que poderia atuar como perito contador, principalmente levando em consideração o fato da oferta de curso superior na área de Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Alagoas, mas podem desconhecer ou serem rejeitados por falta de oportunidade.

Essa área exige uma condição legal, onde o perito contador deve ser totalmente capacitado para exercer a profissão. A Perícia Contábil “é um instrumento especial de constatação, prova ou demonstração, científica ou técnica, da veracidade de situações, coisas ou fatos” (ALBERTO, 2010, p. 3), isso demonstra a importância de técnicas responsáveis que servem como prova para os fatos contábeis.

Contudo, ao iniciar as pesquisas sobre Perícia Contábil ainda é possível perceber indícios de fragilidade no mercado para esses profissionais dentro da região estudada, que concentra seus casos predominantemente na Justiça Federal.

Nesse contexto, surge a necessidade de avaliar o seguinte problema: como está o mercado de trabalho da Perícia Contábil na Justiça Federal em Santana do Ipanema – AL? A resposta ajuda a compreender melhor a forma e o mercado disponível para os atuais e futuros contadores que desejam inserir-se nessa área cada vez mais rentável da contabilidade.

Portanto, além de observar o atual momento da perícia contábil em Santana do Ipanema, também se contextualizou o assunto através de consultas de autores da área como: Alberto (2010); Sá (2000), procurando extrair dessas e outras obras a contextualização histórica necessária à boa compreensão do tema.

O estudo foi desenvolvido na Justiça Federal de Santana do Ipanema – AL, avaliando o mercado de trabalho dos profissionais em Perícia Contábil, de maneira que se pudesse examinar as características, a utilidade e o histórico de Perícias Contábeis da região. Ressalta-se, portanto, que houve uma abordagem histórica da Perícia Contábil mostrando sua evolução até o estágio atual.

A Justiça Federal da cidade de Santana do Ipanema foi escolhida por atender 22 municípios do sertão de Alagoas, o que a caracteriza como uma boa representante da realidade da região. Ao final desse estudo foi possível entender as dificuldades e potenciais para a atuação do perito contador em Santana do Ipanema.

Para obtenção desses resultados foi realizado um levantamento histórico dos processos existentes nos quais foi necessário um perito contador. Portanto, a abordagem foi quantitativa e qualitativa, onde os dados obtidos foram provenientes da aplicação do questionário na Justiça Federal de Santana do Ipanema – AL.

A Contabilidade

A contabilidade sempre esteve presente, pois desde os primórdios da civilização, era necessária para otimizar seus recursos. Essa ideia é reforçada por Sá (2010) quando afirma que:

Pedaços de ossos de rena foram encontrados em razoável quantidade no sul da França e muitas grutas conservam ainda, em países da Europa e no Brasil, inscrições sobre objetos e animais. O desenho do animal ou da coisa representava a natureza da utilidade que o homem primitivo havia conquistado e guardara; os riscos que quase sempre se seguiam ao desenho da coisa ou objeto denunciavam a quantidade existente (SÁ, 2010, p. 22).

Essa antiga ciência, de fato, tem como objetivo controlar, estudar e avaliar o estado do patrimônio das empresas. Em uma conceituação mais abrangente Franco (1997) define contabilidade como:

A ciência que estuda os fenômenos ocorridos no patrimônio das entidades, mediante o registro, a classificação, a demonstração expositiva, a análise e a interpretação desses fatos, com o fim de oferecer informações e orientação – necessárias à tomada de decisões – sobre a composição do patrimônio, suas variações e o resultado econômico decorrente da gestão da riqueza patrimonial (FRANCO, 1997, p. 21).

Levando em consideração tal definição pode-se observar a importância dessa ciência social na gestão do patrimônio nas entidades a que se destinam.

A Ciência Contábil passou, ao longo de sua história, por diversas evoluções que podem ser divididas em quatro períodos, sendo eles: antigo, medieval, moderno e científico. No período antigo, a contabilidade era feita com materiais rústicos, tais como: argila, barro e ossos, representadas em tábuas e fichas para retratar o patrimônio.

Durante o período medieval o comércio necessitava de uma técnica mais avançada para escrituração de suas contas, então foi criada a técnica das partidas dobradas que serve como base para os tempos atuais.

Já no período moderno, a contabilidade – através da descoberta do método das partidas dobradas – começou a ser considerada como ciência e não mais como arte de possuir e contar. Por sua vez, a partir do período científico a contabilidade passou a servir como apoio para o gerenciamento das empresas, nesse período também nascem as principais escolas doutrinárias.

A escola contista foi a primeira escola do pensamento contábil. Desenvolvida por Luca Paciolo, ela priorizava o estudo das partidas dobradas, que foi a base da contabilidade. Posteriormente, a contabilidade continuou se desenvolvendo passando pelas escolas administrativa, personalista, controlista, neocontista, norte-americana, chegando até a escola patrimonialista. Todas elas contribuíram para o amadurecimento profissional da contabilidade.

Ao longo desses períodos e escolas, a Perícia Contábil vem demonstrando sua importância na verificação de fatos, de forma pessoal ou coletiva, nos processos judicial ou extrajudiciais. Contudo Sá (2011) ressalta que foi apenas a partir do decreto 5.746, em 1929, de forma objetiva regulou sobre a exigência de atribuir-se apenas ao contador a tarefa pericial.

A Perícia Contábil

A palavra perícia vem do latim, *peritia* (habilidade, saber). Essa expressão configura uma figura jurídica, que em seu sentido lato, significa: “diligência, realizada por peritos, a fim de evidenciar determinados fatos, efetuada por pessoa de reconhecida habilidade ou experiência na matéria investigada” (MORAIS, 2000, p. 29). Tem como significado o conhecimento, habilidade que faz referência ao conhecimento obtido por meio de experiência.

Alberto (2010) afirma que são encontrados vestígios de perícia que foram registrados e documentados no Egito antigo e na Grécia antiga, com o início dos conhecimentos jurídicos. Também há registros na Índia, onde surgiu a figura de um árbitro eleito entre as partes, que na verdade era perito e juiz ao mesmo tempo ressalta.

No mesmo sentido, Alberto (2010) diz que, no direito romano, é possível perceber de forma clara a figura do perito sem estar dissociada da do árbitro, ou seja, o magistrado tinha a faculdade de deferir o juízo da causa a homens que, através de seus conhecimentos técnicos, melhor pudessem pronunciar-se sobre os fatos.

A Perícia Contábil é realizada por um profissional graduado em contabilidade e que possui o registro no Conselho Regional de Contabilidade (CRC). Sua função é contribuir com a justiça para deliberação de processos que envolvam pessoas físicas e jurídicas, com uso de ferramentas contábeis para investigação e apresentação de provas.

De acordo com Santos (2011, *apud* HOOG, 2011, p. 55), perícia pode ser definida como um exame, ou avaliação, da contabilidade de uma entidade, com o fim de analisar se existe “regularidade ou irregularidade, ou a situação dos fatos ou somente de certos fatos que à mesma administração se prendem”. Dessa forma, os procedimentos que são utilizados servem para ajudar no embasamento da conclusão do processo que será demonstrado através de parecer pericial ou laudo pericial contábil.

Alberto (2010) diz que as perícias são diferenciadas de acordo com o ambiente em que atuam. Esses locais podem ser definidos, de modo geral, como a esfera judicial, a esfera extrajudicial, a esfera arbitral e a esfera semijudicial.

A Perícia Contábil Judicial é realizada quando existe uma polêmica, uma dúvida significativa, ou ainda uma insegurança jurídica sobre determinado tema. Este tipo de perícia “é aquela realizada dentro dos procedimentos processuais do Poder Judiciário, por determinação, requerimento ou necessidade dos seus agentes ativos” (ALBERTO, 2010, p. 38). Essa perícia normalmente segue as indicações do juiz, as regras das Normas Técnicas da Perícia e do CPC que varia a forma de aplicação para cada caso.

A Perícia Contábil extrajudicial não é realizada em um ambiente judicial, ela é feita através de contratação de pessoa física ou jurídica. A perícia contábil extrajudicial “é aquela realizada em caso de: fusão; cisão; incorporação; e medidas administrativas” (HOOG, 2011, p. 242). Esse tipo de perícia “é aquela realizada fora do Estado, por necessidade e escolha de entes físicos e jurídicos particulares” (ALBERTO, 2010, p. 38).

Já a Perícia Contábil Arbitral “é aquela realizada no âmbito do juízo arbitral. São realizadas para provar algo ou para subsidiar decisão” (ALBERTO

2010, p. 35). Esta é realizada dentro do juízo arbitral que “é a instância decisória criada pela vontade das partes, também denominada de justiça privada” (ZANNA, 2007, p. 63).

A Perícia Contábil Semijudicial, é realizada dentro das instituições de estados, mas não fazem parte do judiciário, são realizadas por autoridades fiscais e tributárias. A perícia contábil semijudicial “é aquela realizada dentro do aparato institucional do Estado, porém fora do poder judiciário” (ALBERTO, 2010, p. 39).

Perícia Contábil no Brasil

No Brasil, foi criado um Código de Processo Civil (CPC), onde era estabelecido regras para o Perito Contábil. Esse decreto teve alteração em janeiro de 1946 através do Decreto Lei nº 8.570 que teve como objetivo modificar o papel do perito e a forma da produção da prova pericial.

Mesmo após essas mudanças, a perícia contábil ainda não tinha sido regulamentada como profissão e, mesmo após ser institucionalizada, ainda sofreu modificações. Cantil (2013) afirma que foi por meio do Decreto-Lei nº 9.295 de 1946, através da criação do Conselho Federal de Contabilidade (CFC) que a Perícia Contábil foi institucionalizada e regulamentada como profissão contábil. Em 1973, com a divulgação do novo CPC, a perícia apresentou regras mais claras e ordenação jurídica mais conveniente.

No estágio atual da profissão de perito contador são disciplinadas pelas Normas Brasileiras de Contabilidade (NBCs), através da Resolução CFC 1.243/09 que se refere às Normas Técnica da Perícia Contábil (NBC TP 01) e pela Resolução CFC 1.244/09 que se refere às Normas Profissionais de Perito Contábil (NBC PP 01 e NBC PP 02).

96

Santana do Ipanema

O município de Santana do Ipanema possui, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a maior população e o maior Produto Interno Bruto (PIB) per capita de sua microrregião. Chagas (2012) corrobora sua importância quando a classifica como a cidade mais importante de sua mesorregião.

Sua população apurada pelo IBGE no Censo de 2010 foi de 44.932 habitantes. Já para o ano de 2018, estima-se que essa população evoluiu para aproximadamente 47.486 habitantes. Suas fronteiras são divididas com outros 7 municípios, sendo 6 deles alagoanos e 1 pernambucano.¹³ Isso demonstra sua localização estratégica para a região.

Justiça Federal em Santana do Ipanema

¹³ Municípios alagoanos vizinhos: Dois Riachos, Olivença, Olho D’água das Flores, Senador Rui Palmeira e Poço das Trincheiras e Águas Belas. Município pernambucano: Carneiros.

O presente estudo foi realizado na Justiça Federal de Santana do Ipanema – AL, com o intuito de avaliar o mercado de trabalho da perícia contábil.

De acordo com o portal da Justiça Federal:

A 11ª Vara Federal foi instalada pelo presidente do Tribunal Regional Federal da 5ª Região - TRF5, desembargador federal Paulo Roberto de Oliveira Lima, e pelo diretor do Foro da Seção Judiciária de Alagoas, Paulo Machado Cordeiro. Possui jurisdição sobre 22 municípios do Sertão Alagoano: Água Branca, Canapi, Carneiros, Dois Riachos, Delmiro Gouveia, Inhapi, Jacaré dos Homens, Maravilha, Mata Grande, Monteirópolis, Olho d'Água das Flores, Olho d'Água do Casado, Olivença, Ouro Branco, Palestina, Pão de Açúcar, Pariconha, Piranhas, Poço das Trincheiras, São José da Tapera, Senador Rui Palmeira e Santana do Ipanema, beneficiando milhares de pessoas.

A 11ª Vara da Justiça Federal de Alagoas chegou a Santana do Ipanema em 02 de março de 2012. Ela possui jurisdição sobre 22 municípios do sertão de alagoas, beneficiando, portanto, muitas pessoas.

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, de cunho bibliográfico e empírico, pois foi realizado um levantamento com objetivo de avaliar o mercado de trabalho da perícia contábil no âmbito da justiça federal de Santana do Ipanema.

Para auxiliar no alcance do objetivo, fez-se uma abordagem quantitativa e qualitativa, além da contextualização histórica através da realização do levantamento bibliográfico acerca do surgimento, evolução e métodos utilizados na Perícia Contábil até os dias atuais.

A amostra do mercado analisada foi na Justiça Federal de Santana do Ipanema – AL, onde realizou-se a investigação do histórico dos serviços periciais contábeis, através da aplicação de questionário,¹⁴ que procuraram observar além da quantidade de processos, os procedimentos adotados e qual a destinação para resolução utilizada.

A partir daí, através da utilização de elementos quantitativos e qualitativos, foi possível realizar o exame detalhado dos processos existentes que necessitaram de um perito contador para fazer a análise do mesmo. Através dos questionamentos, puderam ser interpretadas as características da perícia contábil, sua utilidade na justiça federal, suas deficiências e oportunidades no âmbito estudado.

O questionário aplicado contém onze perguntas direcionadas à diretoria da Justiça Federal de Santana do Ipanema. Elas foram respondidas em forma de conversa (subjetivamente) e não – portanto – limitadas ao conteúdo dos questionamentos, o que possibilitou uma melhor compreensão e abertura sobre o trabalho do perito contábil nesse ambiente.

¹⁴ O questionário pode ser visto no apêndice A disponível ao fim desse estudo.

Análise dos resultados

A partir da aplicação da metodologia descrita acima, foi possível averiguar que, apesar de haver demanda por cálculos periciais contábeis, a justiça federal de Santana do Ipanema não conta com um setor contábil específico para tais casos.

Segundo o entrevistado, os processos periciais contábeis mais simples são feitos por um servidor da Justiça de Federal de Santana do Ipanema que é formado em contabilidade, com a ajuda de uma estagiária que também é da área. Quando há a necessidade de um cálculo mais complexo é nomeado um perito contábil, o que normalmente é realizado utilizando-se o serviço dos profissionais que estão cadastrados na capital.

Apesar de não ter um setor direcionado a perícia contábil na JFAL de Santana, cerca de 99% dos processos são julgados apenas com o auxílio dos seus servidores. Portanto, é rara a necessidade de nomeação de um perito contador.

Na capital alagoana a demanda por peritos contábeis é maior por se tratar de causas mais complexas, como uma das possíveis justificativas para que isso ocorra foi apresentado como exemplo as ações contra a Caixa Econômica Federal, que abordam temas referentes ao sistema financeiro habitacional, que demanda maior conhecimento e experiência na área específica de perícia.

Os peritos contábeis que são nomeados não fazem parte do quadro da Justiça Federal, são peritos particulares que trazem documentação e currículo para inserir no sistema que é chamado de Assistência Judiciária Gratuita. A partir daí, o perito fica cadastrado em um sistema nacional, quando alguém precisa de um profissional dessa área vai a procura desse cadastro.

A Justiça Federal de Santana do Ipanema possui jurisdição sobre 22 municípios do Sertão Alagoano, sendo eles: Água Branca, Canapi, Carneiros, Dois Riachos, Delmiro Gouveia, Inhapi, Jacaré dos Homens, Maravilha, Mata Grande, Monteirópolis, Olho d'Água das Flores, Olho d'Água do Casado, Olivença, Ouro Branco, Palestina, Pão de Açúcar, Pariconha, Piranhas, Poço das Trincheiras, São José da Tapera, Senador Rui Palmeira e Santana do Ipanema.

O local estudado se caracteriza como uma vara mista, porque atende todo tipo de litígio. Já na cidade de Maceió existem varas especializadas. A JFAL opera como jurisdição plena, por ser uma vara única. Então, é processado todo tipo de litígio, principalmente crimes federais, ações cíveis, execução fiscal e ações de competência do juizado especial federal.

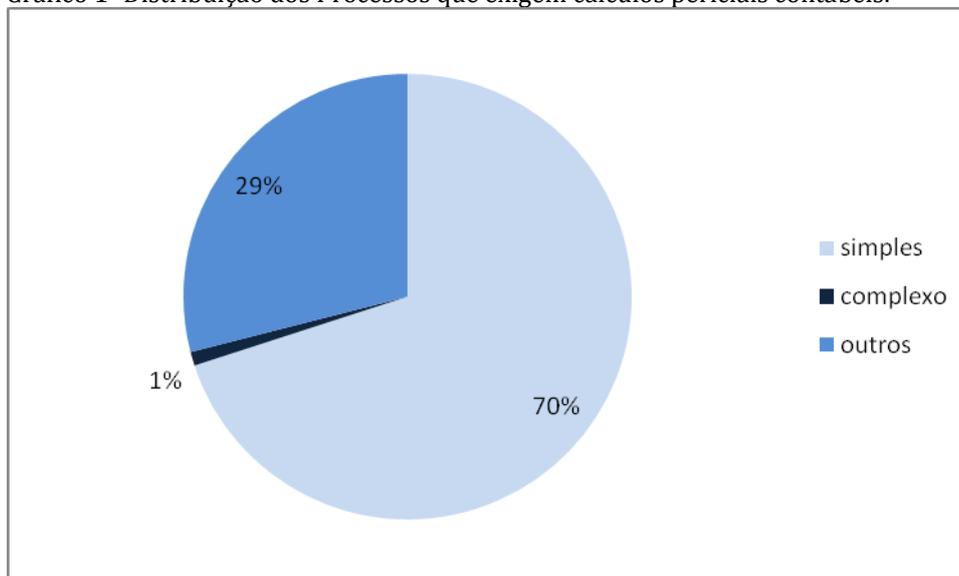
Sempre que uma ação envolva a União e partes seja ela administrativa direta ou indireta, autarquias e fundações, todos eles são julgados na Justiça Federal dessa cidade. Por exemplo: um assalto contra os Correios, ou a Caixa Econômica ou um crime de corrupção política envolvendo verba federal. Uma das partes processuais precisa ser a União Federal.

Em decorrência da grande abrangência de processos, a JFAL de Santana do Ipanema estava atendendo, no período da pesquisa de campo deste trabalho, cerca de 5.500 processos. Além disso, em média, 800 novos processos são iniciados por mês, o que demanda agilidade na resolução dos processos. Essa necessidade de agilidade pode ser também um dos fatores responsáveis pela realização dos cálculos periciais contábeis mais simples no próprio local.

Conforme verifica no Gráfico 1, cerca de 70% das ações necessitam de cálculo pericial contábil simples, para os cálculos mais complexos a demanda é

apenas de 1%. Os 29% restantes não necessitam de cálculo contábil. Isso dificulta a nomeação de um perito contábil.

Gráfico 1- Distribuição dos Processos que exigem cálculos periciais contábeis.



Fonte: Elaboração Própria

Entre os diversos assuntos tratados nos processos, o mais corriqueiro litígio é: direito previdenciário, por exemplo: um pedido de aposentadoria, calcular a renda mensal desse trabalhador nos últimos 30 anos, ou para pagar os atrasados que ele não recebeu durante os anos do INSS. Isso exemplifica o tipo de cálculo considerado simples e corriqueiro pelos responsáveis.

Em Santana do Ipanema não existe nenhum perito contador cadastrado na assistência judiciária gratuita, por essa razão os processos que necessitam desse serviço são encaminhados e concentrados na capital alagoana. Essa pequena realidade, representa uma oportunidade não aproveitada pelos profissionais da região.

Segundo a própria direção, além de um profissional cadastrado no sistema, seria importante um cargo privativo para contador, uma vez que o servidor que atualmente realiza os cálculos apesar de ter um nível superior na área é deslocado de outro cargo para exercer essa função. Tal improvisação foi mantida ao longo do tempo, tornando-se comum a ausência do profissional especializado.

Os honorários dos peritos contábeis são estabelecidos de acordo com Resolução N^o 232, de 13/07/2016, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) que fixa os valores a serem pagos no âmbito da Justiça Federal no primeiro e segundo grau em todo o território nacional. Os valores são apresentados na Tabela 1 a seguir.

Tabela 1- Honorários Periciais

ESPECIALIDADES	NATUREZA DA AÇÃO E/OU ESPÉCIE DE PERÍCIA A SER REALIZADA	VALOR MÁXIMO
1.CIÊNCIAS ECONÔMICAS/ CONTÁBEIS	1.1 – Laudo produzido em demanda proposta por servidor(es) contra União/Estado/Município	R\$ 300,00
	1.2 – Laudo em ação revisional envolvendo negócios jurídicos bancários até 4 (quatro) contratos	R\$ 370,00
	1.3 – Laudo em ação revisional envolvendo negócios jurídicos bancários acima de 4 (quatro) contratos	R\$ 630,00
	1.4 – Laudo em ação de dissolução e liquidação de sociedades civis e mercantis	R\$ 830,00
	1.5 – Outras	R\$ 370,00

Fonte: Anexo da resolução 232, de 13 de julho 2016

Conforme pode ser observado o valor varia de acordo com a natureza de ação e/ou espécie da perícia podendo chegar até R\$ 830,00. Estes valores são respeitados pelos profissionais que atuam no âmbito da Justiça Federal, contudo cabe salientar que o valor dos processos pode ser alterado pelo juiz, dependendo de sua complexidade, em até 5 vezes mais do que o valor tabelado.

Cabe salientar ainda que a resolução apresentada é antiga, sendo atualizada primeiramente no ano de 2014 após estar congelados a mais de dez anos a segunda alteração foi feita no em 2016 que está em vigor até o momento. Apesar do avanço é sempre necessário a atualização para evitar que os valores fiquem defasados de seu valor real.

Por fim, levantou-se também a possibilidade de uma investigação na Justiça do Trabalho, já que os processos trabalhistas podem conter maior demanda pelo profissional contábil especializado em perícia.

Considerações finais

Esse trabalho buscou apresentar a história da Perícia Contábil com o intuito de disseminar conhecimentos fundamentais sobre ela, apresentando a figura profissional e sua importância para a área.

Nesse sentido, entendeu-se que a Perícia Contábil na Justiça Federal de Santana do Ipanema é muito utilizada, variando entre casos simples, que é sua grande maioria, e casos mais complexos. Para efetuar uma perícia contábil mais simples a JFAL de Santana conta com um servidor formado em contabilidade, mas que exerce outra função o que sobrecarrega o setor para atender outras demandas.

Foi possível perceber também que não existem peritos contábeis cadastrados em Santana do Ipanema, por esse motivo os casos mais complexos são enviados para Maceió contando com a nomeação de um profissional cadastrado lá.

Percebe-se que há uma necessidade de um perito contábil para atuar na Justiça federal de Santana, mesmo se tratando de casos mais simples, esse profissional poderia fazer o trabalho direcionado ao perito contador sem precisar nomear um da capital e sem sobrecarregar os outros servidores.

Além de um profissional cadastrado para fazer a perícia contábil também há a necessidade da existência de um cargo direcionado a um contador, é prática comum da JFAL de Santana utilizar se um servidor para essa função e por esse motivo nunca foi mencionada a abertura de uma vaga para esse profissional.

Tais achados ampliam o conhecimento dos alunos e dos profissionais contábeis sobre o referido mercado de trabalho; além de servir de amparo estatístico para avaliação da própria JFAL em Santana do Ipanema/AL.

Os limites desta pesquisa dizem respeito a subjetividade da entrevista à JFAL, com aplicação de questionário, que – como toda avaliação subjetiva – tem sempre uma influência interpretativa por parte do pesquisador.

O mercado de trabalho em Perícia Contábil na referida região, portanto, mostra-se influenciado pelo deslocamento de um funcionário de outra função, para atender as necessidades da justiça.

Sugere-se pesquisas similares, alterando a amostra e a região avaliada para compreender o funcionamento na prática da Justiça Federal de Alagoas. Além disso, a recomendação de verificar a demanda por perícias contábeis na Justiça do Trabalho pode ser alvo de trabalhos posteriores.

Referências

ALBERTO, Valder Luiz Palombo. **Perícia Contábil**. 4 ed. São Paulo. Atlas, 2010.

CANTIL, Jane Clea Guimarães. **A inserção do contador como perito no mercado judicial estadual de Vitória da Conquista em 2013**. Monografia. Departamento de Ciências Sociais Aplicadas -DCSA, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB. Vitoria da Conquista/BA, 2013. 98 pag.

CHAGAS, Clerisvaldo Braga das; FAUSTO, Marcello. **Lampião em Alagoas**. Maceió; Grafmarques, 2012.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. Resolução CFC 1.243/09 que se refere às Normas Técnica da Perícia Contábil (NBC TP 01) e pela Resolução CFC 1.244/09 que se refere às Normas Profissionais de Perito Contábil (NBC PP 01 e NBC PP 02).Disponível em: <<https://cfc.org.br/tecnica/normas-brasileiras-de-contabilidade>>. Acesso em: 12 de setembro, 2018.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Resolução Nº 232 de 13/07/2016 que fixa os valores dos honorários a serem pagos aos peritos, no âmbito da Justiça de primeiro e segundo graus, nos termos do disposto no art. 95, § 3º, II, do Código de Processo Civil – Lei 13.105/2015. Disponível em: < <http://www.cnj.jus.br/busca-atos-adm?documento=3152>. Acesso em: 25 de setembro, 2018.

FRANCO, Hilário. **Contabilidade geral**. 23. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

HOOG, Wilson Alberto Zappa. **Prova pericial: teoria e prática**. 9. ed. Curitiba: Juruá, 2011.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>>Acesso em: 12 setem. 2018.

JFAL - Justiça Federal de Alagas. Disponível em: <http://www.jfal.jus.br/noticias/2832>>. Acesso em: 20 setembro, 2018.

MORAIS, Antonio Carlos; FRANÇA, José Antonio de. **Perícia Judicial e Extrajudicial: Uma abordagem Conceitual e Prática**. Brasília: Qualidade, 2000.

SÁ, Antonio Lopes. **Perícia Contábil**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2000.

_____. **Perícia Contábil**. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ZANNA, R. D. **Prática de perícia contábil**. 2. ed. São Paulo: IOB Thonson, 2007.

Apêndice A – Questionário

- 1- A Justiça Federal de Santana do Ipanema atende efetivamente a quantos municípios?
- 2- Quais são os tipos de processos que tramitam na justiça federal de Santana?
- 3- Aproximadamente Quantos processos estão tramitando atualmente na JFAL?
- 4- Em média quantos processos tem início na JFAL por mês?
- 5- Qual o percentual (aproximado) de processos que demandam uma perícia contábil?
- 6- Os processos que têm perícia contábil tratam de que tipo de litígio?
- 7- Os peritos contábeis que atuam nos processos da JFAL são de Santana ou de outra região?
- 8- Existem peritos contábeis suficientes para atender a demanda da JFAL?
- 9- Qual seria o número ideal e aproximado de peritos contábeis atuantes em Santana para atender a JFAL?
- 10- Qual o valor de honorários médio (aproximado) pagos pela JFAL aos peritos em cada processo que tem perícia?
- 11- Qual o prazo médio de duração de uma perícia contábil?

